





AVRES D'ORNELLAS



Um Anno de Guerra

—
(Agosto de 1914 a Agosto de 1915)

Os Soberanos da heroica Belgica

MAGALHÃES & MONIZ, L.^{DA} — EDITORES

11, LARGO DOS LOYOS, 14

—
PORTO — 1916



1840

1840

1840

1840

Do Museu Português da Grandefuerra

o A

UM ANNO DE GUERRA

O autor.

Distro. Junho 1917

OBRAS DO MESMO AUCTOR

- Mousinho d'Albuquerque e a sua acção em Moçambique** — Conferencia na Sociedade de Geographia de Lisboa.
- Raças e Linguas indigenas em Moçambique** — Memoria apresentada ao Congresso Colonial — 2.^a edição, feita em Lourenço Marques, exgotada.
- A Expansão de Portugal** — Brevemente 2.^a edição, muito augmentada.
- Politica Maritima Nacional** — Conferencia na Liga Naval.
- A Marinha Portuguesa.**
- As doutrinas politicas de Charles Maurras** — (Com o retrato do auctor).
- Um Anno de Guerra.**

AYRES D'ORNELLAS

UM ANNO DE GUERRA

(AGOSTO DE 1914 A AGOSTO DE 1915)



PORTO
LIVRARIA MAGALHÃES & MONIZ, L^{DA}
11, LARGO DOS LOVOS, 14

1916

UM ANNO
DE GUERRA



LIVRARIA MATHIAS & ALMEIDA
RUA DO COMENDADOR JOAQUIM DOS SANTOS, 10
RIO DE JANEIRO

1918

Quizeram os imprevistos d'uma viagem que estivesse em Kiel na Grande Semana das Regatas de 1911. Não foi a luta entre os hiates dos millionarios americanos e o *Meteor* que mais me despertou a attenção: tinha alli defronte das janellas do hotel as quatro divisões de navios de batalha e as duas de cruzadores, que prefaziam as 26 unidades da esquadra,¹— n'esse mesmo anno accrescida com os quatro *super-dreadnoughts* de 22 mil ton. classe Helgoland, e com o grande cruzador couraçado da mesma tonelagem, v. Moltke, dando 24.8 nós de velocidade. Não sendo do officio não podia apreciar todo o valor technico do que via, mas como soldado sabia avaliar o que era a trenagem que presenciava. Dizer que era constante, que era incessante, não basta, era perenne no mar e em terra.

1. 1.^a Div. : Westphalia, Nassau, Rheinland, Posen.

2.^a Div. : Hannover, Silesia, Mecklemburg, Wettin.

3.^a » : Prussia, Schleswig, Alsacia, Hesse.

4.^a » : Brunswick, Lorena, Pomerania, Deutschland.

Cruzadores: Blucher, v. d Tann, Mainz, Holberg, Dresden, Roon, Yorck, Berlin, Lubeck, Stettin.

A labuta militar, o trabalho no arsenal, a instrução nos quartéis e no mar dava a impressão de não parar nunca. Não traduzia agitação, nem pressa, nem muito menos parecia occasional: era assim sempre e por toda a parte. Sabia-se já então que o programma naval estaria completo muito antes do prazo marcado; n'uma larga visita d'automovel ao Canal de Kiel adquirira egualmente a certeza de que muito breve estava concluido.

As regatas, que na realidade só representavam uma instrução a mais, concluíam com uma grande festa, precisamente no hotel em que estava. Alli vi, com o Principe Henrique da Prussia, os Estados Maiores das Esquadras e officialidade dos navios de guerra: tudo respirava força, vigor, mocidade. E se, como aliás podia notar nas tripulações quem por mais d'uma vez vira de perto esquadras inglezas, faltava a uns como a outros o que quer que é de indefinivel devido a uma tradição naval unica e que tanto impressiona na *Royal Navy*, não restava por outro lado duvida de que aquella esquadra era uma Força naval, tripulada por gente de guerra e commandada por homens de mar.

Depois, uma manhã, o *Hohenzollern* zarpava, e com

o Estandarte Imperial içado, passava entre as longas filas da esquadra saudado pela artilharia e pelos Hoch da marinagem, e perdia-se ao longe na immensa bahia de Kiel, com a prôa para a Noruega. Começara o Kaiser o seu cruzeiro annual.

Dois dias mais tarde, ao abrir a janella, via attonito o *Hohenzollern* fundeado, baloiçando pacatamente á brisa o signal de que o Kaiser não estava a bordo. Mas Guilherme 2.^o estava bem a bordo e recebia successivamente o almirante Von Tirpitz, o chanceler do Imperio, o Chefe do Estado Maior General. Na manhã seguinte o telegrapho annunciava ao mundo que o *Panther* fundeára em Agadir, nome com que modernamente se disfarça aquelle outro, de tanta tradição portugueza—*Santa Cruz do Cabo de Guerra!*

Está na memoria de todos o que foi esse novo depôr da espada alleman na balança da politica europeia. Pelas diversas cidades onde fazia étape na volta para aquem Rheno, ia presenciando o estremeção viclento d'um povo ebrio de força, fanatisado pelo orgulho da sua indiscutida superioridade. Aquella opinião publica não pôderia muito ser agitada em vão. Não aceitava já reconhecer possiveis quaesquer obstaculos ao seu querer; *pro ratione vo-*

luntas! No embate inilludível com o germanismo integro, na sua força intellectual, scientifica, commercial e industrial, todos integrados pela força militar na Nação Armada, com o proposito irreductível de germanisar o globo terrestre para sua maior ventura, como resistiria a nossa antiga civilisação defendida em primeira linha por uma democracia anarchisante?

Formidavel problema que desde então via perante mim claro e nitido. Porque o contraste era absoluto. Além, uma nação de população crescente, regida ha um quarto de seculo pelo mesma poderosa mão, educada toda n'uma doutrina, a da sua superioridade; trenada n'um espirito só, o da luta; tendo em mira um fim unico, dominar. Mais pesada ia successivamente sendo a sua intervenção na politica porque em 15 annos galgára ao segundo logar entre as potencias navaes, porque a sua força militar ia a breve trecho subir á cifra extraordinaria de cerca de um milhão d'homens no pé de paz! Aquem, um paiz onde o acrescimo de população ia parando, com um governo cada seis mezes, onde tudo quanto constituia força nacional se diluia nas lutas parlamentares, onde a politica externa oscillava entre Kiel

e Tanger, onde a Republica justificando a sua definição — regimen de guerra civil — propositadamente tinha como politica interna sacrificar o interesse nacional, o sentir e o pensar da massa da nação, ao doutrinarmos theorico pacifista, humanitario, e laico. Assim era ferozmente combatida a lei salvadora que vinha dar ao Exercito os effectivos indispensaveis, e Maurice Barrés narrava as sessões d'um inquerito parlamentar sob o titulo suggestivo: — *Dans le Cloaque* — ao passo que um dos chefes socialistas declarava que para fazer a guerra era preciso um Rei: *Faites un roi, sinon faites la Paix!* Deveras, na sua estructura official a nação parecia desagregar-se. Como resistir ao embate do bloco formidavel que de longe vinha preparado para a esmagar?

Dois elementos essenciaes surgiam a responder: a capacidade do generalissimo, a confiança que n'elle e no seu chefe de Estado Maior¹ depositavam os do officio

¹ Joffre e Castelnau. São os dois homens mais atacados desde a sua nomeação e ainda agora depois das victorias, por Clémenceau, typo acabado do anarchismo revolucionario. Para elle como para Saint Just, um *general*, tem sempre o que quer que seja de *monarchico*.

e a attitude do povo dos campos e da officina perante a brutalidade da provocação alleman: *Il faut en finir!*

Seria isto bastante? Porque a pressão alleman vinha de traz. Sadowa e Sedan tinham dado ao nome allemão um prestigio tanto maior quanto mais fulminante fôra a victoria. Houve um meio seculo de admiração pela Allemanha.

O prestigio militar trouxe-lhe uma especie de dominio intellectual, e a superioridade alleman passou a ser indiscutida do Tratado de Francfort para cá. E na Republica, forma unica de governo que Bismarck consentira á França, a submissão intellectual infiltrou-se no ensino, como a submissão economica, preparando um Gibraltar allemão nas costas da Mancha, ¹ creando um Creusot allemão em plena Normandia, ² como a submissão financeira, mantendo um allemão á frente do 1.º estabelecimento de credito do Pais ³ e outro á testa da moagem franceza. ⁴

¹ O porto de Diélette.

² Les fonderies et aciéries de Caen.

³ Emil Ulmann, no Comptoir d'Escompte.

⁴ Lucien Baumann nos Moulins de Corbeil.

No dominio militar fôra necessario o ensino dos Mailard, Bonnal, Foch, para restaurar a doutrina de guerra do Imperador. Mas o Governo, alluindo o serviço d'informações do Estado Maior General por occasião d'um processo celebre,¹ deixava por seu lado o campo aberto e livre a toda a meticolosa organização da *ante-guerra* allemã. O povo allemão alastrára os seus tentaculos sobre a França por forma que organismo algum do paiz parecia ter podido eximir-se á sua acção. E quando soou a hora marcada, desengatilhou-se o mechanismo colossal, e sem um empeno, a nação germanica toda veiu para a guerra: exercito, officinas, industrias, bancos, vias ferreas, reservas inexgotaveis, uma opinião publica unanime, internamente, externamente preparada por um serviço d'imprensa e de propaganda, previsto tambem até á ultima minucia.

A Batalha da Marne aguentou e fez recuar tudo isto. O Generalissimo francez preparára de começo a offensiva, manobrando com a sua esquerda composta de

¹ Foi Waddington que por occasião do processo Dreyfus supprimiu a Service des Renseignements no Estado Maior General.

tres exercitos e do Corpo expedicionario inglez entre o Luxemburgo e a Belgica, tendo a direita apoiada na linha de fortificações da fronteira coberta pelas tropas operando na Lorena e na Alsacia. Iniciada a 21 d'agosto, a offensiva estava a 23 rechaçada em toda a linha, e dois dias mais tarde a invasão allemã penetrava em França por toda a fronteira. Seguem-se os dias da crise. A Alsacia é evacuada, a Presidencia e o Governo retiram para Bordeus, o ministerio recompõe-se collocando Millerand na Guerra, e Joffre reconstituia o Exercito, alterando quasi todo o alto commando.

O seu plano fôra recuar até encontrar uma situação que permitisse retomar a offensiva: «dizia-o logo na Ordem de 25 d'agosto.

«Não tendo sido possível executar a manobra offensiva projectada, as operações ultteriores serão reguladas por forma a reconstituir na nossa esquerda... *uma massa capaz de retomar a offensiva*, emquanto os outros exercitos aguentarão, durante o tempo necessario, o esforço do inimigo.»

Mas a rapidez da marcha alleman, a congestão no serviço ferro-viario determinada pela evacuação de Paris, a mudança da base d'operações britannica de Boulogne, para Saint Nazaire vinham ainda retardar a execução da manobra. A 4 de Setembro quando von Kluck inflete a direita alleman para Meaux e Conlommiers, deixando Paris no flanco, está já porém constituida na esquerda a *massa capaz de retomar a offensiva*: é o exercito de Maunoury e o de Gallieni, do campo entrincheirado de Paris, formando bloco com o exercito inglez e o de Franchet d'Esperey (antes Laurezac). E a offensiva geral é prescripta em toda a frente commentada com a Ordem do Dia já historica:

«No momento em que se vae travar uma batalha da qual depende a salvação do Paiz importa lembrar a todos que já não é tempo d'olhar para traz; todos os esforços devem empregar-se para atacar e repellir o inimigo; uma tropa que não poder avançar, deverá, custe o que custar, guardar o terreno conquistado, e deixar-se matar mas não recuar. Nas circums-

tancias actuaes não se pode admitir desfallecimento algum.»

A linha alleman está então traçada assim: von Kluck está todo na margem esquerda do Marne; o exercito de von Bulow vae de Esternay a Fère-Champenoise; o Saxonio, von Hansen, occupa a linha Sommesons-Mailly; d'ahi segue o Pr. de Wurtemberg até Sermaize, por Vitry-le-Français, ligando-se com o Kronprinz que opera na Argonne.

Do lado francez, o Marechal French está em frente de von Kluck que tem Maunoury (5.º exercito) no seu flanco direito; segue-se Franchet d'Espérey (3.º exercito), o 4.º, Foch, depois Langle de Cary e Sarrail, antigo exercito de Ruffey, na Argonne frente ao Principe Real.

A pressão de Maunoury na extrema direita alleman, obriga von Kluck a deslocar a sua linha de batalha; Sir John French aproveita e passa o Marne (a 9) quando Foch (cujo exercito fôra constituido depois de 20 de agosto) provoca a decisão. Aproveitou o hiato que a luta formidavel dos dois primeiros dias abrira na linha alleman, obrigando Bulow atacar á direita e von Hansen

á esquerda, reúne na sua esquerda todos os effectivos disponiveis e lança-se sobre o flanco da Guarda Prusiana e dos corpos Saxonios em Fère Champenoise immortalizada na campanha de 1814. Aberta a brecha passa o Marne a 11, a 12 Langle de Carry entra em linha na direita, e Sarrail na Argonne consegue no mesmo dia fazer frente ao norte, repellindo o Pr. Real. Na Ordem Geral dessa data, Joffre podia dizer:

«A batalha travada ha cinco dias termina n'uma incontestavel victoria. A retirada dos I, II, e III exercitos allemães acentua-se em frente da nossa esquerda e do nosso centro. O IV Exercito inimigo começa tambem a dobrar ao norte de Vitry e de Sermaize.

.....
A vigorosa retomada da offensiva, determinou o successo. Todos, officiaes e soldados corresponderam ao meu apello. Bem mereceram da Patria.

No dia immediato annunciava que a victoria se afirmava cada vez mais completa.

No Exercito allemão reconhecia-se bem que a acção do Marne era decisiva. Tem sido muitas vezes citada a Ordem do Dia do VIII corpo:

«Está alcançado o fim procurado pelas nossas longas marchas: As principaes forças francezas tiveram que aceitar o combate depois de terem constantemente retrocedido. A *grande decisão* está indiscutivelmente proxima. Amanhã a totalidade das forças allemans estará empenhada na linha Paris-Verdun para salvaguardar o bem estar e a honra da Allemanha. Eu espero de cada official e soldado, apesar dos duros e heroicos combates dos ultimos dias, o cumprimento do dever inteiro e até o ultimo suspiro. *Tudo depende do resultado do dia de amanhã.*»

Não cremos que possa haver duvida: basta pensar no caminho que seguiria a guerra se o Marne fosse uma victoria alleman, seguindo-se naturalmente a entrada em Paris. Em vez disto, o Marne marcou o limite da offensiva allemã. E as tropas obrigadas a recuar estavam

sobreexcitadas por uma marcha victoriosa, compunham-se do escol do Exercito commandado por homens que não duvidavam da superioridade do material com que manobravam. A victoria do Marne demonstra não só a superior qualidade do combatente, mas, e principalmente a superioridade da doutrina de guerra franceza. E' uma obra *prima* da arte.

Foi concebida quando tudo era contrario ao generalissimo francez, n'uma situação militar gravissima, accrescida d'uma crise politica, obrigado nos dias d'uma retirada incessante a reconstituir quasi de novo o seu exercito.

O sangue frio inalteravel, a força moral, a calma tranquilla de Joffre revelam um d'aquelles homens que Napoleão chamava: — *Carrés par la base*.

E soube ir buscar, longe na escala hierarchica os commandantes que lhe iam pôr em pratica a ideia genial. Coube por singular coincidencia ao inolvidavel mestre das Licções d'Estrategia da Escola de Guerra, produzir a decisão da luta. A manobra de Foch metendo-se entre os dois exercitos de von Bulow e von Hansen é já hoje classica. Uma vez ainda se verificava a doutrina napoleonica — *La brèche faite, l'équilibre est rompu*.

Rompeu-se devéras o equilibrio: os allemães não afrontaram mais a guerra de manobra: criaram desde a batalha do Aisne a guerra de posição enterrando-se nas trincheiras. Todo o seu colossal esforço d'então para cá não produziu ainda *decisão* alguma. Pelo contrario as tentativas de romper para o mar, ou em qualquer ponto da linha franceza tem falhado completamente.

Não queremos nem podemos evidentemente fazer prognosticos sobre a guerra: vae ainda naturalmente longe do seu fim. Mas não é licito deixar de notar que a grande batalha campal do Marne, a maior travada até então (23-25 corpos d'exercito de cada lado) foi uma victoria franceza, e decisiva n'este theatro da guerra.

Essa decisão tem desde então dominado a estrategia da campanha. Obrigou os allemães a ir procurar n'outras frentes o resultado que alli lhes falhou. Quaesquer que sejam porém os successos que possam alcançar, é no theatro occidental que militarmente se tem que decidir a victoria. E' o que importa hoje sobretudo registrar.

CAMACHA, no 1.º anniversario da Batalha
do Marne.

A "Veld politik" e a crise

— Um dia, quando já no seu retiro de Friedrichsruhe, Bismarck foi convidado por Herr Ballin a visitar o porto de Hamburgo, onde não ia havia longos annos.

O director da *Hamburg Amerika*, depois d'uma volta pelo porto levou o velho ex-chanceler do Imperio a bordo de um dos seus novos transatlanticos. Bismarck nunca vira um barco de taes dimensões. Parou ao entrar a bordo do paquete colossal, contemplou longamente as numerosas embarcações que o rodeavam, as docas, os guindastes gigantescos o panorama immenso do soberbo porto. «Estou, disse elle depois d'um grande silencio, preso pelo que vejo e que me faz scismar. E, certo, está aqui um mundo novo e tambem uma nova era.» O poderoso fundador do Imperio, que tinha realisado a nossa aspiração nacional, que levava a cabo a tarefa continental da Allemanha, reconhecia, no occaso da sua vida, com o olhar penetrante do genio, o porvir, os novos deveres do Imperio Allemão na politica mundial. —

Com esta anecdota encerrando o capitulo — Politica externa — da sua obra — A Politica alleman — o

príncipe de Bulow illustra a doutrina que ao iniciar o mesmo capitulo elle resume na phrase seguinte: «A unidade politica não foi a conclusão da nossa historia: tornou-se o inicio de um novo porvir. Collocado em primeiro logar entre as potencias europeias o Imperio Allemão retomou uma parte inteira na vida da Europa.

A velha Europa, demais, não era já havia muito senão uma fracção do conjunto da vida dos povos.»

«A tarefa da nossa geração, dizia o mesmo Bulow no Reichstag em novembro de 1906, consiste em conservar a nossa posição continental, base da nossa posição mundial, cultivando ao mesmo tempo os nossos interesses d'alem mar, proseguindo uma politica mundial, reflectida, sensata, prudentemente limitada por forma que a segurança do povo allemão não seja compromettida nem corra risco o futuro do Imperio.» E na sua obra, commenta assim essa formula da politica mundial baseada na solida posição da Allemanha na Europa: De principio ouviram-se muitas criticas a essas novas tendencias, consideradas como desviando-se da rota segura traçada por Bismarck. «Era não comprehender que Bismarck nos indicára precisamente esse novo caminho, percorrendo o antigo até á meta. Foi propriamente a obra d'elle que nos abriu as portas da politica mundial.

Só depois da unificação e da firmeza politica da Allemanha é que as empresas economicas dos allemães podiam tomar proporções mundiaes. Quando o Imperio viu segura a sua posição na Europa então pode pensar em tomar a defeza d'aquelles interesses que em todos os paizes do mundo o espirito emprehendedor dos allemães, a sua actividade industrial, a sua audacia commercial, tinham feito surgir.»

Esta politica seguia assim, como aliás era natural, os novos interesses e as novas necessidades da nação. Encontrava no Kaiser um chefe que a ia dirigir com uma persistencia inabalavel imprimindo-lhe um cunho pessoal inconfundivel, transformando-a por isso pela modificação muito curiosa do seu character, do feitio pacifico, dos moldes defensivos em que Bulow tanto insiste, ¹ n'um ataque directamente aggressivo aos interesses de todos e em toda a parte. É certo que mesmo comprehendida como simples defeza dos interesses allemães, desde que era baseada na situação preponderante da Allemanha na Europa e consequencia d'ella, esses interesses deveriam sempre ser havidos como os primeiros. D'ahi a considerar os alheios como inexistentes, sempre em todo o caso inferiores, e obrigados a ceder, a transicção é facil, de modo que, no fundo, o aggressivo da politica mundial allemã estava já em germen no seu conceito. Que o Kaiser o traduzisse ás vezes com uma emphase provocante e que a sua acção pessoal surgisse nas circumstancias novas sempre mais autoritaria e imperativa, era ainda a consequencia do crescimento rapidamente progressivo da força alleman em todas as manifestações da actividade humana. Em vez de ser o elemento ponderador, o Kaiser exaggerava o desequilibrio do systema.

Desiquilibrio, note-se bem, em relação ás outras potencias, e que por isso mesmo devia desde o seu inicio collidir com a tradicional politica britannica. «A tra-

¹ Bulow, op. cit. Pgs. 45 e 46 e seguintes da trad. franceza—As tendencias pacificas da politica mundial alleman.—

dição nacional ¹ da politica ingleza, é Bulow que o escreve, consiste em fazer frente á mais forte potencia continental.» E mais adiante explica: «Se a Inglaterra por tradição, isto é, conforme os seus immutaveis interesses nacionaes, se mostra hostil ou pelo menos desconfiada para com a nação europeia que acontece ser a mais forte, é sobretudo pela significação que ella attribue, no que respeita a politica maritima, á superioridade de forças no continente. Uma grande potencia europeia que mostrou a sua força militar com energia bastante para não receiar em circumstancias normaes, um ataque ás suas fronteiras, adquire para assim dizer as condições nacionaes d'existencia que tornaram a Inglaterra a primeira potencia maritima e commercial do mundo.»

Isto quer dizer que o poder naval britannico é a consequencia da sua situação insular, mas não acrescenta o essencial: é que é a condição indispensavel da sua propria existencia. É de facto esse poder naval a garantia unica da segurança das suas fronteiras e não as suas forças militares de terra. Bem o tem aliás demonstrado a propria guerra actual. E é precisamente esse poder naval que lhe tem permittido combater e vencer as tentativas de hegemonia europeia, primeiro da casa d'Austria, depois de Luiz XIV e Napoleão. O systema do equilibrio europeu é a norma da sua politica. Mas se uma nação, a primeira já como potencia militar terrestre, pretende ainda «empunhar o Tridente do Deus dos Mares», a primazia no mar é então desde logo uma ameaça directa á segurança territorial da Gran Bretanha. Tanto o reco-

¹ Op. cit. Pgs. 39 e 41.



S. M. o Imperador d'Allemanha com os seus generaes

nhece implicitamente Bulow que ao afirmar a necessidade vital da esquadra aleman, escreve que era preciso construi-la evitando uma collisão com a Inglaterra, para mais adiante declarar não aceitar que a Gran-Bretanha tivesse, para receber com desconfiança a evolução mundial da Allemanha e sobretudo a criação d'uma esquadra de guerra, as razões de desconfiança justificadas em seculos anteriores para com outras potencias. «A politica mundial dos outros paizes, muitas vezes combatida pela Inglaterra, apresentava um character offensivo; a nossa tem um character defensivo.»¹

As restricções diplomaticas do antigo Chanceler do Imperio não podem porém desvirtuar os factos nem apagar as phrases com que o chefe e o guia da Politica mundial alleman, o Kaiser, os commentava, tornando a defeza dos interesses allemães singularmente aggressiva: «a Inglaterra, escreve Bulow, não devia receber com desconfiança a criação da esquadra alleman, mas o primeiro programma naval fôra precedido pelo discurso de Colonia (4 de Abril de 1897) em que o Kaiser proclamava: «É preciso que o tridente passe para as nossas mãos,» e successivamente ouvimos-lhe dizer: «O nosso futuro está no mar.» — «Não terei descanso emquanto a minha marinha não occupar um logar analogo ao do meu exercito,» — e finalmente: «o objectivo colonial allemão só será alcançado quando a Allemanha fôr Senhora do Oceano.»

Que significação ou que sentido podem então ter as repetidas afirmações e proclamações pacificas? É evi-

¹ Op. cit. Pgs. 34, 35 e 45 e seguintes.

dente: haveria paz enquanto se não obstase ao logar que á Allemanha competia ao sol. «Tinhamos que conquistar para a nossa politica no mundo, diz Bulow,¹ a independencia que estava garantida á nossa politica na Europa. O cumprimento d'esse dever nacional podia tornar-se mais difficil pela resistencia eventual da Inglaterra, mas nenhuma resistencia no mundo nos podia dispensar d'elle.» «Qualquer interesse que surgisse contra o interesse allemão tinha que ser esmagado com o punho ferrado,» dizia ainda o Kaiser ao mandar á China a sua primeira esquadra. E o principe Henrique que ia iniciar a *Veld-politik* respondia que a sua missão era préggar o *Evangelho Imperial* a quem quizesse ou não quizesse ouvil-o.

Debutava-se assim na politica mundial commentando com singular eloquencia as phrases monstruosas de Treitsckhe: «Aquelle que se levanta contra o poder do Estado, comete, no verdadeiro sentido, o peccado contra o Espirito Santo.» — «O mundo só pode ter felicidade quando sob o dominio allemão!» —

Não podia haver duvida, vendo desenrolar-se a *veld-politik*, que ella tinha por objectivo o dominio do mundo; começava por não admitir que pudesse haver questão externa que a não interessasse. Tal era a afirmação do Kaiser n'um discurso que Bulow classifica de programma. Era em julho de 1900. «Eu não julgo, dizia Guilherme 2.º, que o nosso povo allemão triumphasse e derramasse o seu sangue ha trinta annos sob a direcção dos seus principes para se deixar suprimir nas grandes questões externas. Se isto se dêsse, era uma vez todo o poder mundial allemão

¹ Op. cit. Pg. 45 e 46.

e eu não estou disposto a deixar as coisas chegarem a tanto.» É n'este sentido, commenta o ex-chanceler que a questão marroquina se tornou para nós uma *questão nacional*. A nossa politica marroquina tinha assim o seu caminho traçado.

Todas as questões externas, tidas pela Allemanha como questões nacionaes, isto é, tendo que se resolver em pró dos interesses allemães, com prejuizo dos alheios e de quaesquer direitos existentes, taes são pois as normas declaradas e defendidas como pacificas por uma autoridade como Bulow. Para quem não seja allemão é porém evidente que uma tal politica conduzia fatalmente á guerra, pois havia tambem fatalmente de chegar a occasião em que os interesses e os direitos sacrificados fossem mais fortes do que o receio do *punho ferrado* da Germania. E mesmo quando nas ultimas crises, de Marrocos, da annexação da Bosnia, da paz de Bucarest esse *punho ferrado* ia conseguindo o triumpho dos interesses allemães, não era sem que uma resolução cada vez mais funda se fosse firmando nos sacrificados de não tornar a soffrer humilhações semelhantes. Quando o Japão sacrificava os direitos que lhe dava a victoria sobre a China ao *punho ferrado* allemão no tratado de Simonosaki, formou naturalmente a tenção de se não deixar supprimir para a outra vez e agora o mostrou ao conquistar Kiao Chao.

Quando uma nação com a historia da França se via coagida a demittir o seu ministro dos negocios estrangeiros ou a entregar centenas de milhares de kilometros quadrados do Congo sob a pressão do *punho ferrado*, quando esse punho de ferro punha de novo em pé o Imperio Turco já cahido aos golpes dos povos balkanicos, é certo que ia deixando um travo amargo em de-

masia na alma d'aquelles que tinham tido que se haver com a diplomacia da Wilhelmstrasse. E como por outro lado essas victorias incruentas iam augmentando no Kaiser o sentimento da sua força, successivamente se ia tornando mais proximo o momento em que a necessidade da afirmação d'essa força se tornasse irresistivel.



von Bethmann-Hyllweg

« Á medida que os annos vão pesando sobre Guilherme 2.º, as tradições de familia, os sentimentos retrogrados da côrte e sobretudo a impaciencia dos militares adquirem mais imperio sobre o seu espirito. Talvez elle experimente não sei que ciume da popularidade do seu filho, que lisongeia as paixões dos pangermanistas e não acha a situação do Imperio no mundo equal á sua potencia. Tal-

vez até a replica da França ao ultimo acrescimo do exercito allemão, cujo fim era estabelecer sem contestação possivel, a superioridade germanica, entre por qualquer coisa n'este amargôr, porque, apesar do que se diz, sente-se que se não pode ir mais longe.»

Isto escreve o embaixador francez em Berlim, Jules

Cambon n'um despacho que é por certo um dos mais curiosos do Livro Amarello francez. Refere elle uma conversa havida entre o Rei dos Belgas e o Kaiser em presença do Chefe do Estado Maior General de Moltke, e em que o estado d'espírito do Kaiser se revelava totalmente differente: o Imperador já não era o campeão da paz: acabava por pensar que a guerra com a França era inevitavel e que tinha que se chegar a isso um dia ou outro. Naturalmente estava convencido da superioridade esmagadora do exercito allemão. E, commenta o embaixador:

«De resto, o Imperador Guilherme é menos senhor d'estas impaciencias do que vulgarmente se julga. Já o vi mais d'uma vez deixar escapar o fundo do seu pensamento. Qualquer que fosse o seu objectivo na conversação que me foi referida a confidencia não deixa de ter o character mais grave. Corresponde ao precario da situação geral e ao estado d'uma certa parte da opinião em França e na Allemanha.

Se me fôsse licito tirar uma conclusão diria que era bom ter em conta este facto: o Imperador familiarisa-se com uma ordem d'ideias que outr'ora lhe repugnavam; para me servir d'uma expressão muito sua, devemos trazer a nossa polvora secca.»¹

Na Sessão da Camara italiana de 5 de Dezembro de 1914 Giolitti confirmava singularmente esta prevenção do embaixador francez: em Agosto de 1913 a Austria resolvera proceder contra a Servia.² Por cada nova

¹ 22 nov.º 913. Livro amarello francez. Pg. 20.

² « Como julgo necessario que a lealdade da Italia na observação dos factos internacionaes fique acima de toda a discussão, sinto-me obrigado

crise que passava, a *veld-politik* ia tocando a Guerra de mais perto: Só a aguentava n'esse pendor fatal a vontade do seu chefe e guia natural. Mas desde que elle se familiarisasse com essa ordem d'ideias, era inevitavel o cataclysmo. Faltava-lhe achar a occasião. A revelação de Giolitti veiu demonstrar portanto que o assassinato do archiduke herdeiro não foi mais do que o pretexto esperado.

O proprio Principe de Bulow vae-nos dizer o que era a tensão politica europeia quando a crise da annexação da Bosnia e da Herzegovina abriu este periodo

a lembrar um precedente demonstrando que a interpretação dada pelo nosso governo aos nossos tratados, no principio de este conflicto, era exacta, e que fosse admittido como verdadeira pelas proprias potencias alliadas.

No decurso da guerra balcanica, exactamente a 9 d'agosto de 1913, estando ausente de Roma, recebi do meu collega o Sr. di San Giuliano, o telegramma seguinte:

— A Austria communicou-nos, assim como á Allemanha, a sua intenção de proceder contra a Servia. Define essa acção como uma acção defensiva, esperando applicar a Triplice Alliança o *casus foederis* que eu julgo inapplicavel. Procuo concertar esforços com a Allemanha para impedir a acção austriaca, mas poderá ser necessario dizer claramente que nós não consideramos a sua acção eventual como defensiva e que por consequencia não julgamos que o *casus foederis* exista. Peço-te que telegraphes para Roma se approvas. — Respondi:

— Se a Austria procede contra a Servia é evidente que o *casus foederis* não existe. É uma acção que ella emprehende por conta propria; não se trata de defeza porque ninguem pensa em atacal-a. E' necessario que isto seja declarado á Austria da maneira mais formal, e é de esperar que a acção da Allemanha dissuada a Austria da sua perigosa aventura. —

Foi o que se fez. A interpretação dada por nós teve o consentimento dos nossos alliados, com os quaes as nossas relações d'amizade não soffreram perturbação alguma. A declaração da neutralidade feita no começo do actual conflicto é pois conforme ao espirito e á letra dos tratados. »

tormentoso a cujo desfecho estamos assistindo: «A espada alleman era lançada na balança da decisão europeia, directamente a favor do nosso alliado austro-hungaro, indirectamente para manter a paz na Europa, e sobretudo em pró do prestígio e da posição da Allemanha no mundo.»¹ A paz na Europa estava pois por um fio, dependia de se manter a todo o transe o prestígio e a posição dominante da Allemanha. E se o Kaiser ia já falando tão alto, é também Bulow que nos dá a razão: «quando durante a crise bosniaca o horizonte internacional se limpou, quando a força continental da Allemanha rasgou a rede que a cercava, tivemos já passado na construcção da nossa esquadra o periodo da preparação.»² A Allemanha começou deveras desde então a pensar que tudo lhe era licito porque tudo podia.

D'ahi veio outro elemento de perigo para a situação: as acquisições obtidas pela chancelaria alleman, no Congo francez por ex., a proposito da questão de Marrocos, não contentavam uma opinião fanatisada pelo Pan-Germanismo por não corresponderem em coisa alguma á prodigiosa força militar do Imperio. Isto é, as concessões maximas arrancadas a um paiz que não desejava a guerra com o fim preciso de a evitar, pareciam coisa nenhuma perante uma força militar cuja immensidade assoberbava tudo. E assim se abria entre a Allemanha e o Mundo outra divergencia essencial. Ainda em sacrificio á paz a Triplice Entente deixou, depois da guerra balcanica, aguentar e reviver o Imperio turco, consentiu

¹ Op. cit. Pg. 72.

² Op. cit. Pg. 124.

na existencia d'aquella paradoxal Albania, queimando positivamente nas aras da paz interesses valiosos seus. Nada satisfazia já a opinião alleman. Durante mais de um quarto de seculo o Kaiser viera suscitando no seu povo uma força unica fazendo convergir em pró da Maior Allemanha todas as energias subordinadas ao interesse supremo do Estado n'um grau totalmente desconhecido até agora. Preparara uma força militar sem precedentes para á sombra d'ella ir conquistando a hegemonia, a soberania incontestada do mundo. A sua propria situação obrigava-o, emfim a fazer uso d'essa força. Jámais o mundo aceitaria, intellectual, politica e economicamente, o jugo allemão perante a simples ameaça d'uma força por mais formidavel que ella fosse. Era forçoso e inevitavel o uso d'ella.

Diz o conhecido Dr. Dillon, o celebre correspondente do *Daily Telegraph*,¹ que uma das emendas introduzidas pelo proprio Kaiser no ultimatum que a 23 de julho o Ministro Austro Hungaro entregava em Belgrado era a que fixava o prazo de 48 horas para a resposta.² O documento é por certo unico entre os do seu genero na historia e a sua leitura não podia deixar duvida de que propositadamente se queria a guerra, tão meticoloso era o cuidado com que qualquer sahida pos-

¹ A Scrap of Paper. The inner history of German Diplomacy by Dr. E. J. Dillon — Pg. 41.

² «Ainda que o não posso verificar, tenho informações particulares de que a Embaixada alleman conhecia o texto do ultimatum austriaco antes da sua entrega á Servia, e que o telegraphara ao Kaiser. Pelo proprio Embaixador sei que este approva cada palavra d'esse documento.»

Desp. de Sir M. de Bunsen. Livro inglez. N.º 96.

sível da parte da Servia fôra hermeticamente fechada. A ocasião fôra além d'isso especialmente bem escolhida. N'essa data de 23 de Julho separava-se, sem ter chegado a acôrdo a conferencia sobre o Home Rule convocada pelo Rei Jorge em Buckingham Palace: nada parecia pois poder evitar a guerra civil na Gran-Bretanha. Em França ao passo que se desenrolavam as sessões escandalosas do processo Caillaux, o Senador Humbert fazia na tribuna parlamentar revelações que pareciam indicar uma grande falta da preparação da parte do exercito, e n'esse dia 23, o Presidente Poincaré, que era acompanhado pelo Presidente do Conselho e Ministro dos Estrangeiros, Viviani, trocava com o Czar os mais expressivos votos de paz, as mais inequivocas declarações das tenções pacificas da alliança; a maior parte dos titulares das Embaixadas da Triplíce Entente estavam ausentes com licença dos seus postos; e finalmente ao passo que a Allemanha negava terminantemente qualquer conhecimento da nota austro-hungara ¹ este governo só dava o texto d'ella á Russia, *dezasete horas* depois da sua entrega em Belgrado!

Desde a primeira hora a attitude e a these da Allemanha não podiam deixar duvidas; interpunha-se entre a sua alliada e as potencias declarando que se tratava d'uma questão local, castigo d'um crime politico, procurando obter garantias seguras para o futuro. Entendia portanto o Governo allemão que a Russia se devia con-

¹ Despachos de Cambon, Berlim, 21 e 24 de Julho. Mas a 23, o Presidente do Conselho bavaro declarava ao Ministro de França em Munich que tinha conhecimento d'esse documento. A Italia tambem só era informada desde 24.

tentar com as afirmações officiaes da Austria de que não procurava acrescimo de territorio, respeitando a integridade da Servia. E assim só da Russia podia provir qualquer risco de guerra desde que teimasse em intervir n'uma questão tão exactamente delimitada.

Tanto esta era a these alleman que o seu Livro branco, excepção *unica* em documentos d'essa natureza, traz o seguinte sub-titulo por demais suggestivo — *Como a Russia e o seu chefe atraíçaram a confiança da Allemanha e causa-*



General von Bülow

ram portanto a guerra europeia.—¹

Tentava o Embaixador Allemano em Paris convencer d'esta these o governo francez alliciando-o a uma *démarche* franco-alleman junto do governo de S. Petersburgo, tentativa que eratambem

inutilmente experimentada em Londres. Mas o sophisma era claro de mais: assim se dispensava a Allemanha de

¹ Incidentalmente convem registar que a Allemanha mudou posteriormente de these. A Gran-Bretanha e especialmente Sir Edward Grey foram os verdadeiros e directos causadores da Guerra.

intrevir em Vienna, respondendo von Jagow com evasivas ás instancias recebidas n'esse sentido, ao passo que Vienna por seu lado recusando-se aceitar a quasi total submissão da Servia, inspirada não só pela França e Gran-Bretanha mas insistentemente pela Russia, aggravava a situação rompendo as relações diplomaticas (25 de julho).¹

Entretanto formulava-se e precisava-se a acção da Gran-Bretanha: começara Sir Edward Grey por projectar uma mediação das quatro potencias não envolvidas directamente na contenda, juntando-se a Allemanha á Triplice Entente. Perante a recusa alleman, modifica a sua primeira proposta substituindo-a pelo exame, em Londres feito pelos quatro embaixadores, dos meios de resolver as difficuldades: von Jagow torna a recusar e vinte e quatro horas mais tarde justifica a recusa em vista dos esforços russos para uma entente directa entre S. Petersburgo e Vienna. N'essa mesma data, 28 de Julho, a Austria declara a Guerra á Servia e o Conde de Berchtold declara inutil qualquer tentativa de conciliação.

Não se julgou ainda a Triplice Entente batida no terreno da paz: a 29 a Russia estava prompta a aceitar a mediação das quatro potencias; a Allemanha aceitava-lhe tambem o principio, mas ao mesmo tempo o embaixador allemão em S. Petersburgo notificava que o seu paiz mobilisaria se a Russia não suspendesse os seus preparativos militares. Sazonoff respondia collo-

¹ Circular de Bieuvenu Martin 29 julho; despachos de Cambon, de Berlim, 25 de julho (são tres), notas de B. Martin de 27 sobre as *tres démarches* successivas de Mr. de Schoen.

cando a questão com perfeita nitidez e franqueza; «a Austria respeitaria a integridade da Servia, insistia a Allemanha; não é só a integridade da Servia que devemos salvaguardar, explicava elle, é a sua independencia e a sua soberania. Não podemos admittir que ella venha a ser vassala da Austria. A hora é grave de mais, acrescentava ainda, para que eu não declare todo o meu pensamento. Intervindo em S. Petersburgo ao passo que recusa intervir em Vienna, a Allemanha só quer ganhar tempo para a Austria poder esmagar o pequeno reino antes da intervenção russa. Mas o Imperador Nicolau tem uma tal vontade de evitar a guerra que em seu nome, eu faço ainda uma nova proposta. A Austria, reconhecendo que o seu conflicto com a Servia assumiu o character d'uma questão d'interesse europeu, declara eliminar do seu ultimatum as clausulas que atacam a Soberania da Servia, e a Russia declara cessar todos os preparativos militares.»

Parecia que se não podia ir mais longe: mas von Jagow respondia simplesmente que a proposta era *inaceitavel* pela Austria; a Allemanha vae então precipitar a crise. N'essa data precisa, 30 julho, o embaixador francez Dumaîne communicava que em seguida a uma conversa muito cordeal havida entre o enviado russo, Shebeko e o Conde de Berchtold, uma nova tentativa de entendimento directo ia abrir-se entre Vienna e S. Petersburgo; a noticia da mobilisação alleman chegada a Vienna n'essa tarde, deitava tudo a perder.

Facto curioso e bem digno de reparo: o *Lokal Anzeiger*, jornal geralmente officioso, dava a noticia em edição especial. Um conselho extraordinario tivera logar em Potsdam a 29 á noite sob a presidencia do Kaiser

e decidira ao que parece a mobilisação. A declaração da Gran-Bretanha, reservando a sua plena liberdade d'acção parece ter feito sustar a ordem decisiva, que aliás tudo leva a crêr tivesse em vista provocar em França uma medida analoga. De facto, n'essa data de 30, todas as medidas que antecedem a mobilisação estavam tomadas na Allemanha. Na fronteira franceza, o armamento das praças, a occupação das gares, o chamamento das reservas, classes de 1903 a 1911, effectuara-se desde 25. Só a 28 medidas analogas eram iniciadas do lado da França; a 29 por duas vezes patrulhas allemans penetravam em territorio francez. Por seu lado os postos avançados francezes tinham sido recuados a 10 kilom. da fronteira.

A 31 de madrugada, era decretada a mobilisação geral austriaca: ao meio dia, o Estado de Guerra na Allemanha. A Russia respondia a estas medidas lançando n'essa tarde a sua ordem geral de mobilisação. Então ás 7 da tarde, o embaixador allemão entregava em S. Petersburgo o ultimatum dando doze horas para ser decretada a desmobilisação geral Russa. Era de facto a declaração de guerra que apenas precedia de 24 horas.

O que significava portanto a apparente concessão austriaca, precisamente na ante-vespera da declaração de guerra? É ainda Cambon que nos vae elucidar n'um despacho que conclue condignamente os que firmou durante a crise cuja psychologia elle melhor que ninguém previu e analysou. «O ultimatum á Russia, escrevia elle a 1 d'agosto só pode afastar as ultimas probalidades de paz que essas conversações pareciam deixar subsistir. E' licito perguntar se em taes condições a aceitação da Austria era séria e não tinha por fim fazer pesar sobre a Russia a responsabilidade do conflicto.

O meu collega d'Inglaterra fez esta noite um apello instante aos sentimentos d'humanidade de Mr. de Jagow. Este respondeu que a questão estava muito adiantada e que era preciso esperar a resposta russa ao ultimatum allemão. Ora elle disse a Sir Edward Goschen que o ultimatum reclamava a suspensão da mobilisação russa não só do lado da Allemanha mas ainda do lado da Austria; o meu collega inglez ficou muito admirado e declarou que este ultimo ponto lhe parecia inaceitavel para a Russia.

O ultimatum allemão intervindo na hora precisa em que o accordo parecia prestes a estabelecer-se entre Vienna e S. Petersburgo, é significativo do bellicoso da sua politica.

O conflicto não existia de facto senão entre a Russia e a Austria, a Allemanha não tendo que intervir senão como alliada da Austria; nestas condições estando as duas potencias principaes interessadas, dispostas a conversar, se a Allemanha não desejasse a guerra por sua conta, é incomprehensivel que mande um ultimatum á Russia em vez de continuar a trabalhar, como todas as outras Potencias, para uma solução pacifica.»

O facto da Russia vir a campo trazida pela attitude bellicosa da Austria, era, como mais de um anno antes o declarava nos Communs Sir Edward Grey, «um logar commum da diplomacia europeia» (a Common place in European diplomacy. Discurso de 4 Março 1913).

Tomada assim a questão Serbia como questão europeia, Sir Edward Grey parte deste principio para lançar

as suas successivas tentativas de paz. Esbarram sempre perante a resolução inabalavel da Allemanha de *localizar*, como ella dizia, o conflito. Isto é, collocava-se no terreno que propositadamente tinha que ser escolhido para causar a guerra; nem podemos olvidar que sendo os n.^{os} 5 e 6 da nota austriaca, os *unicos* dos dez que a resposta Serbia não aceitava incondicionalmente, não dando satisfação completa, não seria difficil a quatro embaixadores de boa vontade achar a redacção satisfatoria. Por isso a proposta ingleza foi simplesmente recusada, «como era de esperar» nota singelamente o Livro branco allemão. (Pg. 8).

Depois, quando pela primeira vez surge a proposta russa para o entendimento directo, Berchtold responde — que «o prestigio da monarchia dualista estava empenhado e que nada já agora podia evitar o conflito». E como prova, lança nesse dia a declaração de guerra, tornando a situação quasi desesperada, (Dia 27. V. Livro inglez. Doc. n.^o 61) porque não só mobilisa contra a Serbia, mas preventivamente contra a Russia, (Dia 28). A resposta moscovita é a mobilisação dos districtos de Odessa, Kieff, Moscou e Kazan, (Dia 29); mas ao passo que faz notar não ter esta medida tenção alguma aggressiva contra a Allemanha, ao passo que Sir Edward Grey propõe ao Pr. Lichnowsky que a Austria se contente com a occupação de Belgrado, ao passo que é conhecida a declaração Sazonoff, a Allemanha vendo possivel arranjar-se o caso da Serbia, lança mão do pretexto da mobilisação russa.

Lança a Austria adiante; a ordem de mobilisação geral austro-hungara é da primeira hora da madrugada de 31: é do meio dia a ordem geral de mobilisação

russa; segue-se á tarde a proclamação na Allemanha da *Kriegsge-fahrzustand* (estado de risco de guerra) e ás 7 horas o Pr. de Pourtalés entrega o ultimatum allemão.

Mas na manhã d'esse dia 31, ao sahir d'uns officios religiosos na Igreja de Santa Clotilde, o Embaixador Austriaco em Paris encontrando o antigo ministro Hanotaux dizia-lhe: (Figaro de 5 d'outubro; artigo d'Hanotaux):

«Isto não pode continuar: a Allemanha obrigada a tomar as suas precauções *vae arrastar* a Austria se não se determina S. Petersburgo a tomar nota das propostas austro-hungaras, levando a Serbia a fazer a *démarche* que abriria a *segunda phase das negociações.*»

Quer dizer, o pretexto allemão da mobilisação russa não é considerado *casus belli* pela directamente interessada que era a Austria. Isto é constatado por todas as publicações officiaes ¹; é Viviani, é Iswolsky, é Sir Maurice de Bunsen ², é finalmente o ministro russo junto do

¹ O Livro Branco allemão contem 27 documentos; só um, o n.º 3 com data de 24, é do Embaixador em Vienna. Não ha um só do chanceler a este funcionario ou do Kaiser a Francisco José por onde se possa ver qual foi de facto a pressão exercida pela Allemanha; o Livro vermelho austriaco, publicado seis mezes mais tarde, apenas tem dois que se referem á transmissão, por parte da Allemanha, da segunda proposta Grey. n.ºs 43 e 44.

O Livro azul inglez contem 161 documentos e 160 o francez; 79 o russo e o belga e 62 o serbio.

² No dia 1 d'agosto fui informado por Mr. Shebeko que o Conde Szapary tinha cedido no ponto essencial e annuciado a Sazonoff que a Austria consentia a submeter a uma mediação os pontos que pareciam incompativeis com a independencia da Serbia. Livro Austriaco. Doc. n. 49.

Quirinal declarando a San Giuliano: Temos a paz garantida, a Austria dá-nos satisfações.

Nessa mesma tarde, em Berlim, von Jagow e Zimmermann, instam ainda junto do chanceler e do Imperador para que a ordem de mobilisação não seja expedida¹. Baldados esforços: o *ultimatum* allemão, intervindo na hora precisa em que o acordo parecia prestes a estabelecer-se entre Vienna e S. Petersburgo, era a consequencia logica da *veld-politik*, pondo o mundo a ferro e fogo.

¹ Desp. do Ministro belga. 1 d'agosto. Supplemento ao Livro belga.

A Guerra Alleman

Os allemães entraram em Antuerpia dois mezes quasi dia a dia depois da violação da neutralidade belga. Porque motivos, sob que pretextos tão futeis como falsos se invadiu um territorio garantido solemnemente pela fé dos tratados, como se lançou sobre uma nação, pacifica entre todas, uma invasão que na barbarie com que se desencadeou não encontra similar na historia escripta, é o que adiante diremos. Teriam podido, o rei e o povo, curvar a cerviz sob a ameaça do inimigo formidavel, ceder á força brutal que se impunha. Não o quizeram. Perante a affronta, a união da nação em volta do rei foi instantanea, acabando com as differenças de nacionalidades.

Expozeram-se todos de peito firme ás mais horrorosas catastrophes; nada na dôr humana foi poupado a esse povo martyr do seu dever; mas a defeza dos belgas escreveu na historia uma das mais bellas paginas da humanidade: salvou a honra e a dignidade do homem! E quando Antuerpia cahiu e o paiz ficou á mercê do inimigo implacavel que alastrou logo as suas hostes até ao Mar do Norte, o soldado belga podia orgulhosamente

exclamar; É certo, já não temos patria, mas temos ainda o Rei! ¹

Deveras, mesmo sem essa figura que resae n'esses dois mezes atrozes com toda a grandeza epica d'um *heroe*, a Belgica teria mantido, honrada e leal, a sua



General von Kluck

palavra, e o governo que hesitasse seria irremissivelmente varrido pela indignação d'um povo que jámais conheceu a traição. Mas, é Maeterlinck que o nota, «se o Rei faltasse ter-se-hia produzido uma natural confusão, fluctuações inevitaveis n'uma multidão fulminada pelo inesperado do ataque. Phrases inuteis, manobras falsas, hesitações irreparaveis ainda que legitimas, teriam sido consequencia da situação: sobretudo as palavras precisas, necessarias, inalteraveis, não teriam sido pronunciadas; os gestos, taes que os não conhece mais bellos a historia, não seriam executados quando precisos. Graças ao

¹ Ouvido e citado pelo correspondente do *Daily Mail*.

Rei, o acto deslumbra, afirma-se e mantem-se, sem um desfallecimento, um retoque, ou uma sombra. A linha heroica é recta, nitida, magnifica, vinda das Thermopylas indefinidamente prolongada».

Curvemo-nos nós respeitosos e commovidos perante a grandeza do sacrificio que representa a perda do territorio belga; mas deveras são ahí os vencidos os verdadeiros vencedores!

Praça sitiada é praça tomada, diz um aphorismo militar que talvez remonte ao cerco de Troia; mais recentemente Moltke escreveu que a historia dos campos entrincheirados é a historia das capitulações. Mas os allemães tem empregado agora um processo bem diverso da demorada guerra de sitio classica, desde a abertura da trincheira até ao assalto pela brecha aberta. Começam por destruir um ou dois fortes da linha exterior e fazem passar uma torrente d'homens, mesmo sob o fogo convergente dos outros, e isto, dê por onde der, custe o que custar; repete-se a operação na segunda linha de defeza se a ha: abre-se o bombardeio e a praça cahe. E' o *ataque d'arrancada* (l'*ataque brusquée*) preconizado por von Sauer.

Tal qual no campo da batalha: n'um dos seus relatorios Sir John French descrevia o avanço da infantaria inimiga, em massa, tomando a fórma d'um T constituido por diversas linhas em fileiras unidas; uma quasi resurreição da phalange antiga.

Desbaratadas as primeiras pelo fogo abrem para os flancos para permitir o avanço das que seguem na rectaguarda, e assim progride como que uma maré humana, cada onda vindo quebrar mais além que a anterior.

Se o formidavel e medonho consumo de vidas hu-

manas que taes processos representam está em correspondencia com o resultado obtido, pertence ao Estado Maior allemão aprecial-o.

Nós queremos só destacar a inflexível dureza da disciplina que elles significam, mantida ainda pela *vara de ferro* do velho Frederico, e o conceito rudimentar e brutal dos processos tacticos. Encontramos um conceito analogo, mais marcado, nos methodos estrategicos, reduzidos depois de von Schieffen e da sua escola ao *envolvimento*, tomando e erigindo a excepção em regra geral, abolindo a manobra e todo o seu artistico e variado desenvolvimento.

Os methodos de guerra, tem portanto, como não podiam deixar de ter, toda a caracteristica da brutalidade alleman; mas esta que parecia outr'ora talvez residuo da selvageria primitiva está hoje erigida pelos seus doutrinarios em *methodo scientifico*; sendo a guerra o retrocesso ao estado barbaro, isto é, aquelle em que a força e só a força tem valor e domina, é preciso que a guerra seja a guerra: *Krieg ist Krieg!* escreve von Bernhardi.

Comprehendido scientificamente, é o mais atroador — *ai dos vencidos* — que nunca ouviu a humanidade. Porque, desencadeada a barbarie como uma força superior da natureza, foi-se a lealdade, a honra, o brio, o cavalheirismo, tudo quanto de elevado e nobre constitua o *pun-donor militar*. Fé dos tratados, palavra empenhada, escrupulos de honra, humanidade para com as victimas da guerra, são só fraquezas, obstaculos ao livre desenvolvimento da força. *Necessidade faz lei*, e os tratados jurados são farrapos de papel; a mentira, a perfidia, a traição são licitas e auctorisadas; justificado o bombardeio das cidades abertas, a destruição sacrilega dos mais admira-

veis monumentos que a arte do homem levantou e edificou na terra, e o incendio methodicamente organizado e scientificamente executado por pelotões especiaes de *soldados incendiarios* (labeu eterno da farda que vestem!) dispondo dos ultimos engenhos e artificios descobertos pelo genio do mal.

Mais ainda: desde que se trata na guerra de desencadeiar e levar ao maximo todas as forças destruidoras, o *povo superior* é o

vindicada no celebre manifesto dos intellectuaes allemaes, eis o que explica o character pavoroso e absolutamente *anti-humano* que a guerra alleman tem assumido.

Mas não só o explicam os intellectuaes: é porque sobretudo no theatro occidental das operações, a *kultur* alleman encontrou os seus dois grandes adversarios de sempre: a religião catholica e a civilização latina que



General v. Emmich

General von Emmich

que mais e melhor está armado para essa destruição. A união da barbarie com a sciencia, da *kultur* com o militarismo, negada pelos devaneadores internacionaes, proclamada agora e orgulhosamente rei-

d'ella derivou. Contra a primeira se levantou a Allemanha da Reforma, e o mixto de sensualidade e orgulho do eu que caracteriza o lutheranismo tem explodido em toda a serie de horrores praticados; é o proprio *Worvaerts* que o regista jubiloso, especialmente desde Louvain e Liège até Reims, Senlis e Notre Dame de Paris. Contra a segunda ergue-se o conceito brutal da cultura e civilização alleman visando só a *força* e o emprego da *força*.

Só ella eleva o homem acima do seu semelhante, só ella é forte. E força afinal só é a sciencia que nos dá o Senhorio das forças da natureza.

Toda a brutalidade alleman está aqui.

Veja-se agora em contra-posição o que é a civilização latina; o velho direito romano com o respeito pela lei, a cultura como meio de adoçar os costumes, de suavisar a vida, de nos tornar mais homens, alheios a nada do que seja humano, na admiravel phrase do poeta latino, temperando a força pelo cavalheirismo, tornando a honra o traço indelevel do character, usando a caridade como atenuante das exigencias que a guerra possa tornar necessarias.

Esta guerra vem assim revelar-nos que, como no tempo de Tacito, a civilização e a barbarie, a *Rheno separatur*. De mais se tem vivido, sob a suggestão da sciencia e da cultura allemans, da superioridade alleman. Libertemo-nos dessa doença, e por uma vez.

Acontece ainda que a Allemanha da lenda, idealista, sonhadora, foi precisamente aquella que se deixou impregnar de cultura latina, a que seguia na esteira politica da velha monarchia franceza. O Imperio allemão cortou cerce essa influencia; a consciencia alleman, que Fichte quiz despertar depois de Iena, foi precisa-

mente a que inspirou a sua fundação, a que elle se deu por missão derramar no mundo.

A par e passo que se constituia e precisava a doutrina do *germanismo*, lançava Bismarck os alicerces da organização, o que ia propagar. No ultimo quarto de seculo, o mais tenaz propugnador da doutrina, foi o chefe, o natural representante da nação: o Kaiser. Passára quasi em julgado que o temperamento agricola do camponez germanico, tornando-o um admiravel infante ou um pesado *reiter*, o inhibia para as fainas maritimas. Foi Guilherme II que ressuscitando as tradições da Hansa, unia o imperio na ideia d'uma marinha nacional, e tornava-o por um labor incessante a segunda potencia naval do mundo. Aproveitando a revolução industrial que ia transformando a vida material e moral do seu povo, dava ao seu Imperio uma sólida fundação economica: o crescer continuo das despezas militares era acompanhado pelo augmento espantoso da actividade industrial, pelo açambarcamento dos mercados por um desenvolvimento commercial sem precedentes. No meio da admiração de uns, da submissão de outros, o herdeiro do grande Frederico podia julgar licitas todas as ambições, e por muito tempo pareceu realisar-as sem desembainhar a espada sempre tão cuidadosamente temperada. Bastava a ameaça do *punho de ferro*. Cada anno que passava augmentava o numero dos seus capitaes, crescia o effectivo dos seus exercitos, alastrava a tonelagem da sua marinha, avolumava a cifra portentosa do seu commercio. Fundado pela guerra, fortificado e desenvolvido pela guerra, assentava na paz o poderio allemão, e na paz, ameaçando na sua soberba todo o interesse alheio, parecia ir alcançando enfim o Senhorio do mundo!

Chegava o perigoso momento psychologico em que o orgulho exige de mais.

Ebria de força, vendo só nella o poder, a Allemanha julgou tudo possivel. E intimava sobranceira um prazo de doze horas para que as duas maiores potencias militares da Europa lhe aceitassem a lei. N'um instante o brio despertou, a indignação venceu o receio, e ao comprehender agora onde desceria a servidão do mundo,



General von Moltke

perante o desencadear scientifico e methodico da força bruta, um longo brado de reprovação e horror atoa os ares de um extremo a outro do universo. Compreendendo e sentindo emfim o perigo que o ameaçava, o orbe terrestre estremeceu e todo elle se vae congregando no aneio propositado, na tenção firme de livrar *para sempre* a civilização de tamanho e tão monstruoso pesadelo.

*

* * *

A invasão da Belgica fora preparada e executada com aquelles methodos que caracterisam a politica alle-

man, mas a Allemanha não podera deixar de reconhecer *publica e officialmente* que assim, violando a neutralidade que ella propria garantira, se collocava fóra do Direito internacional.

Mais tarde, ao ver a reprovação universal que tal acto acarretava, começaram a surgir as explicações e a apparecer as attenuantes. Napoleão dissera da guerra de Hespanha que o perdera *por ter comprometido a sua moralidade na Europa*:¹ os allemães sentiram-se sós, com o seu crime á face do mundo e se o seu excepcional orgulho lhes não consentiu a franca declaração do Imperador pretenderam afinal justificar-se. Importa pois apreciar o que vale a explicação.

Em 1911 o projecto de lei hollandez acerca das fortificações de Flessinga determinára na imprensa belga uma polemica, na qual varias vezes se affirmara que n'uma guerra franco-alleman a neutralidade belga seria violada pela Allemanha; apparecera nesse anno o livro em que von Bernhardi expunha a ideia d'uma offensiva contra a França executada pela ala norte das forças allemans avançando em escalões d'exercito atravez da Belgica; uma victoria conseguida no norte levaria os allemães a Paris ameaçando logo as arterias vitaes do Exercito francez².

Um tal estado de coisas levou o governo belga a suggerir em Berlim que uma declaração feita no Rei-

¹ Cette malheureuse guerre m'a perdu; elle a compromis ma moralité en Europe.

² Von Bernhardi — A guerra allemann — Cap. ix. Tempo, Espaço e Direcção.

chstag por ocasião de um debate sobre politica estrangeira, seria de natureza a calmar a opinião publica e a calar as suas desconfianças, tão lamentaveis sob o ponto de vista das relações entre dois paizes.

O chanceler Bethmann-Hollweg fez responder que fora muito sensível aos sentimentos que tinham inspirado o procedimento do governo belga. Declarava que a Allemanha não tinha tenção de violar a neutralidade belga, mas julgava que fazendo uma declaração publica a Allemanha enfraqueceria a sua situação militar perante a França, a qual, segura do lado do norte, levaria todas as suas forças para a fronteira de leste ¹.

Acontece que esta razão não colheu posteriormente, porque na guerra actual o Estado Maior francez não alterou o seu desenvolvimento estrategico apezar da violação da fronteira belga. Esperou que elle se concluísse para em seguida operar a deslocação que levou ás batalhas de 22-24 d'agosto entre Mons e Mosella.

Em 1913, porem, o secretario d'Estado dos negocios estrangeiros, fazia na commissão do orçamento, declarações positivas: em resposta a um membro do partido social-democrata affirmando que na Belgica se via com apreensão uma guerra franco-alleman, receiando que a Allemanha não respeitasse a sua neutralidade, von Jagow respondia: «a neutralidade da Belgica é determinada por convenções internacionaes e a Allemanha está resolvida a respeitar essas convenções».

A resposta não pareceu satisfazer outro membro do mesmo partido, e notando von Jagow que a sua decla-

¹ Livro belga. Doc. n. 12.

ração era sufficientemente clara, o general von Heeringen, então ministro da guerra, observou que «a Belgica não representava papel algum na justificação do projecto de reorganisação militar, determinado pela situação no Oriente. A Allemanha não perderia de vista que a neutralidade belga está garantida por tratados internacionaes». ¹

Todos estes factos eram recordados pelo Secretario Geral do Ministerio dos Estrangeiros, o barão d'Elst, na manhã de 31 de Julho de 1914 ao ministro allemao em Bruxellas, von Below. Este respondia que os conhecia perfeitamente e que estava

certo que os sentimentos então expressos não tinham mudado; no dia 2 d'agosto quando o governo belga lhe dava conhecimento de que um communicado do ministro de França á imprensa faria o publico sciente de que em caso de conflito internacional a França respei-



General von Hindenburg

¹ Despacho do barão de Beyeas, ministro da belgica em Berlim, 2 maio 913. Livro belga.

taria a neutralidade belga, von Below agradecendo a atenção acrescentava que não fora até então encarregado d'uma comunicação official, mas que o governo conhecia a sua opinião pessoal acerca da segurança com que deviam ser considerados os desígnios allemães; mais ainda: a violação da neutralidade do Luxemburgo sobre-excitava a opinião em Bruxellas, um redactor do *Soir* entrevistava o ministro allemão: o tecto do visinho estará a arder mas a vossa casa ficará intacta! declarava von Below. Uma edição especial publicava nessa tarde, em parangona, esta sensacional affirmção: tres horas depois, ás 7, esse mesmo ministro entrava no ministerio dos negocios estrangeiros com o *ultimatum* marcando o prazo de doze horas para a resposta ao pedido de passagem dos exercitos allemães atravez do territorio belga!

Nesse documento lia-se: «o governo allemão recebeu *noticias seguras*, segundo as quaes as forças francezas *teriam tenção* de marchar sobre o Mosa por Givot e Namur. Estas noticias não deixam duvida alguma sobre a tenção da França de marchar sobre a Allemanha atravez do territorio belga.»

O governo belga podia bem fazer notar que taes *tenções* estavam em completo desaccordo com a *afirmação official publica* de 1 d'agosto de respeito pela neutralidade belga, e os factos vinham singularmente confirmar essa declaração: os allemães violavam a fronteira a 4 d'agosto e só a 16 encontram em Perwez as primeiras forças francezas de cavallaria. Não tinha portanto Bethmann-Hollweg duvida alguma em declarar no Reichstag nesse dia 4 d'agosto:

«Estamos em estado de legitima defeza e a *necessidade não conhece lei.*

As nossas tropa soccuparam o Luxemburgo, talvez já entrassem na Belgica. *Isto está em contra-dição com as prescripções do direito das gentes.* E' verdade que a França declarou em Bruxellas que estava resolvida a respeitar a neutralidade belga emquanto o adversario o fizesse tambem. Mas nós sabiamos que a França estava prompta a invadir a Belgica, *a França podia esperar; nós não.* Um ataque francez sobre o nosso flanco na região do Rheno inferior podia ser-nos fatal. E' assim que fomos obrigados a *passar por cima dos protestos justificados* dos governos do Luxemburgo e da Belgica. *A injustiça que cometemos dêste modo, será reparada logo que seja alcançado o nosso objectivo militar. . .*¹

Nessa noite tinha o chanceler a conversa historica com o Embaixador inglez; mas quando se referia á «palavra *neutralidade* tantas vezes desrespeitada em tempo de guerra, ao *farrapo de papel* pelo qual a Gran-Bretanha ia fazer a guerra a uma nação da mesma raça que não queria senão viver bem com ella» nunca lhe ocorreu negar que o facto positivo da violação dessa neutralidade violava as obrigações do direito internacional. Não lhe ocorreu a argumentação com que cerca de um mez mais tarde o professor Burgess, da Universidade de Columbia vinha a terreno.

¹ *Berliner Tageblatt*, 5 d'agosto.

Resumia-se afinal em dizer que o Imperio allemão actual nunca tinha garantido a neutralidade belga, mas sim a Prussia primeiro e depois a Confederação Germanica. Quando, por occasião da guerra de 70, os homens d'Estado britannicos inquiriam junto dos belligerantes



General von Beseler

qual a attitude a tomar perante essa neutralidade, tinham conseguido da Confederação da Allemanha do Norte a garantia pedida durante a guerra e por um anno apoz a sua conclusão. Quer dizer que desde 1872 a Allemanha estava livre de proceder como entendia.

E' evidente que esta argumentação é contradicta pelo proprio Chanceler e pelo Secretario d'Estado dos negocios estrangeiros, como consta dos factos que acima referimos.

Porisso vinham a publico documentos encontrados nos archivos belgas, e os allemães mobilisavam para os commentar o que um jornalista americano chamava com graça — o *Landsturm professoral*.

Esses documentos comprehendem, primeiro, uma

memoria do chefe d'Estado Maior belga, general Du-carne, acerca d'uma conversa com o addido militar inglez, coronel Barnardiston, respeitante a diversas combinações eventuaes acerca do desembarque d'um corpo expedicionario britannico, isto em 1906; e uma nota do Barão Greindl ministro belga em Berlim, de 1911, acerca de medidas de defeza a tomar pela Belgica no caso d'uma guerra franco-alleman e da violação, por parte da Allemanha, da neutralidade belga.

Que esta previsão tinha razão de ser, os factos cabalmente vieram demonstrar; referiam-se as conversas do coronel inglez a problemas militares a resolver n'um certo e determinado caso, sem prejuizo algum politico sobre a eventualidade d'elle, não sahindo portanto da esphera puramente professional. Os militares belgas e inglezes tinham tanta mais razão de estudar esse problema, quanto elle estava exposto com toda a autoridade por um general allemão com o renome de von Bernhardi. Mas o documento do Barão Greindl é então muito mais curioso, visto o diplomata belga se mostrar germanophilo a ponto de estranhar «que o plano do estado maior para a protecção da neutralidade da Belgica não comportasse senão as medidas a prever no caso de violação por parte da Allemanha.» E o seu despacho argumenta largamente para demonstrar que havia «pelo menos tanta verosimilhança» n'um ataque francez ou inglez. «Temos absoluta necessidade d'um plano de campanha que preveja essa eventualidade» Quer dizer, o ministro belga parte do principio que a Belgica não deve favorecer mais a França ou Inglaterra do que a Allemanha; demonstra assim implicitamente que não existe acordo algum nesse sentido, que a inviolabilidade

do territorio belga deve ser defendida contra qualquer aggressão, que essa é por assim dizer a base fundamental da politica externa belga. Conclue pois exactamente o contrario do que os professores allemães querem concluir do documento Barnardiston.



S.S. M.M. Rei e Rainha da Belgica

E' o que resulta tambem d'outra conversa publicada na Imprensa allemã: ¹ esta é entre o general Jungbluth e o coronel Bridges que teria dito que não estando a Belgica (em 1912) em estado de defender a sua neutralidade, a Gran-

Bretanha desembarcaria as suas tropas independentemente do pedido de socorro. «Nunca o poderão fazer sem nosso consentimento» respondera o general belga. Era a verdadeira doutrina; foi precisamente o que aconteceu, e a attitude de Sir Edward Grey durante a

¹ *Gazetta da Allemãha do Norte*, 14 e 25 d'outubro. *Gazetta de Colonia*, 26 de novembro.

crise demonstra além disso cabalmente que a opinião do coronel Bridges não representava por forma alguma a do seu proprio Governo.

Não podemos pois deixar de concluir, com o Cardeal Mercier :

«A Belgica tinha um compromisso d'honra em defender a sua independencia : manteve a sua palavra.

As outras Potencias tinham-se comprometido a respeitar e a proteger a neutralidade Belga : a Alemanha violou o seu juramento, a Inglaterra foi-lhe fiel.

Taes são os factos» ¹.

Não vamos recordar agora a longa série de horrores com que os allemães tem querido fazer expiar á Belgica a sua nobilissima attitude. Constan elles de numerosos documentos authenticos, officiaes e particulares que não tem tido outra contradita além do celebre *Es ist nicht wahr!* do manifesto dos intellectuaes. Mas queremos deixar consignada a estranha e jamais vista situação d'um povo cujo governo foi obrigado a recolher-se a um territorio estrangeiro e que é actualmente sustentado por uma como que subvenção do mundo civilisado.

Quando o governo belga se installava no Havre para assegurar a independencia e soberania da sua acção (13 out.) a emigração belga contava cerca de um milhão de refugiados na Hollanda, e de 200 mil na Inglaterra ; era por dezenas de mil que diariamente aportavam a Folkestone ; depois da Capitulação de Antuerpia (9 out.) a população desta cidade, quasi em massa, passára a fronteira. O alastrar da invasão alleman pelo territorio

¹ Pastoral do Natal.

belga fechára-lhe os centros fabris, destruía-lhe as officinas, paralyzáva o commercio apoderando-se da rede ferro-viaria; os poucos generos essenciaes á alimentação, produzidos no paiz, eram presa das immensas requisições inimigas e a breve trecho a população, impossibilitada de ganhar os meios habituaes de subsistencia, era forçada a viver n'um solo onde as fontes de produção estavam estancadas. Isto é a ameaça da fome era uma realidade formidavel para cerca de 7 milhões de



General Leman

habitantes do paiz mais rico, mais prospero, mais cultivado da Europa. Não se encontravam já na Belgica generos alguns de primeira necessidade, nem havia dinheiro para os comprar ou meio de transporte para os conduzir, caso elles apparecessem. O ministro americano em Bruxellas, Mr. Brand Whitlock e o de Hespanha, Marquez de Villalobar que, por terem o encargo de interesses estranhos visto a neutralidade dos seus paizes, não tinham acompanhado o governo belga na sua emigração, entendendo-se com alguns dos principaes cidadãos belgas, resolveram aproximar-se dos governos belligerantes para conseguir as facilidades indispensa-

veis á importação dos generos. Por outro lado o Embaixador americano em Londres, Mr. Page e o seu collega de Hespanha, Merry del Val, entendiam-se egualmente com os governos alliados.

Destas negociações resultou a organização da *Commissão d'auxilio da Belgica* — e da *Commissão nacional de socorro e alimentação*. Compunha-se a primeira de 75 membros, dos quaes 4 eram hespanhoes e os restantes americanos, quasi todos homens de negocio, typos do *business-man*, com o mais profundo conhecimento e pratica do commercio na sua organização e trafego mundiaes. Cabia-lhes o immenso encargo de mobilisar a industria da alimentação pelo mundo todo e de a fazer concorrer, concentrando os seus productos em poucos portos, ao sustento de cerca de 7 milhões de pessoas. Como muito bem nota a — *Times History of the war* — desempenharam-se desta tarefa «com uma previsão, uma efficacia, uma elaboração de detalhes que nenhum dos estrategistas dos Exercitos beligerantes poderia ultrapassar. Entre o problema que elles tinham a resolver e o destes ultimos havia esta differença: que o seu aspecto fôra familiar aos primeiros durante annos, ao passo que aos segundos surgiu-lhes d'uma circumstancia imprevista; os primeiros tinham podido aperfeiçoar a sua organização até á ultima minucia, os outros eram forçados a improvisal-a quando as horas contavam. A primeira reunião da Commissão teve logar a 22 d'outubro; a primeira carga de generos passava a fronteira belga a 2 de novembro. ¹»

¹ Vol. 4.º, cap. LXXVII — *Belgium under German Yoke*.

Esta commissão constitue quasi que um Estado; tem bandeira sua e tem relações diplomaticas tanto com os governos neutros como com os belligerantes. A sua bandeira está ao abrigo de qualquer ataque no mar, os seus agentes podem commerciar em territorios inimigos e auferer numerosos privilegios quanto a meios de transporte, direitos alfandegarios, taxas de canaes, portos, etc.; as suas agencias estão hoje em Londres, Nova-York, Rotterdam, Bruxellas, Antuerpia, Hasselt, Liège, Namur,



Adolpho Max — Burgomestre de Bruxellas!

Libremont, Mons, Gand, Bruges, Charleroi e Maestricht; transportam cerca de 80 mil toneladas de generos cada mez e dispendem tambem mensalmente cerca de milhão e meio esterlino.

Cooperando com esta, funciona a segunda commissão, belga, com séde em Bruxellas. Tem os seus delegados nas diversas provincias da Belgica em cada uma das quaes funciona uma sub-commissão composta dos representantes dos *arrondissement* e da Communa.

O serviço das duas commissões é perfeitamente distincto; a primeira responde perante os diversos governos pela forma como são executadas as condições impostas: adquire os generos e coloca-os ao alcance do con-

sumidor. Á segunda compete a distribuição. Tem que conhecer das necessidades locais, vigiando a exacta applicação dos generos e impedindo o seu desperdicio.

O principio geral seguido não consiste apenas em fazer viver a população belga; vae muito mais longe; quer manter o machinismo nacional em effectivo serviço por forma a poder responder ao seu antigo governo quando este voltar.

Procurou-se assim que todos quantos podiam pagar, pouco ou muito, o fizessem segundo as suas posses; criou-se uma moeda, em papel, para ocorrer a estas transacções e o systema seguido provou tão bem que ao passo que o pão em Bruxellas está mais barato que em Londres, o negocio de alimentar o povo belga rende. Isto notando que ha 1500:000 pessoas absolutamente pobres a quem diariamente se distribuem rações.

Entre os muitos problemas que a guerra actual se sabia ir fazer surgir, por certo nunca entrára em conta o de uma commissão particular estar sustentando uma nação inteira.

O Imperio britannico na guerra actual

Na historica sessão de 6 d'Agosto na Camara dos Commons, o primeiro ministro da Gran Bretanha revelava por entre o pasmo de um auditorio que ia ser o mundo todo, como a Allemanha pretendia *comprar* a neutralidade britannica, a troco da garantia do territorio continental francez e da restituição da independencia e integridade aos belgas de cujo territorio entendia dever *servir-se*:

«A proposta alleman significava pois que atraz das costas da França deixariamos as mãos livres á Allemanha para annexar a totalidade das possessões extra europeias francezas.

«E acceita ella, que resposta poderiamos dar quando a Belgica veio apellar para a nossa garantia? Eramos forçados a responder que tinhamos negociado a obrigação de manter a nossa palavra com a propria potencia que a ameaçava.

«Qual teria sido a nossa situação se tivessemos consentido nessa *proposta infame (Infamous proposals)*? Uma promessa e mais nada: promessa feita por uma

potencia no momento preciso em que por outro lado faltava á sua palavra. E cobertos de deshonra, teriamos atraído os interesses da nação.»

Nunca, em Parlamento algum, se estygmatisou mais duramente a falsa fé de uma nação. ¹ E Asquith continuava :

«Se me perguntam porque vamos á guerra, respondo em duas palavras.

«Primeiro, no desempenho de uma obrigação internacional, obrigação que se existisse entre dois particulares no decorrer habitual da vida, seria considerada empenho de honra a que ninguem com respeito por si proprio se poderia eximir.

«Segundo, porque combatemos para fazer triumphar, n'esta hora em que a força bruta parece ser o factor dominante, o principio de que as pequenas nacionalidades não devem ser esmagadas, violando a boa fé internacional, ao bel prazer d'uma grande potencia, abusando da sua força.»

¹ É curioso comparar com o que Fox dissera tambem nos commons, quando, depois d'Austerlitz a Prussia aceitava o Hanover das mãos de Napoleão, em troca do territorio d'Anspach : «o Rei da Prussia cedeu vergonhosamente um territorio considerado berço da sua monarchia recebendo em troca um paiz pertencendo a uma potencia com a qual, desde tempos immemoriaes, mantinha laços que entre homens e nações impõem obrigações sagradas. Não é possivel submeter-se por forma mais desprezivel a um tal estado de vassalagem. Toda a gente tem ouvido fallar dos insultos que a Prussia recebe dos Francezes desde que está sob o seu jugo. Tem sido tratada com tão pouco respeito quanto merece. Parece que os Francezes se encarregaram da justiça da Europa e que consideram a Prussia como uma nação com a qual é impossivel ter um tratado com que se possa contar. Parece-me que tem razão.»

Não se diz mais, nem se diz melhor. Está aqui registada para sempre a razão da grandeza do Imperio britannico no respeito da fé jurada, no culto da liberdade, segredo do seu crescimento, alicerce da sua força; a guerra vae bem depressa revelar o que esta tem de universal. Nas nações como nos individuos, honra, brio, dignidade, não se offendem impunemente. Por isso na proposta alleman, na resposta britannica está apanhado em flagrante o caracteristico das duas raças. Para vergonha de uma, para gloria da outra! Affirmação da força bruta tão descarada no seu cynismo, tão pesada no desprezo do direito, não a conhece a historia. Desde que surgiu no horizonte europeu a ameaça alleman, uma pergunta anciosa assomava a todos os labios: «Que fará a Gran-Bretanha?» Foi a Allemanha que lhe intimou a resposta, que até lh'a impoz.

E com tamanho desconhecimento do character desse grande povo, que era licito desde logo ver nesse erro commettido no calculo dos valores moraes, o prelude d'aquelles outros perante os quaes succumbem os Imperios.

«Um imperio que soube criar a potencia mas não a soube empregar», assim definia Balfour, na reunião do Guildall, pouco tempo depois, n'uma, d'estas phrases lapidares de que os homens d'estado britannicos tem o segredo, a causa da fallencia alleman: a differença nitida entre uma *ambição* e uma *politica*. Esta tem sobretudo que *fazer durar*; é o aproveitamento lento e paciente das circumstancias a favor de uma ideia guiadora. Tal foi a criação da unidade nacional em França durante trinta e tantas gerações de reis. Tal entre nós a politica da Casa d'Aviz, preparando, orientando e estabelecendo a

expansão nacional no nosso dominio ultramarino; tal a politica da casa de Bragança, restaurada a independencia nacional, garantindo sempre ao paiz o seu lugar no equilibrio europeu, desde a Paz d'Utrecht ao Congresso de Vienna e aos dos nossos dias, por meio d'aquella alliança britannica, condição essencial do nosso dominio colonial. Tal é para a Gran Bretanha a aquisição e conservação do senhorio do mar, condição essencial á vida de uma nação insular, executada com tão tenaz paciencia desde a Good Queen Bess até á guerra actual. Tudo isto representa paciencia, tenacidade, previsão, prolongadas atravez dos seculos na defeza dos interesses nacionaes sem collidir com os alheios. Em opposição temos a politica mundial alleman, aggressiva, querendo sempre impôr-se. O seu principal gerente, o Principe de Bulow bem a quer defender e apresental-a sociavel. A acção da triplice alliança, diz elle, era eminentemente pacifica, consecuencia das tendencias da politica mundial alleman. «Mas a paz mantinha-se não tanto porque os allemães se abstivessem de atacar os outros paizes, mas porque estes sobretudo receiavam a resposta alleman.» Isto é, a Allemanha especulava com o receio que a enorme força militar do Imperio causava; e julgava por consecuencia que tudo lhe era licito. Ao referir-se á crise bosniaca de 1908, o chanceller diz positivamente: «A espada alleman era lançada na balança da decisão europeia: ia soar a hora de vêr se a Allemanha era posta em cheque pelas potencias attrahidas no circulo da politica anti-alleman, ou se estas achavam os seus *interesses vitales* conciliaveis com actos hostis ao Imperio.»

Francamente, desde a crise da Bosnia para cá a

politica mundial, defensiva, dos interesses allemães, tornou-se aggressiva e offensiva para os interesses vitaes de todas as potencias. Sentiu-o a França desde Agadir ao Congo; a Gran Bretanha no caminho de ferro de Bagdad e na recusa constante a todas as ideias de redução de armamentos navaes; a Russia em toda a guerra balkanica; a Italia no equilibrio mediterraneo; o Japão no senhorio do Pacifico, e até nós na posse economica de Angola! Quer dizer, não havia hoje paiz algum no mundo cujos *interesses vitaes* não soffressem directamente com a *defeza* dos interesses allemães. Esta collisão formidavel venceu agora o *reccio* da força alleman, na qual, com tão pouca attenção pela dignidade e brios nacionaes alheios, parecia contar exclusivamente Bulow para manter a paz!

A entrada do Imperio britannico na liça, trouxe aos alliados o elemento essencial da victoria final. O senhorio do mar já paralysoou por completo o commercio e acabou quasi com o dominio colonial allemães, a dois mezes d'abertura das hostilidades: permittiu ainda a vinda para França das tropas das possessões mediterraneas, e d'aquellas que começam agora a desembarcar vindas de todos os pontos do Imperio britannico; são recursos inexgotaveis de soldados que vão crescendo á medida precisamente que o consumo espantoso da guerra irá abrindo brecha na reserva d'homens da Allemanha. A par e passo que o poder allemão declinar, sobe por um motivo natural o poder militar britannico. A entrada da Gran Bretanha na guerra torna impossivel a victoria alleman.

Mas marcou tambem o fim do poder imperialista germanico, no dia em que as tres potencias alliadas pactuavam a nova *Santa Alliança: os governos da Gran*

Bretanha, França e Russia comprometem-se mutuamente a não concluir separadamente a paz no decorrer da presente guerra; os tres governos convêm em que ao discutir os termos da paz, nenhuma das potencias alliadas poderá pôr condições sem previo accordo com cada um dos outros alliados.

Notemos que o Japão e a Servia adheriram posteriormente a este instrumento diplomatico; lembremo-nos de que o Czar proclamou a Restauração do Reino de Polonia, que a França já declarou revogado o Tratado de Francfort, e ouvindo as declarações posteriores dos ministros britannicos ácerca da duração da lucta até estar *segura e garantida a liberdade europeia*, não se pode deixar de pensar quão pouco ao iniciar o formidavel cataclysmo actual a Allemanha soube tomar conta d'aquelles *imponderaveis*, como Moltke chamava as forças moraes, ou de tudo quanto o vencedor d'Iena appellidava com a sua costumada precisão de termos — *La partie divine de l'art.*

*

*

*

Não se pode dizer que a politica externa do gabinete liberal levasse á guerra; antes o *pacifismo* era um dos artigos fundamentaes da doutrina radical; desde a sua subida ao poder vemos como elle teve logo applicação na reducção das despezas militares. O advogado pacifista e germanophilo Haldane, ministro da guerra economisa a valer. O orçamento do seu ministerio que era em 1906 de 32.880.000 £ st. baixa successivamente a 32.050.000; 30.691.000; 30.390.000. São 2.410.000 £ poupadas em tres annos; os effectivos do exercito bai-

xaram de 40.000 homens, as despezas com abastecimentos e munições que eram de 3 milhões esterlinos em 905, estão em 1.400:000 em 1908!

A marinha tambem não era poupada. O orçamento naval de 1906 subia a 38.300:000 £ st., está em 36 milhões no anno seguinte e successivamente 34.750:000 e 34 milhões esterlinos em 908. São quasi 4 milhões e meio d'economias. O gabinete conservador pedira mais de 11 milhões esterlinos para as novas construcções navaes em 904 e 905: orçava-as em 9.690:000 libras em 906; os radicaes baixam as cifras nos annos seguintes a 8.860:000; 8.100:000; 7.545:800 libras. São mais 2.135:000 libras de economias.

Facto curioso: á medida que a Inglaterra economisa, a Allemanha gasta; reduzidos a libras esterlinas os seus orçamentos sobem nos primeiros tres annos do governo radical, galgando de 5.300:000 libras para 8.300:000 para as construcções navaes em 908-909; é uma cifra já superior á cifra ingleza.

Entretanto a campanha iniciava-se em pró d'uma nova politica. Tendo a Gran-Bretanha agora apenas que conservar o que o Imperialismo adquirira porque não entrar em accordo com a Allemanha, accordo que permitiria, pela redução das despezas militares, o desenvolvimento das reformas sociaes? Não perdia o seu tempo, trabalhando neste sentido, o *Anglo-German Conciliation Committee*, donde faziam parte alguns dos mais importantes dentre os liberaes, lord Avebury, lord Courtney, H. Maxwell. M. P. etc.; durante o periodo especialmente difficil da Conferencia d'Algeciras, começam as mensagens: do burgo-mestre da cidade de Munich, Março 906, justificando a expansão economica do Impe-

rio pela superabundancia da natalidade e a ambição naval por preocupações deffensivas; 200 parlamentares allemães, 200 universitarios, 50 presidentes de Camaras de Commercio, 30 burgo-mestres das principaes cidades, fazendo parte da secção allemã da mesma commissão dirigem por seu lado outra ao Presidente inglez, lord Avebury; em maio, a 9, dois membros liberaes do trabalho, depõem na Camara dos Communs uma moção a favor da redução das despezas militares e um acordo para a limitação dos armamentos; Sir Edward Grey declara que a questão será submettida á Conferencia da Haya. Poucos dias depois é a visita dos Burgo-mestres de Berlim, Dresde, Aix-la-Chapelle, Colonia, etc. São recebidos pelo Rei Eduardo: ha um banquete em que os ministros radicaes são dithyrambicos a favor da Allemanha; Haldane faz o elogio do Kaiser; Winston Churchill fulmina contra os jornalistas que acendem o patriotismo a tanto por linha. No mez seguinte são os jornalistas. Ha outro banquete no *Metropole*: o chanceler, lord Reid, declara que jámais na historia a Gran Bretanha cruzara o ferro contra a Allemanha; pelo contrario pelearam na mesma frente. O Embaixador allemão, o conde de Metternich, que dirigia todo este immenso movimento com uma arte admiravel, aproveita a deixa para levantar a allusão ás derrotas francezas do Seculo XVIII e XIX. A *entente cordiale* datava de 1904.

Pois ainda em 906, temos a entrevista de Eduardo VII em Friedrichsof, a celebre visita de Haldane ao Exercito allemão, e Winston Churchill, então ministro das colonias, assiste sob convite especial do Kaiser ás manobras da Silesia. Interrogado por um correspondente do *Daily*

Mail o Príncipe de Bulow, então chanceler do Imperio declarava:

«Afirmar que a Allemanha pensa em rivalisar com a Inglaterra na supremacia maritima, seria pouco mais ou menos dizer que nós pensamos em construir um caminho de ferro para a lua!»

E referindo-se ao caminho de ferro, bem mais pratico e positivo, de Bagdad, acrescentava:

«Este projecto não é, nem nunca pode ser, senão uma empreza puramente commercial, pelo que respeita a Allemanha. Somos todos concorrentes commerciaes na Turquia, e nada mais».

Para provar a veracidade da affirmação vem a questão da fronteira do Sinai, e logo a seguir a affirmação do mesmo Bulow no Reichstag (abril 907) de que a Allemanha se recusaria, na conferencia da Haya a discutir a questão da redução dos armamentos. Era a resposta clara ao pacifismo britannico. Eduardo VII retorquiu: a 31 d'agosto Sir Edward Grey firmava o accordo anglo-russo. A Triplice Entente estava formada.

Porque ha, nesta lucta angló-alleman, duas correntes distintas que importa não confundir; por um lado os doutrinarios liberaes e radicaes, pacifistas, *little Englanders*, por conseguinte dentro do objectivo da politica alleman, que o Pr. de Bulow define assim na sua obra: «crear um poder maritimo que dê uma base real aos nossos interesses economicos e aos nossos projectos de politica mundial, poder tal que o facto de o atacar seja

uma temeridade mesmo para o adversario mais forte.» A arte dessa politica estivera como o fez notar Bulow tambem «em não prestar o flanco á Inglaterra» em «não ser inquietados nem influenciados por ella». ¹

A arte estava ainda em lograr a opinião publica britannica de maneira que esta só visse concorrências pacificas n'um accrescimo tão espantoso do poder militar. Na doutrina politica do Governo então no poder, encontrava a Allemanha, como vimos, um poderoso auxiliar. Mas havia os elementos tradicionaes, os mantenedores da velha politica britannica, que o mesmo Pr. de Bulow define «conforme os seus immutaveis interesses nacionaes, hostile ou pelo menos desconfiada perante a nação europeia mais forte». ² Sob a influencia de Lord Rosebery e depois de Sir E. Grey a unidade da politica externa tornára-se uma maxima indiscutida da vida parlamentar britannica. O *Foreign Office*, era pois por dever d'officio um dos apoios dessa tradição britannica, e acima de todos o grande diplomata que era o Rei Eduardo. E como a politica externa britannica se fundava no poder naval, ao almirantado competia ainda o logar d'honra nessa defeza; apezar das reduções a que fizemos referencia, o então primeiro Lord do mar, Lord Fisher, fundia as esquadras: *Atlantic, Channel e Home Fleet*, criava a base naval do Firth of Forth em Rosyth, e transportando o centro estrategico da defeza naval britannica para o mar do Norte parava assim a ameaça directa da Esquadra allemanha.

¹ La Politique allemande — Pag. 53, 55.

² Op. cit. pag. 41.

O programma naval de 1907 dava a esta um impulso formidavel: São 19 couraçados, 13 cruzadores, 48 destroyers a construir em 4 annos. Era apresentado á volta de Guilherme II da Inglaterra onde elle prodigalisára toda a sua arte de encantar, todo o conhecimento do meio, todo o seu dom de seduzir para adormecer o leão britannico: «Desejo ardentemente que o estreito parentesco que existe entre as nossas familias se possa manifestar nas relações dos dois paizes, dizia no brinde do banquete de Windsor, contribuindo para garantir a paz do mundo cuja manutenção tanto é o cuidado constante de Vossa Magestade como o meu.» Este discurso, e o do banquete do Lord Mayor no dia seguinte eram commentados com a petição de 136 deputados liberaes a Sir Henry Campbell-Bannerman, reclamando as economias militares justificadas pela situação internacional, e abria-se na Imprensa radical, *Manchester Guardian* á frente, a campanha reclamando a demissão de Sir E. Grey.

Mas em fevereiro de 908 o *Times* publicava a sensacional revelação da correspondencia entre o Kaiser e o Primeiro Lord do Almirantado, Lord Tweedmouth: Guilhermê II afirmava que os armamentos navaes allemães tinham em vista a França e não a Inglaterra; o ministro em resposta communicou-lhe o orçamento do Almirantadô, antes de ter sido presente á Camara dos Communs: não havia um mez que o seu collega da guerra, Lord Haldane, justificava o seu projecto de reorganisação militar com a opinião elogiosa do mesmo Guilherme II. Era deveras muita a conversa entre os membros do Gabinete Liberal e um Soberano Estrangeiro. A opinião já preocupada com o immenso programma naval allemão soou quasi unanime: Só ao Fo-

reign Office pertencia de direito e por dever travar conversação de tal natureza. A intimidade estava indo longe de mais.

Asquith, que já então succedera como Primeiro Ministro a Sir Campbell-Bannerman, fallecido, declarou em março nos Communs, que se a Allemanha não reduzir o seu projecto de armamento naval, a Gran-Bretanha vêr-se-ha forçada a crescer o seu. A lucta pelos armamentos iniciada pela Allemanha, parece pois travada sem refrega.

Entra então em acção o *Labour Party*: denunciando a loucura criminosa de semelhante désafio, intima os trabalhadores allemães a que auxiliem a apasiguar a agitação perigosa: novamente, 144 deputados insistem junto de Asquith para que reabra as negociações fallidas na Haya, e com o seu costumado ardor, Lloyd George entrando na liça, proclama em *Queen's Hall* a *nova cruzada* que chama os principes e as nações! A 18 d'agosto, parte elle mesmo para Berlim; a Inglaterra, declara-o a imprensa radical, está até prompta a sacrificar á limitação dos armamentos um dos principios essenciaes da sua tradição naval; reconhece a inviolabilidade da propriedade particular em caso de guerra no mar.

Uma vez ainda a Allemanha faz esbarrar as boas tenções do radicalismo inglez. A imprensa officiosa dava nestes termos a impressão da visita a Berlim do ministro inglez:

«As entrevistas do Ministro inglez com diversos homens d'Estado não deram logar a qualquer discussão referente a um entendimento anglo-allemão acerca das construções navaes.

Mr. Lloyd George não fez proposta alguma nesse sentido e ainda menos foi, do lado allemão, convidado a formulal-a.»

Razão de sobra tinha o *Foreign Office* e o Almirantado de se manterem na linha tradicional da politica britannica. Vinha a crise da Bosnia, a espada germanica era directamente lançada na balança europeia para manter a paz—*alleman*—. A politica mundial alleman entrava em opposição directa á Inglaterra. Sahia victoriosa: a tentativa de dar ao antagonismo anglo-allemão a largueza d'um systema geral de politica internacional, não se repetirá jámais, dizia orgulhosamente Bulow.¹ E seguia-se então a crise d'Agadir.

Pois o gabinete britannico tinha ideias tão provocadoras que a esta crise respondia com a missão Haldane. Logo no principio de 1912, o chanceller do Imperio propunha a este o seguinte accordo:

1.º As altas partes contratantes afirmam reciprocamente o seu desejo de paz e amizade.

2.º Nenhuma dellas fará ou procurará fazer qualquer ataque não provocado contra a outra; nem se juntará por meio d'acordo ou projecto algum contra a outra com fins aggressivos; nem tomará parte em qualquer acção naval ou militar, quer só, quer combinada com outra potencia, declarando não estarem ligadas por nenhum compromisso analogo.

¹ Op. cit. pag. 75.

3.º Se alguma das altas partes contratantes se achar envolvida n'uma guerra com uma ou mais potencias, na qual ella não tenha sido o agressor, a outra observará pelo menos uma benevola neutralidade, fazendo os maximos esforços para localisar o conflito. Se alguma das altas partes contratantes fôr forçada á guerra por uma terceira potencia, ellas obrigar-se a entrar n'uma troca de impressões acerca da sua attitude n'um tal conflito.

4.º O dever de neutralidade imposto pelo art. precedente, não tem applicação quando não fôr conciliavel com acordos já existentes e que as altas partes contratantes tenham effectuado.

5.º — É prohibido, conforme o disposto no art. 2.º, entrar em novos acordos que tornem impossivel a qualquer das partes observar a neutralidade para com a outra, alem do que fica providenciado no artigo anterior.

6.º As altas partes contratantes declaram que farão tudo ao seu alcance para evitar differenças ou desintelligencias entre qualquer dellas e outras Potencias.

É evidente que o art. 4.º, visto o Tratado da Triplice Alliança, deixava á Allemanha as mãos livres; pelo contrario, o art. 5.º impedia á Inglaterra transformar a Entente n'uma aliança. E ainda, se rebentasse uma guerra que a Allemanha entendesse ter-lhe sido imposta (como a actual, por ex. :) a Inglaterra seria forçada a conservar-se neutral. A ideia alleman ainda mais se manifesta nas negociações seguintes. É claro que o ga-

binete britannico não podia jámais acceitar taes clausulas; a 14 de março Sir E. Grey entregava a seguinte concisa declaração como contra-proposta:

A Inglaterra não fará ataque algum não provocado contra a Allemanha, nem seguirá nenhuma politica aggressiva contra ella.

Uma aggressão contra a Allemanha não é objecto nem faz parte de algum tratado, entendimento ou combinação de que a Inglaterra agora faça parte; nem ella entrará em nenhuma com tal fim.

Não se podia desejar nada mais claro nem mais preciso nem mais cathgorico. Mas a Allemanha queria forçosamente prender a acção da Gran-Bretanha. Por isso o Conde de Metternich propunha um dos seguintes additamentos:

A Inglaterra observará, portanto, e naturalmente uma neutralidade benevola, n'uma guerra imposta á Allemanha, ou:

A Inglaterra, portanto, e naturalmente, ficará neutral se uma guerra fôr imposta á Allemanha.

Os factos actuaes tem demonstrado quanta razão teve Sir E. Grey em recusar taes clausulas: a guerra sob o ponto de vista allemão, ser-lhe-hia sempre imposta. Mas Metternich vinha ainda exercer pressão com o programma naval allemão: é o systema habitual da diplomacia germanica; declarava que o chanceller recommendaria ao Imperador que cedesse nesse ponto se se che-

gasse a um acordo de neutralidade de *grande alcance* e sem deixar duvidas quanto á interpretação, mas não podia ainda assim deixar de explicar que não havia probabilidade alguma de retirar o projecto, mas sim deste poder vir a ser modificado.

É bem certa a observação de Bulow; o obstaculo á politica mundial alleman era a tradicional politica britannica de não consentir em hegemonias. Pouco tempo depois, o Embaixador allemão communicava uma carta do Chanceler do Imperio dizendo que a clausula suggerida pelo governo britannico *não era sufficiente sob o ponto de vista allemão*. Como por outro lado era evidente que o governo britannico não se podia collocar sob a dependencia alleman, a corrida dos armamentos continuava a toda a força.

O programma naval allemão de 1908 criava para a Gran-Bretanha a seguinte situação: em 1914 a esquadra alleman teria um numero superior a *Dreadnoughts*: tal era a consequencia das economias liberaes. Perante o facto, surgia imperativa a necessidade da defeza: a Inglaterra, declarava Asquith a 16 de março de 1909, não podia deixar comprometter a sua supremacia naval *garantia unica da segurança nacional*. Abandonou-se então o principio chamado *The Two Power Standard*; dois annos mais tarde, (13 de março de 1911) Winston Churchill, então já Primeiro Lord do Almirantado, annunciava estarem tomadas as medidas necessarias para tornar a esquadra britannica superior a qualquer esquadra estrangeira, e a qualquer *combinação provavel* que houvesse a combater. E fixava-se a margem de 60 % de superioridade sobre a esquadra alleman quanto ao numero dos *Dreadnoughts*.

Mas este programma já não bastou, quando depois das negociações que narramos o programma allemão de 1912 foi votado integro: alem dos augmentos de construcção, collocava $\frac{4}{5}$ da esquadra alleman em pé de guerra quasi perenne. Ainda assim, n'um discurso que teve na imprensa uma larga repercussão, Winston Churchill propunha um *armistício naval*, uma suspensão de novos armamentos por mutuo acordo com a Allemanha; Bethmann Hollweg respondia no Reichstag, que isto era já alguma coisa, mas eram precisas respostas concretas.

E o programma allemão de 1913 apresentava cerca de dez milhões de marcos de acrescimo sobre o anterior. De facto, em 1914, estava no mar toda a esquadra prevista pelo programma de 1900 para 1920, e estava igualmente concluído o alargamento do Canal de Kiel, previsto para 1918. Não se pode dizer que a Allemanha andasse devagar nas suas preparações pacificas.

Balfour foi o primeiro homem publico da Gran-Bretanha a dar forma á necessidade de harmonisar a politica com a organização militar do Imperio; criou em 1904 o *Committee of Imperial Defence*. Reconhecia ser indispensavel que os ministros d'Estado e os Chefes dos Serviços Navaes e Militares estivessem em contacto com a orientação geral da Politica no que respeitasse ás relações do Imperio com as outras potencias. Afirmava assim implicitamente que uma preparação militar não subordinada á politica carecia de base, como a politica por seu lado não se podia effectivar sem conhecer em que organização militar assentava.

A difficuldade essencial estava em definir o que era essa politica. Resolveu-se a questão assentando que deveria conseguir a *Segurança do Imperio*.

Essa segurança exigia em primeira mão a *superioridade naval*, mas esta não se alcançava senão mantendo o equilíbrio das potencias (*balance of power*).

Era toda a tradição da politica externa britannica; escrevendo no *United Service Magazine*, em janeiro 1912, depois da crise d'Agadir, Lord Milner dizia:

«Temos que construir navios contra uma nação e mesmo contra uma combinação de potencias. Mas não o podemos fazer contra metade da Europa. Se a Europa occidental com todos os seus portos, abrigos, arsenaes e recursos cahisse sob o dominio d'uma só vontade não havia esforço que nos garantisse o commando do mar. Só a *balança do poder* no continente torna possível mantel-o. E assim o manter-se esse equilibrio é vital para a nossa supremacia no mar, que por seu lado é tambem vital para a segurança do Imperio».

Com a crise d'Agadir vem tambem a organização effectiva da Força expedicionaria: fixou-se em 6 divisões d'infantaria com 1 de cavallaria e a artilharia e viaturas correspondentes. Mas era difficil perceber *porque* se fixava tal effectivo. Não chegava nem a $\frac{1}{3}$ do necessario para equilibrar com os effectivos allemães aquelles que a França podia então pôr em primeira linha na mobilização. Muito menos bastaria para dar ao Exercito belga a força numerica indispensavel para aguentar o embate das massas allemans; nem seriam essas seis divisões que deteriam a Allemanha no proposito d'uma aggressão. E como todos estes objectivos representavam

afinal as condições essenciaes para a *segurança do Imperio*, répetimos, era impossivel justificar ou explicar porque é que a força expedicionaria tinha 6 divisões d'infantaria e não 60. Quer dizer: *a organização militar britannica não correspondia por forma alguma ás necessidades da sua politica.*

Não foi outra a base da campanha em que Lord Roberts se empenhou, desde 1905, a favor do recrutamento obrigatorio (serviço nacional); nesse anno de 1912, em 22 d'outubro, pronunciava em Manchester um discurso sensacional cujos topicos merecem hoje ser transcriptos. Demonstram que o velho soldado era então o *Unico homem d'Estado* que possuia o Imperio.

Dizia elle:

«Neste anno de 1912, eu bem o sei, os nossos amigos allemães não afirmam dogmaticamente que haja uma guerra com a Gran-Bretanha este anno ou para o anno que vem. Mas no intimo do seu coração sabe, cada um delles, que tal qual em 1866 e 1870, a guerra terá logar no instante em que as forças allemans de terra e mar estiverem pela sua superioridade em cada ponto, tão certas da victoria quanto humanamente é possivel calcular. A Allemanha bate quando bate a sua hora. Isto é a politica respeitada tradicionalmente no seu *Foreign Office*. Tal foi a politica incansavelmente seguida por Bismarck ou Moltke. Tem a sua desde então.

É uma politica excellente. Devia ser a de todas as nações que queiram representar um grande papel na historia. Com essa politica a Allemanha

galgou de um salto, em dez annos, de ultima potencia naval ao primeiro poder maritimo do mundo, excepto um!

Taes são as considerações, tal a razão que me levou ao convencimento de que uma forma de serviço nacional é a *única salvação d'este Imperio*.

O Exercito territorial, já todos o sabem, *fallhou completamente*. Falliu em disciplina, falliu em effectivos e armamento, falliu *em energia*.

Essa *Territorial Force* era a criação querida do ministro da guerra liberal, o advogado Haldane. Reduziu este d'entrada os effectivos do Exercito regular, como já vimos, e entretinha o publico com opiniões como estas:

«Não julgo que o serviço obrigatorio possa ser adoptado neste paiz senão depois da Inglaterra ter sido invadida uma ou duas vezes». (Londres 1 de Dezembro de 1911).

«A nação britannica podia estar segura «sempre tinha sido uma nação de soberbos combatentes. *Nunca* estavam preparados, mas combatiam tanto melhor quanto menos preparados estavam.» (They fought the better the less ready they were) (Glasgow, Janeiro 6, 1912).

O seu successor, o coronel Seely não tinha pejo d'affirmar um anno mais tarde, abril 1913, que *cada soldado* no regimen do voluntariado valia *dez* recrutas do serviço obrigatorio.

(Sendo assim os 160.000 homens da *Exped. force*

valiam 1.600.000 e temos explicadas as 6 divisões. ! Depois já da guerra começada vemos outro ministro inglez, o attorney general, Sir John Simmons proclamar (nov. 21, 1914) que *cada voluntario* britannico valia *tres* allemães. Já reduzia a proporção. Acrescentava n'um repto d'enthusiasmo que o *Kaiser bem o sabia* (*The Kaiser already knewit*); isto despertava no auditorio: *laughter and cheers!*

O *laughter* bem o percebemos, mas o povo inglez está chorando lagrimas de sangue por esta serie d'inepcias pronunciadas por aquelles que tinham a responsabilidade da sua defeza.

Não queremos ficar por aqui: o regimen liberal inglez ha de ficar amarrado a este pelourinho.

Tambem já vimos o que era a situação politica em 1912: já sabemos como a Allemanha propunha clara e abertamente a Haldane a neutralidade britannica á custa da sua liberdade plena d'acção. A ameaça não podia ser mais grave. Pois que respondem os ministros que sabiam isto, que Lord Roberts ignorava?

A 26 d'outubro, Mr. Runciman classifica o discurso de Manchester, de *deploravel, pernicioso e perigoso*. «Se fosse sentido na Allemanha, elle orador queria que a Allemanha soubesse que tambem em Inglaterra o tinham sentido. A guerra só era inevitavel quando um homem d'Estado não achava meio de resolver as difficuldades, ou quando era tão mau que preferia esse meio infernal a qualquer outra solução, ou tão fraco que consentia a soldados, fabricantes d'armamento ou *scare mongers* dirigirem a sua politica.» Como não era um soldado como Roberts que a dirigia, Mr. Ackland, *sub-secretario* d'Estado dos Negocios

Estrangeiros vinha, com a responsabilidade do seu cargo, declarar que o serviço nacional obrigatorio seria um procedimento provocante para as outras nações (5 nov.) e ainda que lamentava muito o mal produzido entre os dois paizes pelo discurso de Roberts (25 out.). Que responsabilidade encorreu o governo não confiando na nação quando sabia o que sabia em 1912! Não basta vir agora, como Asquith o fez, declarar que a Allemanha tinha pedido carta branca para dominar o mundo «*exactamente quando augmentava enormemente os seus recursos aggressivos e defensivos por terra e mar!*» (out. 7, 914, Cardif); onde estão as medidas correspondentes tomadas em Inglaterra? E se não se tomaram, como é certo não se ter feito nada, não será, como o confessava o coronel Davenport, secretario financeiro do *War office*: qual dos grandes partidos se arriscaria a tomar o serviço nacional obrigatorio como plata-forma eleitoral? (*Morning Post*, out. 30, 1912).

Aqui está o criterio do regimen parlamentar: o interesse eleitoral contra o interesse nacional.

Resta-nos mostrar como, durante a crise, se comportaram as tendencias pacifistas do gabinete radical.

Sazonoff, desde o dia 24 de Julho, tinha manifestado ao Embaixador inglez que a melhor maneira de evitar um conflito europeu, seria uma declaração, pela Gran-Bretanha de absoluta solidariedade com a França e a Russia.

Se a guerra rebentasse, argumentava o ministro russo, a Gran-Bretanha mais cedo ou mais tarde seria envolvida nella; e tornal-a-hia muito mais provavel não fazendo causa commum com a França e Russia. (Livro inglez. Doc. n.º 6).

Quiz a França também levar Sir Edward Grey a enveredar por esse caminho, obtendo Paul Cambon em resposta a explicação da diferença entre a questão de Marrocos e o caso occorrente. Então a França era directamente envolvida na contenda, agora era levada a isso pelos deveres d'alliada. Nunca a opinião publica britannica sancionaria intervir numa questão entre a Austria e a Servia. E Sir E. Grey ia tão longe que declarava que, mesmo estando a França envolvida por tal motivo numa guerra com a Allemanha, a Gran Bretanha mantinha a sua liberdade d'acção. (L. cit. Doc. n.º 87).

O proprio Presidente Poincaré vinha em reforço á these do governo francez, no telegramma ao Rei Jorge publicado só em fevereiro; o Rei respondia nõo mesmo sentido que o seu governo.

Mais: a 30 de julho, San Giuliano exprime a opinião de que a Allemanha estaria mais disposta a acalmar a Austria, se se convencesse da solidariedade britannica com a França e a Russia, e isto, attento o seu desejo d'evitar um conflicto com a Gran Bretanha: (Ibidem. Doc. 106) pois Grey, a 31, repete ainda a Cambon que tanto quanto as coisas se apresentavam, não podia tomar compromisso algum! (id. n.º 119).

O que dizia entretanto Sir Edward Grey á Allemanha?

Por tres vezes a 30 e 31 de Julho, a 1 d'agosto, transmite um aviso claro e preciso acerca do *effeito que produziria no sentimento e na attitude do povo britannico a violação da neutralidade belga*. L. inglez Pg. IX. E explica a mesma publicação:

«Desde 24 de Julho em que a Russia primeiro pediu o apoio britannico, até ao dia 2 de

agosto em que uma promessa condicional d'auxilio naval, foi dada á França, Sir E. Grey constantemente recusou dar qualquer promessa d'apoio a qualquer dos nossos alliados actuaes...

... Elle recusou sempre acreditar que o melhor meio de manter a paz na Europa fosse um apparatus de força. Não se tomou medida alguma de mobilisação além de manter a esquadra reunida, e limitou-se o governo a indicar claramente, á Austria a 27 e á Allemanha a 29, que a Gran-Bretanha se não podia comprometer a ficar neutral se um conflito europeu viesse a ter logar.»

Facto curioso: o livro branco allemão corrobora os esforços pacíficos de Sir E. Grey, parecendo escrito no proposito de dar ideia d'uma collaboraçoão com a Gran Bretanha nesse sentido.

Assim lemos a pags. 9 (tradução ingleza):

«Declaramo-nos promptos, depois de ter fallado a ideia da Conferencia, a transmittir a Vienna uma segunda proposta de Sir E. Grey».

E a pags. 11:

«De braço dado com a Inglaterra trabalhamos incessantemente, apoiando todas as propostas».

O que vem tornar muito mais estranha a theoria da responsabilidade britannica da guerra, theoria apre-

sentada por Bethmann-Hollweg no Reichstag, cinco mezes mais tarde, a 2 de Dezembro, nos seguintes termos:

«O Gabinete de Londres podia ter tornado a guerra impossível declarando sem ambages em Petrogrado que a Inglaterra não consentiria que uma conflagração europeia surgisse da questão Servia».

O que dissera Sir E. Grey? já acima lemos:

«Limitou-se o governo a indicar claramente á Austria a 27 e á Allemanha a 29, que a Gran Bretanha se não podia comprometter a ficar neutral se um conflito europeu viesse a ter logar.»

É tal qual a mesma ideia por outros termos. A segunda these do Governo Allemão é pois desmentida não só pelo seu proprio Livro Branco, mas ainda pelos factos em si. Mas nada demonstra mais cabalmente o esforço de Sir E. Grey em pró da paz, e ainda, conforme o programma radical, em pró do entendimento com a Allemanha, do que a resposta enviada pelo Embaixador em Berlim á proposta alleman da neutralidade britannica. Dizia Sir E. Grey a 30 de Julho:

Se se poder conservar a paz na Europa e atravessar sem incidente a crise actual, o meu esforço pessoal será o de tomar a iniciativa d'um arranjo ao qual a Allemanha possa subscrever, e pelo qual ella ficará segura de que nenhuma poli-

tica, agressiva ou hostil será exercida contra ella ou nos seus aliados, pela França ou pela Russia ou por nós, quer todos juntos quer cada um de per si. Eu desejei isto e neste sentido trabalhei tanto quanto pude na ultima crise balcanica, e como a Allemanha tinha um objectivo semelhante, as nossas relações melhoraram sensivelmente. Esta ideia tem sido até hoje por demais *utopica* (textual) para poder ser objecto de propostas definidas, mas se a crise actual, muito mais aguda do que qualquer daquellas porque a Europa tem passado ha algumas gerações, fôr atravessada sem accidente, eu espero que o allivio e a reacção que se seguirem tornarão possivel uma aproximação entre Potencias, mais precisa do que até hoje tem sido realisavel. (Liv. Inglez, Doc. n.º 101).

Não julgamos, pois, possivel attribuir ao gabinete inglez quer na sua politica, quer durante a crise, coisa alguma que de perto ou de longe podesse levar á guerra ou muito menos crear um conflito directo com a Allemanha; nada esteve nunca mais longe do espirito dos seus homens d'Estado.

A campanha de França

Entrando em Bruxellas a 20 d'agosto, as vanguardas alemãs estavam em La Fère, a 20 leguas de Paris no dia 30 do mesmo mez. Durante esse periodo tragico, fomos successivamente assistindo ao desenrolar do plano, tão audaciosamente annunciado de ante-mão pelo valle



General Joffre — Commandante em chefe do exercito francez em campanha

pelo Estado Maior Allemão: fazer frente ás forças francezas e aguentar-lhe a offensiva na linha Belfort — Toul — Verdun, ao passo que o ataque pela Belgica, atravesado o Mosa entre Maestricht e Liège, penetraria em França

do Sambre flanqueado pelo exercito que

atravez dos Ardennes viesse desembocar entre Givet e Mezières. E apesar da heroica resistencia dos belgas, apesar da invasão da Alta Alsacia, apesar das desembocaduras dos Vosges terem estado nas mãos dos francezes, apesar do desembarque do exercito inglez, elle fôra-se desenrolando aos nossos olhos attonitos com uma tenacidade inflexivel, com uma força d'offensiva formidavel, impellindo, como uma maré irresistivel os 8 exercitos allemães com os seus dois milhões de combatentes,¹ ao embate do baluarte da raça latina.

A superioridade alleman estava até então affirmada: a mobilisação, a concentração, o desenvolvimento estrategico da immensa mole armada executara-se por forma impeccavel, como o avanço se effectuára, conforme o programma estabelecido. A massa gigantesca dos exercitos allemães, rotos os diques de Liège e Namur, varrêra perante si a resistencia do exercito activo belga e repellira por completo as forças anglo-francezas em toda a frente da sua zona de cobertura. Não ha duvida: a entrada em campanha do Exercito Allemão era digna da sua grande reputação e correspondia ás melhores tradições da sua gloriosa historia.

Uma sombra, ainda leve, destacava apenas então neste quadro; a estrategia alleman tinha um objectivo decisivo: por meio do *débordement* da ala esquerda franceza e da ameaça da sua linha de communicações com Paris, esmagar as forças do exercito activo. Necessitava,

¹ A mobilisação alleman dava 25 corpos de 1.^a linha, 33 de reserva e 15 de landwehr. Compozera os exercitos da frente occidental 21 de 1.^a linha, 22 de reserva e 8 de landwehr; é um total de 51 corpos com 2.500.000 combatentes, constituindo apenas as primeiras formações.

como Jagow o dissera ao Embaixador inglez, pôr fóra de combate a França antes de se voltar para a Russia. Para isso, e só para isso, violára a neutralidade belga. Mas Joffre conseguira retirar as suas tropas da batalha de Charleroi, e continuar cedendo o terreno sem dar preza ao seu formidavel adversario, e Castelnau no flanco direito conseguira tambem estacar a arremettida inimiga no Grand Couronné de Nancy. O exercito francez recuava, mas não só não estava esmagado, mas nem mesmo batido em batalha decisiva. Pelo contrario, Laurezac em Guise, aguentava numa refrega sangrenta o impulso allemão, e Joffre obtinha assim o tempo necessario para alcançar a linha Paris

— Verdun. Isto é, não só os allemães não tinham conseguido de principio a surpresa estrategica pelo ataque *brusquêe*, mas o objectivo estrategico da marcha rapida sobre Paris tiha já falhado.

Como se meteram os allemães pelo corredor entre Paris e Verdun, sem prever o ataque que a existencia



General Hunter

do Campo Entrincheirado de Paris no seu flanco impunha até? Seria a mesma cega confiança na sua força que os levára a impor a guerra ao mundo? Julgariam as forças de Joffre tão desmoralizadas como em 70? O que é certo é que o ataque de Maunoury sobre o Ourq contra o flanco direito de von Kluck desequilibrou a estrutura da linha de batalha allemã, que Sarrail aguentava heroicamente na extrema direita, enquanto Foch a rompia no centro. A 9 de setembro o movimento de retirada allemã é geral — e estava ganha a celebre batalha do Marne.

«A situação geral modificou-se completamente, dizia o communicado francez, tanto sob o ponto de vista strategico como sob o ponto de vista tactico; não só aguentámos a marcha dos allemães, que estes julgavam já victoriosa, mas ainda o inimigo recua perante nós em toda a linha. A batalha começada ha cinco dias termina com uma *victoria incontestada*».

Porque é que essa victoria se não tornou decisiva, porque se não transformou a retirada allemã numa derrota?

Porque ao Exercito francez faltára a meticulosa preparação do seu adversario. Como o notava o celebre critico militar do *Journal de Genève*, houvera erros militares determinados por causas politicas. D'um lado, o Exercito allemão alcançando o seu colossal poderio por um longo e paciente esforço dos seus chefes, tres chefes do Estado Maior General desde a morte de Moltke, e pelo tenaz e decidido apoio do Imperador. Do outro lado, trinta e tantos ministros da guerra no mesmo periodo de tempo, e a lucta nos ultimos dez annos de governo radical de toda a acção governativa contra

tudo quanto constitue a força militar, e as crenças religiosas.

Como pôde a França aguentar tão formidável embate é o que se impõe á nossa admiração. E só queremos por agora destacar o esforço persistente, a mestria tactica necessarias para trazer da Belgica até ao Aube o Exercito francez, sem se deixar nunca immobilisar pelo adversario, conservando a liberdade de manobra, e aproveitando as minimas occasiões, como em Guise, para contra-atacar com a ultima energia. A estas excepçionaes qualidades d'homem de guerra juntou Joffre a tempera de character necessaria para fazer aceitar ao seu país e ao mundo a manobra que concebêra, para libertar a capital do paltratorio politico, impondo o governo para Bordeus ao mesmo tempo que impunha á nação o durissimo sacrificio de abandonar á invasão quasi um decimo do territorio nacional. Manter ainda numa retirada, illesa a confiança das tropas, trazidas *na mão* com tão seguro tacto durante essas tres semanas de extraordinaria emoção; arruma-las para a batalha atirando-as para a frente com uma ordem do dia em que appellava para o que ha de mais sublimado na alma humana; aguenta-las depois numa semana de lucta com um adversario inflamado pela ideia proxima do triumpho, orgulhoso da rapidez fulgurante do seu avanço e igualmente conscio da importancia da acção travada, tudo revela em Joffre o digno discipulo do Mestre cuja epopeia immortal deixou gravado um dos cantos derradeiros naquelle valle do Marne onde agora começava a soar o dobre funereo do germanismo.

Cunctando restituit rem, diziam os romanos do seu Fabio. Temporisando soube Joffre restituir ás armas

francesas a victoria, tanto mais para admirar quanto é certo ter falhado a primeira manobra obrigando a alterar



General Franchet d'Espérey

todo o alto commando do Exercito.¹

Era deveras difficil, senão impossivel deixar a Belgica aberta á invasão sem tentar deter a maré humana que batia as de-fezas do Mosa; deixando Castelnau na Lorraine e Dubail na Alsacia, Joffre ordenava o avanço pelo Luxemburgo belga aos exercitos de Ruffey e Langle de Cary; o 5.º exercito francez, Lanrezac, marcharia sobre Namur estabelecendo a ligação com o corpo expedicionario britannico de Sir John French, entre o Sambre e o Escalda. Foi a batalha de Charleroi. Mas nem o

¹ Numa só Ordem do Exercito foram eliminados 62 officiaes generaes. Depois assistimos a promoções á 1.º Imperio. Maunoury e Langle de Cary estavam na reserva, são chamados ao activo; Foch, Sarrail, Franchet sobem do commando de corpo a Commandantes d'Exercito; Mandhuy e D'Urbal passam, em tres semanas, de brigadeiros ao Commando d'Exercitos. São homens de 57 e 58 annos.

3.º nem o 4.º exercitos poderam romper; a sua retirada descobriu o flanco de Lanrezac, e Sir John French teve que empenhar toda a tenacidade britannica para escapar á difficil situação militar em que a retirada geral o deixava.

Ora em tal momento, perante as falhas do commando, um general ordinario teria provavelmente procurado apenas demorar e aguentar o inimigo nas successivas linhas de defeza que o territorio offerencia. Joffre resolveu desde logo não se empenhar com o adversario senão para o atacar. A maneira como entre 26 d'agosto e 6 de setembro preparou essa manobra, representa uma das mais completas e decisivas mudanças de situação que conhecemos em toda a historia militar. E ao conhecer a victoria do Marne a França revelava ao mundo o nome de mais um dos grandes homens de guerra da historia, com uma pleiade de commandantes d'exercito, dignos emulos d'aquelles que esmaltam o seu glorioso livro d'oiro: Foch, o professor das admiraveis lições da Escola de Guerra, *Principes de la Guerre*, vivo, cheio d'entrain, homem de guerra completo; Castelnau, salvando Nancy no Grand Couronné, manobrador admiravel, simples, tranquillo, recebendo impassivel a noticia da morte heroica do filho, verdadeira figura á Catinat; de Maudhuy, o commandante do Exercito da protecção de Paris, que se atirou no Ourq sobre o flanco de von Kluck, incansavel, cheio de folego e de mocidade; de Maudhuy agora ferido a trinta metros das trincheiras inimigas; Sarrail que aguentou o Kron Prinz na Argonne; Dubail, todos elles homens d'acção na verdadeira acepção da palavra, temperando os caracteres, elevando as almas, com uma tão alta comprehensão do commando! São

officiaes do seu officio, é certo: são eminentemente especialistas, é verdade, mas acima de tudo são na plenitude, *homens de guerra*.

Como surgiram, de repente, desconhecidos a não ser dos profissionaes? Dizia-o a insuspeita *Gazeta de Francfort* — provinham d'aquelle admiravel espirito militar francez, *criação dos seculos*. Que soberba affirmação da força perenne e salvadora da tradição nacional: criação dos seculos, isto é, d'aquelles que durante seculos fizeram a historia da nação; factores politicos, factores militares, é verdade, mas agrupados, coordenados pelos chefes da nação, os Reis de França, como depois os soube aproveitar e coordenar o vencedor de Iena! Os erros do regime actual, a sua imprevidencia, a acção politica influindo nas nomeações, «as razões militares originadas em causas politicas» na phrase já citada do coronel Feyler, tudo isso deu a retirada de Charleroi, impediu depois a perseguição a seguir á Marne, determinou a invasão de dez departamentos. Mas o espirito militar herdado da tradição nacional, e o seu elemento d'acção, o Exercito, salvaram a França apesar do regime, e depois nas linhas do Aisne e do Yser, dando tempo á completa reorganisação militar da nação, e ao desenvolvimento do poderio naval da Gran-Bretanha, aguentaram os embates formidaveis do poderio teutonico, e salvaram definitivamente a tradição e a civilisação latinas do maior ataque conhecido.

DO AISNE ÁS FLANDRES

Se os allemães não contavam com a victoria do Marne não ha duvida de que todas as eventualidades

d'uma possível retirada e a maneira de a aguentar, tinham sido previstas com aquelle espirito de preparação meticolosa que dá á guerra actual um caracter tão especial. Retiraram do Marne tendo por peão de manobra o exercito do Kron Prinz e em poucos dias faziam de novo frente numa serie de posições que o correspondente militar do *Times* dizia serem «certamente das mais fortes que se poderiam encontrar entre os Montes Uraes e a bahia de Biscaia!»

A *ante-guerra* tinha preparado de facto nas margens do Aisne, um formidavel baluarte; entre a floresta de Laigne, Compiègne, pelas margens do rio Aisne, estendem-se por dezenas de kilometros uma serie de immensas pedreiras de granito, constituindo uma fortissima posição defensiva, quasi inexpugnavel se convenientemente preparada. Por uma coincidência curiosa estas pedreiras pertenciam todas a uma empreza allemã que havia mais de um anno ali trabalhava com pessoal seu, exclusivo de qualquer elemento francez.

Disse-se depois que o proprio von Kluck pessoalmente as estudára na primavera de 1914. O que é certo é que pela data em que os allemães alli faziam frente a Joffre, os jornaes francezes annunciavam a prisão por espionagem d'um Mr. Zonckermann, antigo director da Empreza d'auto-omnibus intitulada — *Société des Messageries départementales par automobiles*, lançada em 1908, (coincidência tambem curiosa) pelo conhecido financeiro Rochette, o protegido de Caillaux. Esta sociedade por successivas concessões adquiria pouco a pouco todo o transporte automovel entre os valles do Aisne e do Marne, e era amplamente subsidiada pelo Estado radical; começára por 19 mil francos annuaes; em junho de 1911

recebia 60 mil e em Setembro do anno seguinte subia a cem mil! O contribuinte francez ia assim pagando da sua algibeira o serviço d'espionagem encarregado de estudar o terreno onde se iam um dia decidir os destinos da França. Mas não basta. Maubeuge cahia a 7 de Setembro em poder dos allemães. Tornava assim facil a sua retirada e prejudicava singularmente qualquer manobra de Joffre contra o flanco direito do adversario. Ora



General Mannoury

soube-se posteriormente que a defeza da praça fôra surpreendida ao ver abrir o bombardeamento dos fortes por baterias montadas *numa só noite* em locais que os reconhecimentos tinham na vespera encontrado livres d'inimigos. Acontece que essas posições eram occupadas pelos locais d'uma fabrica alleman de montagem de material de caminho de ferro, estando precisamente construidas as plata-formas de beton destinadas ás peças de sitio, com as competentes vias ferreas, etc.

Tanto basta para explicar como a batalha do Aisne

a breve trecho se transformava numa verdadeira guerra de sitio. «A batalha, dizia um dos primeiros communi- cados francezes, tomou em grande parte da frente o character d'uma guerra de fortaleza, analoga ás operações da Mandchuria... Trata-se de conquistar linhas de trincheiras successivas, precedidas de defezas accesso- rias, de redes d'arame farpado, com metralhadoras nas *caponnières*. Nestas condições o progressó só pode ser muito lento».

Não podiam os communicados insistir no *handicap* que a imprevidencia do governo radical, apesar de bem avisado pela — *avant-guerre* — de Léon Daudet, carregava sobre a tarefa já de si tão viva do exercito, sendo deve- ras para pasmar que o Commando francez pudesse fazer frente a tamanhas difficuldades. Mas não ha duvida de que neste periodo se começou a fazer sentir a pressão russa, e a Allemanha, não tendo podido esmagar d'en- trada a resistencia franceza, resolvia aguentar a luta no theatro occidental e ir fazer frente aos russos com uma decisiva offensiva no Caminho da Varsovia.

Prolongada por um mez inteiro, a batalha do Aisne não trazia solução. O avanço dos alliados fora definitiva- mente sustado é certo, mas as tentativas para tornear a direita allemã tinham successivamente prolongado a frente em angulo recto na direcção de Lille, e quando Antuerpia cahia, 9 de outubro, o Exercito inglez tinha já iniciado a sua mudança de linha de operações, pas- sando a sua base naval do mar de Biscaia para a Man- cha, a formar a extrema esquerda da linha de Joffre. A conquista do reducto da defeza belga, permittindo a livre disposição de toda a rêde ferro-viaria do norte franco-belga, e a subsequeute occupação do territorio do

reino da Belgica, permite então aos allemães iniciar a terceira phase da guerra no theatro occidental com a marcha sobre Ypres e Calais. A iniciativa strategica vae então de novo passar aos allemães; seria inutil occultar que um dos objectivos essenciaes da arte da guerra consiste exactamente em conservar ou manter essa iniciativa. Mas a guerra actual, é para os allemães uma lucta desesperada desde que o primeiro objectivo strategico lhes falhou. Pelo contrario, para os alliados é muito mais importante ganhar tempo e gastar as forças do adversario; entretanto desenvolvem o seu poder militar e vae seguramente actuando a indiscutivel supremacia do poder naval britannico. E ainda tacticamente, o ataque em massa dos allemães, que deveras parecia modernamente guardado ás mangas de zulus ou de vatuas, dera aos alliados uma confiança absoluta na sua força de resistencia; não tinham, é certo, a força sufficiente para repellir já os allemães além fronteiras, mas estavam seguros de ter a resistencia sufficiente para aguentar os mais formidaveis ataques. É precisamente o que se vae demonstrar nos ultimos e terriveis mezes de 1914.

Quando a ameaça alleman apontou contra Antuerpia forçou Joffre á resposta: as trincheiras do Aisne tinham mostrado impossivel o ataque de frente e enquanto a ala esquerda allemã não fosse desalojada da Argonne e de Woivre, não podia ser cortada do seu centro e só um ataque de Metz ou Thionville conseguiria ameaçar as communicações allemans no Aisne ou no Oise. Restava pois, para quem pretendesse alliviar Antuerpia, a ameaça sobre a rêde ferro-viaria entre S. Quentin-La-Fère — além Sambre e Liège. D'ahi veio

a organização do Exército formado á esquerda do de Mannoury e cujo commando era entregue a Castelnau. São estes dois generaes que travam na ultima semana de Setembro e a primeira de Outubro as batalhas de Lassigny e Peronne; a formidavel resposta allemã, trazendo forças desde os Vosges, da Lorraine, e do seu centro sobre o Aisne, forçava Joffre a estender a sua esquerda até Arras, Lens e Lille, ameaçando outra vez o flanco esquerdo do adversario, com outro novo exercito, o 10.º, sob o mando de Maudhuy. É a batalha d'Ar-



General John French — Generalissimo do exercito inglez

forças disponiveis; mas Joffre não hesitava em transportar as forças britannicas, concentrando ainda na esquerda d'estas um outro exercito, o de D'Urbal. Foch devia commandar em chefe a esquerda alliada, composta successivamente, como vimos, dos exercitos de Castelnau, Maudhuy, Sir John French e D'Urbal; ia dar nas Flan-

ras. Mas nem Maudhuy nem Castelnau conseguiram tornear o flanco dos allemães. Estes manobravam no interior do angulo cujo vertice estava em Noyon e os braços de Lille aos Vosges; a força das posições occupadas permittia-lhes levar para a sua ala direita, ameaçada, todas as

dres a completa medida d'um extraordinario homem de guerra.

A offensiva de Joffre, se não podéra salvar Antuerpia annullou em grande parte o resultado do triumpho allemão, conseguindo que o exercito belga effectuasse a salvo a sua retirada da praça. É evidente que se os ataques de Maudhuy e Castelnau não tivessem tido logar, obrigando o commando allemão a manter ao sul do Escalda a massa das suas reservas, estas teriam naturalmente sido dirigidas para Gand e Ostende, e o exercito belga e os seus auxiliares britannicos difficilmente escapariam ao envolvimento. Depois ainda, se Sir John French e D'Urbal não estivessem já nessa epocha entre o Escalda e o Somme, as forças retirando de Antuerpia seriam facilmente anniquilladas e como consequencia os allemães occupariam facilmente Dunquerque e Calais, objectivo essencial que a formidavel offensiva, desencadeada na segunda quinzena d'Outubro e durante o mez de Novembro, era incapaz d'alcançar.

O commando superior allemão preparava essa offensiva com o seu methodo habitual. Reuníra no seu flanco dois exercitos, o do Principe Real bavaro e o Duque de Wurtemberg, comprehendendo 15 corpos d'exercito e quatro divisões de cavallaria. Não faltaram as proclamações inflamadas nem as *reclames* retumbantes ácerca da conquista da base naval que iria directamente ameaçar o poderio britannico. E o primeiro passo era a tomada d'Ypres, a velha capital das Flandres, onde o Kaiser em pessoa iria proclamar a annexação da Belgica ao Imperio allemão. Como para a marcha sobre Paris, tudo estava previsto e annuciado: menos o resultado. A offensiva alleman iniciou-se antes que as forças destinadas a repel-

li-la estivessem a postos: o exercito britannico apenas começára a desembarcar das vias ferreas e os reforços de Foch iam tambem em caminho. As tres semanas de 18 d'Outubro a 17 de Novembro, foram, na phrase do communicado francez, «o reinado do caminho de ferro e do automovel. Noite e dia as tropas rolavam, estrada fóra; chegaram a tempo. Divisões e corpos d'exercito, menos numerosos que os do inimigo mas animados por um espirito admiravel empenham-se, mal desembarcados. E um mez inteiro estiveram na frente do combate».

Apreciado este transporte das reservas francezas e a sua applicação no ponto decisivo da lucta, o critico militar do *Journal de Genève*, coronel Feyler fazia sobresahir a «mestria incomparavel» do commando francez.

Á mestria incomparavel do commando corrspondeu a admiravel tenacidade das tropas. Segundo Sir John French a crise dessa luta titanica foi na tarde de 31 d'outubro, quando as tropas britannicas eram forçadas a retroceder; mas o dia não terminava sem que num



General Foch

impulso irresistível reconquistasse de novo as trincheiras da frente. Tudo, até ao ultimo homem, desde os officiaes aos rancheiros, esteve empenhado na linha de fogo; batalhões inglezes com o effectivo de um milhar d'homens, reduziam-se a 70 praças commandadas por um subalerno; «Mas eu quero homens capazes de fazer impossiveis, dissera o marechal; é preciso aguentar.» E aguentou-se! 12 corpos contra 16 durante essas tres semanas epicas mantiveram a linha de defeza que os allemães á custa dos mais portentosos esforços, deixando no campo 70.000 homens por semana, não conseguiam romper. Nunca, na historia militar, uma offensiva mais cuidadosamente preparada, mais furiosamente empenhada, mantida com mais tenacidade, soffreu um cheque tão completo. É a batalha d'Ypres, ou as batalhas das Flandres.

Depois, até ao fim do anno, póde sem erro affirmar-se que nunca os alliados abandonaram o que tinham ganho. Os allemães mantiveram-se em geral na defensiva, confirmando as tropas adversas no sentimento da sua superioridade. Esta acaba de se manifestar no avanço britannico em Neuve Chapelle, e no francez da Champagne, ameaçando assim a ponta alleman dirigida ainda sobre Paris. Entretanto a artilharia pesada franceza foi constituida e organizada, os abastecimentos de munições completados, e á territorial, trenada e educada, declarou Joffre parte integrante do *Exercito Activo*, sem differença de designação. Da parte britannica, o Exercito da India cobrira-se já de gloria na batalha d'Ypres! agora são os Contingentes Canadenses que merecem os elogios de Sir John French. Os elementos de victoria dos alliados vão, neste como nos outros theatros d'operações, lentas mas seguramente fazendo sentir o seu peso.

O CAMINHO DO MAR E O CAMINHO DE LILLE

A luta formidável pelo caminho para o mar não chegou á decisão durante a primeira metade d'êste anno; os allemães não conseguiram romper a frente dos alliados, nem na série de batalhas começadas em outubro de 1914 nem naquellas que se conhecem hoje sob o nome da Segunda Batalha d'Ypres (março-maio). Mas também a contra-offensiva anglo-franceza tendo por objectivo Lille, não conseguiu até ao fim do primeiro anno de guerra abrir brecha na colossal organização defensiva dos seus inimigos. Se os resultados tacticos se têm marcado, muitas vezes, do lado alliado, não foram comtudo sufficientes para transformar, em estrategica, a victoria necessaria.

A occupação de Lille e do Norte da França põe na mão dos allemães quasi toda a produção mineira do



S. A. R. o Kron Prinz

país e grande parte da sua industria fabril. Segundo as proprias avaliações allemans estes arrecadam hoje 68 % da produção total do carvão francez; 90 % do minerio de ferro e 70 % do fabrico do aço. Teem num total de 3.235:000 cavallos-vapor, 34 % da força motriz; é toda a região fabril de Roubaix, Tourcoing e Lille, são os arsenaes de Douai, Denain, Maubeuge e Lille. Seria isto já de per si razão sufficiente para explicar o encarniçado da



General de Langle de Cary

luta de parte a parte.

Mas ha tambem a considerar a topographia da região. Esta mostra-nos que enquanto os allemães forem senhores do Saliente Lens-La-Bassée, ameaçando o ponto de junção das forças britannicas com as francezas, ha sempre a possibilidade de romper segundo o eixo e na direcção La Bassée-Boulogne, separando para o norte as forças belgas e abrindo brecha para o mar.

Por outro lado quando os alliados forem senhores do Saliente e da linha de cumiada de Aubers, tem Lille sob o fogo da sua artilharia e a tomada de Lille abre o caminho á libertação

da Bélgica. Nada dá mais ideia da feição especial desta guerra do que o simples registo do facto seguinte, no fim de dez mezes de luta sem treguas (outubro 914 — agosto 915) nenhum dos contendores alcançou uma decisão; a distancia que separa a primeira linha de trincheiras alliadas da cidade de Lille é em linha recta, 40 kilometros, dois dias de marcha.

O communicado francez de 24 de Setembro foi o primeiro a dar conta da transformação dos methodos de guerra; dizia elle a proposito da batalha do Aisne:

«A batalha do Marne foi uma acção empenhada em campo raso; debutou por uma repreza geral d'offensiva franceza contra um inimigo que a não esperava e que não tivera tempo d'organisar seriamente posições defensivas. Não acontece o mesmo na batalha do Aisne onde o adversario se fixou, ao retirar-se, em posições que a natureza do terreno torna em muitos logares muito solidos por si proprios e cuja organização elle poude progressivamente melhorar. Esta batalha do Aisne toma assim em grande parte da frente o caracter de guerra de fortaleza, analoga ás operações da Mandchuria. Póde acrescentar-se que o poder excepcional do material pesado da artilharia alleman e do 75 francez dá um valor especial ás fortificações passageiras que os dois adversarios estabeleceram.

Trata-se pois de conquistar linhas de trincheiras successivas, todas precedidas de defezas accessorias, sobretudo redes de fio de arame com metralhadoras em *caponnière*. Nestas condições a progressão só pode ser muito lenta e acontece frequentemente que os ataques não progridem mais de $\frac{1}{2}$ a 1 kil. por dia.»

Assim começou a guerra de trincheiras: successi-

vamente se foram tornando quartéis permanentes, construídos até em cimento armado, com coberturas á prova de bomba. Semanas e mezes se foram passando sob um



General Smith-Dowien

quasi permanente fogo d'artilharia, num tiroteio incessante, levando a mina e a sapa até debaixo das trincheiras do adversario, sem combates nenhuns de relevo, mas com constantes ataques e contra-ataques, tomando e retomando frentes de centos de metros, com um formidavel dispendio de vidas humanas, absoluta e totalmente fóra de proporção com os resultados obtidos, acrescido d'um consumo de munições,

sem comparação possível tambem com nenhum dos dados na historia militar. ¹

A permanencia nas trincheiras, obrigando a profun-

¹ Lloyd George afirmou na Camara dos Communs que as forças inglezas em Neuve Chapelle tinham gasto mais munições que nos tres annos da guerra boer. Os francezes dispararam em todo o cerco de Sebastopol, (out. 54 a set. 56) 1 600:000 tiros d'artilharia. É o consumo hoje de tres acções como a de Eparges ou do Labyrinth.

dal-as, a pequena distancia que muitas vezes as separam, determinaram a necessidade de ir procurar o combatente com tiros de trajetoria muito curva, e d'ahi a série de reinventos, ou de nova applicação de armas totalmente desuetas, desde a grana-da de mão á ballesta e á bésta: não só voltamos aos granadeiros de heroicas tradições mas temos ainda nas trincheiras os bésteiros medievaes. Por outro lado a necessidade de abrigar os homens do fogo incessante, o successivo acrescimo de solidez dos mesmos abrigos, e os obstaculos criados ao assalto pelas defezas accessorias, foram exigindo meios cada vez mais poderosos de destruição de uns e outros, trazendo para a guerra de campanha a artilharia pesada, subindo os calibres com o peso dos projecteis e a carga dos explosivos; a propria artilharia de campanha cresceu tambem no calibre tendo já os francezes em serviço peças de 105 mm. ¹



General Gallieni — Governador de Paris

¹ A artilharia franceza parece ter hoje em serviço os seguintes calibres: 75, 95, 105, 120, 155, 220, 270, 280, 320, 360 e 370, fóra a artilharia de trincheiras, crapouillot, arbaete, etc.

Substituindo a guerra de movimento pela guerra de fortaleza, indo assim buscar á industrialisação da parte material a compensação á sua inferioridade na parte *divina* da guerra, os allemães foram ainda trazer da sciencia chimica novos meios de matar, inaugurando o seu emprego nos campos de batalha. Davam assim á guerra um character de barbarie scientifica, peior que a barbarie primitiva por isso que é propositada e criada como direito inherente á guerra: «o aspecto feio e inherentemente immoral de taes methodos, escreve o Professor Lüder, não lhes altera a legalidade. O objecto necessario da guerra dá ao belligerante esse direito, é impõe-lh'o até, conforme as circumstancias. Não pode deixar escapar as vantagens talvez decisivas obtidas por taes meios.»

É certo que contra o emprego de taes meios estabelecia a Conferencia da Haya em 1899 precisamente a seguinte Declaração, subscrita pela Allemanha:

«As potencias contratantes concordam em abster-se do uso de projecteis cujo objecto seja a diffusão de gazes asphixiantes ou deleterios.»

Mas os allemães acharam a possibilidade de espalhar taes gazes sem ser por meio de projecteis, empregando tubos ou mangueiras ligadas a cylindros geradores, collocando-se assim fóra da letra da Conferencia. Quanto á ideia de lhe seguir o espirito, dispunha della claramente o seu Regulamento de Guerra quando dizia:

«Nos modernos usos da guerra não se deve apenas ter em vista a herança tradicional e a etiqueta professional da carreira das armas, mas

sobretudo as correntes de pensamento que agitam a nossa epoca.

Desde que a tendencia do pensamento humano, no seculo passado, foi essencialmente dominada por considerações humanitarias, frequentemente degenerando em sentimentalidade e emoção, não faltaram tentativas para influenciar os usos da guerra num sentido totalmente opposto á natureza da guerra e ao seu objecto. Tentativas dêste genero não hão-de faltar para o futuro, tanto mais que obtiveram um certo reconhecimento moral na Convenção de Genebra e nas Conferencias de Bruxellas e da Haya.»

Eis a razão pela qual a Allemanha se foi successivamente libertando de todas aquellas peias que a civilização christan queria pôr ao livre desenvolvimento da féra humana, e que os tratadistas de direito internacional vinham procurando compendiar desde Grotius para cá. Essa *herança tradicional, sentimentalidade e emoção humanitarias*, deviam desaparecer consideradas á luz da mentalidade alleman. A mesma mentalidade começou por attribuir o uso de taes gazes como represalia do seu emprego por inglezes e francezes; tambem o bombardeamento da Cathedral de Reims fôra causado por uma bateria franceza collocada no adro ou por um posto de observação no alto d'uma das torres, tal qual os padres belgas incitando os paisanos ao combate, tinham obrigado ao incendio de Louvain. Mas em junho, na *Gazeta de Colonia*, o professor Wegener, falava já claramente. É assim que merece ser transcrito, para completa elucidação dêste novo uso da guerra:

«Eu não venho cahir na tola discussão acerca da legalidade desta nossa nova arma d'ataque. Porque é que o gaz estupificante que se vê claramente e que avança devagar, diante do qual é possível retirar, ha-de ser menos humano que aquel'outro invisível e inevitável que impelle os projecteis e faz despedaçar os corpos? Ou o que rebenta debaixo dos pés numa mina secretamente explodida e atira com duzias de soldados desfeitos em pedaços para o firmamento?»

.....
O que é a lei hoje, nesta guerra a mais imoral, exceptuando algumas das colonias da Gran-Bretanha, de quantas se tem travado nos tempos modernos, na qual a intervenção da Italia, determinada por uma ancia de conquista que não soffre disfarce, vem mostrar ao mais rematado dos loucos qual o espirito da coalizão contra nós «feita em Inglaterra?» Querem então agarrar-nos pelas guellas? Verão e sentirão as nossas garras e os nossos dentes. E agora com mais força do que nunca.»

Taes são as razões explicativas e justificativas encontradas pela *Kultur* para o emprego da *chlorina* como arma de guerra. O seu apparecimento no campo de batalha marca innegavelmente uma data que importa registrar-se nos factos da actual guerra scientifica. Teve logar no dia 22 d'abril de 1915, partindo das trincheiras allemans entre Bixschoote e Langemark, contra aquellas que occuparam os Turcos da Divisão franceza Putz; na tarde seguinte experimentava os seus mortiferos effeitos

uma Brigada Canadense, da divisão Turner; a 26, os Indios da Divisão de Lahore. Foi na segunda batalha d'Ypres.

Sir John French tinha em fevereiro resolvido passar á offensiva. Não só o levava a essa resolução a necessidade de manter vivo o espirito d'ataque das tropas, naturalmente enervado pelo inverno nas trincheiras, mas ainda convinha corresponder ao esforço então victorioso dos Russos, coadjuvando ao mesmo tempo a acção dos francezes em Arras e na Champagne.

O seu primeiro objectivo foi Neuve Chapelle e começou a 10 de março com um bombardeamento que tambem marcou epocha na preparação da artilharia. Trezentas e cincoenta bocas de fogo, despejando durante trinta e cinco minutos toneladas de metralha, procuraram limpar d'obstaculos o terreno a percorrer pelas tropas, paralyndo a acção do adversario. Falhou o primeiro objectivo no extremo norte da linha alleman, tanto bastou para que Neuve Chapelle não pudesse ser levado



Sir Douglas Haig

de vencida ao primeiro impulso. Depois as tropas levaram mais de quatro horas a reformar-se para ir ao at-



General Sarrail

que da cumiada de Aubers. Os allemães tinham tido pois tempo de sobra para se reorganizar e chamar reforços de Lille. E o avanço britannico não pôde ir mais longe.

A resposta alleman deu-se mais ao norte, em S.^o Eloi; o processo tactico foi o mesmo; surpresa no ataque, intensa preparação pelo fogo, renhidissima peleja corpo a corpo. Mas as tropas britannicas tinham em Neuve Chapelle conseguido

manter a posse do terreno ganho o que não succedeu em S.^o Eloi.

Depois ha uma acalmia relativa (17 março — 20 abril): os allemães bombardeiam incessante e desapiadadamente a cidade de Ypres reduzindo os seus monumentos a montões de ruinas. Preludiavam dessa forma os formidaveis ataques que sobre ella iam dirigir durante outro mez.

É a segunda batalha d'Ypres: já dissemos qual a

nova arma que então surgiu naquelles devastados campos; a luta ia durar com sangrentas alternativas até 17 de maio.

A primeira phase da batalha durou até 26 d'abril: é aquella em que a offensiva alleman, mercê da nova arma empregada, esteve a um fio da victoria. Nunca a posição dos alliados nas Flandres foi mais critica; Ypres estava entregue aos Canadenses, precisamente os mais experimentados pelos gazes; o seu flanco esquerdo descoberto pela retirada dos coloniaes da Divisão Putz, mas Turner aguentou o formidavel assalto de quatro divisões allemans avançando a coberto das nuvens mortiferas, e os coloniaes britannicos salvaram a situação. Sabiam que a America e o Imperio estavam esperando vêr como se sabiam nos campos de batalha da Europa as milicias do Canadá, e pouco depois um dos seus mais notaveis homens d'Estado podia com orgulho afirmar: — «Vale mais a pena hoje ser Canadense do que ha oito dias atraz!»

A 29 d'abril, Foch resolvia passar á offensiva: tinham chegado os reforços francezes, e Putz queria tirar a desforra; ao abrigo do seu ataque, French pôde fazer recuar a direita dos alliados então formada pelo Segundo Exercito Inglez, ás ordens de Sir Herbert Plumer: o movimento, sempre de difficil execução, estava completo a 3 de maio, occupando uma frente mais curta 4,5 kil. A 8 começava a nova offensiva alleman.

Mas nessa data os alliados resolviam uma avançada mais ao sul no caminho de La Bassée; são as victorias francezas de Carency, a tomada do Labyrintho, de Notre Dame de Lorette. Mas o 1.º Exercito inglez, commandado por Sir Douglas Haig, falhava na conquista da cumiada

de Aubers. Exaltados por este successo os allemães abrem sobre a malfadada Ypres um bombardeamento que Sir Herbert Plumer classificava no seu relatorio como «o mais forte até então experimentado» (13 maio), mas os seus ataques eram repellidos, e a 17 nem um



General de Castelnau — Comandante do exercito de Lorraine

só allemão que não fosse morto, ferido ou prisioneiro, tinha ficado na margem esquerda do Canal d'Yperlée: estava terminada a segunda batalha d'Ypres, e tinha falhado a ultima (até ao presente) tentativa para conquistar o Caminho do Mar.

A victoria franceza de Carency fôra preparada por um intenso fogo d'artilharia: 1.200 bocças de fogo tinham despejado 276 tiros cada uma. Igual preparação pelo fogo não houvera no campo inglez. A 14 de maio appa-

recia no *Times* o celebre artigo em que o seu correspondente militar, então junto ao quartel general britannico, dizia que a falta d'um abastecimento *illimitado* de munições d'artilharia, impedira as forças de Sir Douglas Haig de conquistar aquella preciosa cumiada donde dependia a posse de Lille. Se o valor humano desaju-

dado dos meios materiaes bastasse nos combates d'hoje, Aubers teria cahido sob o impulso das baionetas britannicas. Esse artigo teve no publico inglêz e no mundo em geral uma immensa repercussão. Se notarmos que a 16 de Junho, Lloyd George estava nomeado Ministro das Munições, e que entretanto se formára o Ministerio de Concentração, teremos podido avaliar as largas consequencias de semelhante declaração. A acção ou batalha d'Aubers teve pois uma consequencia politica da maior monta, mas veiu ainda introduzir na guerra como *essencial* o que até então era considerado como subsidario, tanto mais que a sua licção vinha sobre a de Neuve Chapelle, onde a não destruição da rêde d'arame em frente da direita alleman, impedira exactamente que fossem conquistadas essas, hoje tão celebradas, cumiadas de Aubers. Ainda d'esta vez a porta do Caminho de Lille ficava em mãos allemans.

A Serbia heroica

Quando a apresentação do ultimatum austriaco, esse documento, sem precedentes, que impunha a uma nação 48 horas para desistir da sua independencia, vinha revelar ao mundo a que ponto subira a enfatuação alleman, nas negocia-



S. A. R. Alexandre — Príncipe Herdeiro da Serbia

ções tão curtas, que avontade do Kaiser consentiu ainda, chegou-se até, a ver se se evitava a guerra, a dar de barato que a Austria tirasse da Serbia uma desforra para o seu orgulho,

admittindo-lhe o pretexto de que a nação fôra connivente no attentado de Serajevo. Mero lógro, pois o

rancor da Monarchia dualista vinha de longe contra o povo que se subtrahira á sua tutela, resistira á annexação da Bosnia, e, conquistando na campanha dos Balkans o Sandjak de Novi-Bazar, descendo depois pelo Vardar abaixo até Salonica, vinha cortar o vôo da Aguia Imperial sobre o mar Egeu. Por isso recusára a Austria dar-lhe na costa da Albania a sua sahida natural para o mar, por isso lançára os Bulgaros contra os alliados da vespera, e jamais por certo a politica do Ballplatz consentiria que em volta da maior Serbia pudessem reunir-se um dia os Dalmatas, Croatas ou Slovenos mantidos ainda por ella em estado de quasi servidão.

As revelações do homem d'Estado romaico, Take Jonesco, as sensacionaes declarações de Giolitti na Camara Italiana, vieram posteriormente demonstrar que o attentado de Serajevo fôra para o Conde de Berchtold mero pretexto; estava de antemão assente o esmagamento da Serbia, e o archiduque herdeiro caía morto precisamente no momento em que o recente reino mal se repunha ainda das duas campanhas anteriores e se encontrava em pleno periodo d'uma completa reconstituição das suas forças militares: o thesouro vasio, os arsenaes despejados, entalado em duas das suas fronteiras pelo territorio de um inimigo cuja população era 14 vezes a sua, sem communicações com o mar, com a capital a um lance de pedra da fronteira, a Serbia parecia deveras facil prêsa para as garras do Habsburgo, e a sua conquista antolhava-se militarmente como uma *expedição punitiva*.

Logo a 28 de julho, no proprio dia da declaração de guerra, os austriacos iniciavam o bombardeamento de

Belgrado, mas com o seu vagar tradicional só a 12 d'agosto atravessavam o Save com trez corpos d'exercito e o Drina com um; o marechal Putnik, commandante em chefe das forças serbias, concentrára as suas forças em posição estrategica central, prompto a lança-las ao ataque logo que se desenhasse a direcção d'este. O avanço serbio é tão impetuoso que, a 16, chegam ao contacto com o inimigo, que ainda não desembocára das margens do Drina; empenhá-se a batalha do Iadar; o centro austriaco é roto a 18, a 20 a victoria é completa, e inicia-se a perseguição que os magyares do 4.º corpo detêm ainda quatro dias em Chabatz; a 24 transpõem de novo o Save, deixando nas mãos dos vencedores cinco mil prisioneiros, 50 boccas do fôgo, e uma quantidade consideravel de munições e abastecimentos de toda a ordem.

Numa brochura celebre no seu tempo, *L'art de combatre l'armée française*, o Principe Frederico Carlos, precavendo os seus soldados contra a ideia de poderem repetir os faceis triumphos da campanha de 1866, escrevia que os austriacos tinham a *rotina da derrota*. Na campanha actual, o Estado Maior austriaco tem conseguido um verdadeiro *record* na arte de transformar e de formar a verdade, enriquecendo o vocabulario militar com uma serie de expressões que ficarão por certo lendarias: — a doce hilaridade que despertam as noticias das victorias inimigas — as concentrações á retaguarda — as retiradas que são manobras estrategicas. E assim o boletim official d'esta campanha de tres semanas apresenta os factos como significando «uma medida de represão de secundaria importancia» limitando-se o Exercito austriaco a «uma incursão de curto alcance» deixando,

ao recolher a quartéis, o adversario «completamente enfraquecido».

Tão enfraquecido estava elle que iniciava a 5 de Setembro uma offensiva pelas duas alas. Na direita, nada pôde conseguir porque a sua falta de cavallaria e o mal apetrechado da artilharia não lhe permittiu manobrar efficazmente na planicie hungara : Semlim, occupada a 10, teve que ser quasi logo abandonada. Mas os serbios teem em alto grau a aptidão natural para a guerra de montanhas e durante o resto do mez, com os montenegrinos, guerrilharam com bom exito pelas serranias da Bosnia. Os austriacos porem não podiam evidentemente ficar sob a impressão da derrota. Ás ordens do general Potiorek, concentram cinco corpos d'exercito, com os quaes elle tem por objectivo tornear a esquerda de Putnik, marchar rapidamente sobre Valievo, e cortar a retirada do resto do exercito. Os serbios porem nem deixam desembocar os dois corpos que tentam a passagem do Save, e no Drina, são necessarios dois mezes de luctas incessantes para que, exgotadas as munições, sejam forçados á retirada. É o periodo critico da campanha : o paiz parecia chegado á exhaustão das suas forças; era, em dois annos a terceira campanha; o consumo de munições fôra tal que só intermitentemente podia a artilharia responder ao fogo da sua adversa; mas a tempera da raça não cedeu, e a retirada é cortada com repetidos retornos offensivos; a 20 de novembro, Putnik resolve fazer de novo frente ao invasor cobrindo a sua frente com o curso do Kolubara, do Lig, o massiço do Souvobor e o valle do Morava: ahi os tres exercitos serbios vão esperar os seis corpos d'exercito austriacos. A batalha dura mais d'uma semana: a 29 os austriacos apoderam-se

do Souvobor; Putnik recusa então a direita e evacua Belgrado. Parece chegado o fim da resistencia.

A 2 de Dezembro no 66.º anniversario da aclamação de Francisco José, o velho Imperador recebe a noticia da entrada das suas tropas na capital inimiga; Potioreck promete ao exercito leval-o a Nisch em oito dias. A guerra parece acabada, e Vienna, tão escassa de boas novas, festeja ruidosamente a queda da detestada nação.

Mas uma nação só morre quando se deixa morrer e o brio nacional vae operar prodigios. Chegam finalmente comboios successivos de munições; e como Joffre antes do Marne, Putnik declara que acabou o andar para traz: o velho rei Pedro, bem tolhido da gotta,

reanima nas trincheiras o ardor dos soldados: Rei, principes, generaes, á porfia, pregam ás tropas que a batalha que se vae empenhar será decisiva para a raça serbia, que todo o prodigioso esforço da nação ficará sepultado para sempre na derrota, ou resurgirá redívivo n'um



Archiduque Friedrich

porvir magnifico com a victoria que o seu esforço vae uma vez ainda arrancar.

A tres de dezembro, ao alvorecer, a infantaria serbia marchava ao ataque; durante quasi quatro dias elle repetia-se incessante e porfiado, em impulsos formidaveis. Finalmente cedem as tropas austriacas, está tomado o Souvobor; tres corpos são arrastados na derrota, quebrada de vez a força de resistencia, e pelo estreito valle do Morava a perseguição serbia não lhes dá repouso. Entretanto a direita empenha-se a fundo no ataque, segura do seu flanco. Animados pelas proezas dos seus camaradas, os soldados de Youritchich e Stepanwitch não conhecem obstaculos. A 13 de dezembro, todo o restante exercito austriaco está em fuga. Está ganha, com dez dias de formidavel peleja, a batalha de Rudnik. A 15, o rei Pedro entra de novo em Belgrado: não ha já um só austriaco no territorio serbio!

Ha prisioneiros, respondia Putnik quando lhe faziam essa observação: 46:000 homens, 200 boccas de fogo, 2:000 cavallos, cerca de 400 viaturas, são os tropheus da victoria, por certo uma das batalhas decisivas da Historia. N'ella adquiriu a Serbia jus ao seu grande futuro, e assim acabou para a Austria Hungria a «*expedição punitiva*».

A Austria não tentou mais directamente a sorte das armas, mas não tem sido poucas as difficuldades creadas: as repetidas incursões d'Albanezes em territorio serbio, o recente ataque dos Comitadjis bulgaros, commandados, ao que parece, por officiaes allemães e austriacos, por demais o revelam. E n'este ultimo ponto tem os Imperios do Centro actuado naturalmente sobre os ressentimentos bulgaros e as consequentes reivindi-

cações da Macedonia. Tem sido até agora sem solução o problema da attitude bulgara no conflicto, e isso tem prejudicado gravemente a acção balkanica. Pretende a Bulgaria da Grecia, Cavalla e o seu territorio, requer da Serbia a Macedonia até á margem esquerda do Vardar. É impossivel por outro lado arrancar qualquer concessão territorial á Serbia, emquanto esta não estiver garantida da posse do seu indispensavel desembarque no Adriatico. Aqui encontrava por outro lado as aspirações do irredentismo italiano. A julgar pelas ultimas noticias, parece que os alliados reconhecem á Italia o Trentino, Trieste e a Dalmacia. A Serbia iria assim ter a sua sahida pela Albania, destinada a desaparecer: a sua aspiração é reunir n'uma só nação, Serbios, Montenegrinos, croatas e slovenos. Assim se constituiria o Estado Jugo-Slavo que definitivamente cortaria ao germanismo o *Drang* para o mar Egeu.

Os Russos

DE TANNENBERG A PRZEMYSL

Na conversa historica de 4 d'agosto com o Embaixador britannico em Berlim, o secretario d'Estado von Jagow justificando, sob o seu ponto de vista, a invasão da Belgica dizia «que o governo Imperial fôra obrigado a dar esse passo, visto ter que entrar em França pelo caminho mais curto e mais rapido, para conseguir um avanço nas suas operações, procurando dar um golpe decisivo, o mais cedo possivel. Era para elles, allemães, *uma questão de vida ou de morte*, porque, se tomassem o caminho do sul, a penuria de estradas e a força das fortalezas não lhes consentiria romper, sem que uma defeza formidavel lhes impuzesse enorme perda de tempo. Este tempo perdido seria ganho pelos Russos em trazer as suas tropas até á fronteira alleman. A rapidez d'acção era o grande trunfo allemão, emquanto que o da Russia consistia nos seus inexhauriveis recursos em homens».

O Secretario d'Estado dos Negocios Estrangeiros não fazia evidentemente senão resumir perante Sir E.

Goschen o plano de campanha do Grande Estado Maior. Baseando-se na maxima napoleonica — o tempo é o grande elemento entre o espaço e a potencia — o com-



S. M. o Imperador da Russia — Nicolau II — e o Gran-Duque Nicolau
— commandante em chefe do exercito russo em campanha

mando allemão pretendia aniquilar a força militar francêsa, antes que a potencia russa tivesse o tempo necessario para vencer o espaço immenso que as suas

forças tinham a percorrer antes de poderem entrar em acção.

Como este plano necessitava, absolutamente, para ser bem succedido, d'uma victoria *decisiva* sobre a França, os factos da guerra vieram demonstrar quanto preferivel teria sido para os allemães ganhar na sua fronteira oriental o tempo necessario para conseguir essa victoria, trocando assim os dados ao problema. Mas o certo é que a immensidade russa de tal forma actuou sobre os espiritos, as massas d'homens susceptiveis de serem mobilizados, d'entre uma população de 173 milhões, attingiam cifras tão portentosas, que se suppoz facilmente ir assistir a uma rapida marcha sobre Berlim, desde que os primeiros cossacos das avançadas de *Rennemkampf* transpunham, a 4 d'agosto, a fronteira da Prussia Oriental. Não se tratava porem do inicio de uma marcha sobre Berlim, nem mesmo d'operações militares ligadas estrategicamente a um plano geral de campanha. Era sim indispensavel occupar o maior numero possivel de tropas allemans e, levando a guerra á velha Prussia, produzir um determinado effeito moral.

Rennemkampf partia de Vilna, enquanto *Samsonoff* sahindo de Varsovia subia o *Narew*, tendo *Allenstein* como objectivo. Na segunda quinzena d'agosto, o primeiro batia os allemães em *Gumbinnem* e *Insterburg*; entretanto *Samsonoff* occupava *Ortelsburg*. Se as duas columnas russas conseguem operar a sua junção, poderão isolar *Koenigsberg*, e seguir n'uma massa importante sobre o *Vistula*. Mas vae entrar em scena *Hindenburg*.

Paulo von Hindenburg era um general reformado desde 1911, com mais de 67 annos de idade, e portanto sem commando algum ao começar-se a guerra. Oriundo

de uma familia typica militar prussiana, passára a sua carreira na Prussia Oriental como chefe do Estado Maior e commandante de corpo, e conhecia a topographia da Provincia, especialmente da região dos lagos Mazuricos, como ninguem. A importancia d'esses obstaculos para a defeza do territorio impressionára-o tanto, que se oppozera em escriptos e conferencias com a maior tenacidade, a que fosse por deante um grande projecto agricola de drenagem dos lagos e pantanos da região e seu aproveitamento para a cultura. Fôra na realidade bem inspirado. A 25 d'agosto, reconhecendo a gravidade da situação militar, um telegramma do Kaiser chamava o veterano ao serviço; no dia seguinte, von Hindenburg estabelecia o seu quartel general em Marienburg, quasi na foz do Vistula, tendo um aspero problema a resolver. Com um effectivo de quatro corpos de exercito, dos quaes metade só de primeira linha, tinha que se defrontar com dois exercitos russos vencedores, cada um dos quaes lhe era superior em forças. Mas o commando russo estava avançando sem muita precaução e julgando, dos successos dos primeiros dias, mais fraca a resistencia do adversario, não contava com a mudança do chefe; este punha logo a 26 as suas forças em acção contra Samsonoff, para impedir a junção dos seus dois adversarios; a 27 e 28, ganha a victoria decisiva de Tannenberg, e d'ahi até ao fim do mez captura mais de cem mil prisioneiros, destroça totalmente o exercito de Samsonoff, que é morto na retirada, assim como o seu chefe do Estado Maior Pestich; depois volta-se contra Rennenkampf, e sem conseguir cortal-o, como ao outro, em combates de retaguarda, toma-lhe mais de trinta mil homens, cento e cinquenta boccas de fogo e, a 15 de setembro, em Inster-

burg proclama a liberação do território inimigo: em tres semanas, n'uma campanha pelas linhas interiores, que ha de ficar modelar, o official reformado, até então desconhecido, adquire renome universal, revela-se extraordinario homem de guerra, e o Kaiser, premiando os seus serviços com o bastão de Marechal e dando-lhe o commando superior em toda a frente oriental, não fazia senão ratificar o veredictum da opinião nacional, que as suas victorias tinham exaltado.

Os russos porem a breve trecho revelavam-se adversarios dignos do Marechal: a sua qualidade peculiar, a excepcional firmeza perante os revezes, a aptidão unica em retomar a offensiva, depois d'uma custosa retirada sem

abalo algum para os nervos da tropa, a imperturbavel serenidade e confiança que o seu commando em chefe tem n'esta guerra revelado, iam successivamente annular todos os subseqüentes esforços de von Hindenburg para obter, com a mais tenaz das offensivas, resultado algum decisivo. É certo tambem que as victorias



General Russky

alcançadas sobre os austriacos iam largamente compensar estes primeiros reveses.

Mobilisada antes da Russia, a Austria iniciára a campanha, dirigindo um ataque contra a frente Varsovia — Brest-Litowsky, por meio de tres exercitos, Dankl, á esquerda, Auffenberg na direita, o arquiduque José Fernando em segunda linha; a fronteira é atravessada, a 25 d'agosto, e Auffenberg encontra logo em Tomasvow uma tal resistencia, que é obrigado a chamar a si o arquiduque.

Abre assim um hiato importante entre o exercito de Dankl, que avança por seu lado até 20 kilometros de Lublin. Mas a offensiva russa inicia-se fulminante; a 26, Russky empenha-se n'um ataque a fundo que n'uma semana de combates o leva a Lemberg, entrada a 3 de setembro. E sobreexcitadas com esta victoria, as tropas de Brussilof, que tinham retirado até Lublin, passam á offensiva e rompem em Rawa Ruska o centro austriaco. Bem depressa Russky faz sentir a sua acção na retaguarda, e n'uma serie de batalhas, que terminam a 12 de Setembro, os dois generaes russos repellem definitivamente o adversario para traz do San: a 28, Przemysl é investido e no fim do mez a ala direita russa occupa as margens do Wisloka, a ala esquerda alcança os collos dos Carpathos, por onde a cavallaria cossaca desce á planicie hungara. Com um mez de campanha o exercito austriaco está por tal forma desorganizado, que só conseguirá depois aguentar-se com reforços cada vez mais importantes tirados ás tropas allemans: muito longe de auxiliar o Imperio allemão, a Austria vae-lhe consumir taes effectivos que tornam impossivel obter resultado decisivo em quaesquer dos theatros d'operações. Tambem

aqui nos não parece que o Commando Superior Allemão soubesse avaliar com justeza o valor das forças em presença.

Hindenburg, já então commandante em chefe das forças allemans e austriacas, não hesitava em reconhecer que Cracovia era o objectivo essencial da estrategia russa. Senhor d'esse tão importante entroncamento ferroviario, o Gran Duque Nicolau ficava apto a manobrar pelo valle do Oder, e a começar a invasão da Prussia por um dos seus orgãos mais sensiveis, por uma das suas mais ricas e industriaes provincias, a Silesia. Por isso vae transportar a lucta para a Polonia, ameaçando Varsovia e a zona de concentração do adversario, e nada exemplifica mais fortemente o que é o espirito d'offensiva alleman, do que ver, apezar dos dois grandes revezes iniciaes, a batalha do Marne e a derrota austriaca, começar simultaneamente os dois formidaveis ataques contra Calais e contra Varsovia.

O Gran Duque Nicolau, ao perceber a ameaça do adversario, resolve renunciar ás vantagens obtidas, para poder constituir uma defeza inabalavel, d'onde, aguentada a offensiva inimiga, possa retomar o contra ataque: com uma absoluta serenidade, e sabendo fazer esse pesado sacrificio, abandona as margens do Wisloka, larga as cristas dos Carpathos e como Bonaparte levantando o cerco de Mantua para ir ganhar a batalha de Castiglione, levanta tambem o cerco de Przemysl.

Ao inverso porem de Bonaparte, que avançou para atacar, o Gran Duque retirou para se defender: a disposição estrategica do theatro d'operações a isso o obrigava. O Saliente russo da Polonia, podendo ser atacado pelos seus flancos, tanto a oeste como pelo sul, a fraca densi-

dade da sua rede de vias de comunicação em relação ao territorio allemão, forçavam-no a ir buscar o apoio das zonas fortificadas que constituíam a fronteira militar russa, Nova Georgiewhs, Varsovia e Ivangorod. D'ahi parte a sua contra-offensiva, a 16 d'outubro; a 24, o movimento de recuo allemão generalisa-se; a 26, os russos estão em Lodz; a 28, em Radew; a 31, em Petrokow, e as avançadas cossacas pisam de novo o territorio da Prussia Oriental destruindo a estação de Ploerchen.



General Renneukampf

Sobre o San, os austriacos prolongam ainda a sua resistencia, mas a 6 de novembro o Gran Duque annuncia a victoria decisiva na Gallicia e accrescentava: «o abandono da linha do San pela parte principal do exercito austriaco não é senão a conclusão da grande batalha empenhada desde meados d'outubro e que tinha como objectivo essencial repellir a offensiva austro-allemã contra Varsovia e Ivangorod...

Desenvolvendo o nosso successo durante dezoito dias em toda a frente de 500 kilometros, desde os arredores de Varsovia a Kozienin e Czernowitz, rompemos em

toda a parte a resistencia do inimigo que se acha em plena retirada».

Mas Hindenburg é deveras um homem de guerra extraordinario; não conhece o desanimo. E como quer que o avanço da massa principal russa sobre Kalish, Czenstochow e Cracovia, fosse afastando do Vistula o seu flanco direito, aproveita magistralmente a completa rede ferro-viaria da Silesia, transporta para Thorn um exercito inteiro e invade de novo a Polonia, marchando, como Napoleão em 1806, sobre Varsovia pelas duas margens do Vistula. Repelle em Kutno a cobertura russa, e obriga o Gran Duque a retirar do grosso corpos successivos, successivamente tambem empenhados n'uma lucta formidavel na região entre Lodz e o Bzura. Ao abrigo d'esta offensiva, os outros exercitos allemães penetram na Polonia, avançando em escalões pelo sul por forma a pronunciar um movimento contra a esquerda russa. É o dispositivo classico dos allemães, o ataque contra os dois flancos. Empenham-se a seguir uma longo serie de combates sangrentos, sem decisão para nenhum dos adversarios, muito difficeis de estudar e comprehender pelo conciso dos communicados e das cartas.

Deu-se-lhes o nome generico de Batalha dos Quatro Rios (o Bzura, o Rawa, o Pilitza e o Nêda); custam aos allemães verdadeiras hecatombes e, em janeiro, o exgotamento geral dos combatentes enterrou-os já em trincheiras, prolongadas frente a frente por centenas de kilometros.

D'ahi para diante os russos conseguiram no seu centro, deter o exercito de Hindenburg, manobrando pelos dois flancos. Na Prussia Oriental a tomada de

Memel não se pôde conservar; mas na Gallicia alcançaram um resultado capital com a capitulação de Przemysl (22 de março), uma das mais importantes da historia; o seu commandante, Kumanek, aguentou seis mezes de cerco, mas teve que render-se, como todo o commandante da praça sitiada que não é soccorrida: 125.000 soldados, 2 mil officiaes, 900 boccas de fogo, um material immenso foram os tropheus do vencedor, o general Silvanoff.

Mas a posse de Przemysl não libertava só o exercito de investimento que não deveria, attenta a cifra da guarnição, ser inferior a 200 mil homens; deixava aos russos a posse livre das vias ferreas sobre Cracovia e livrava-os de qualquer receio pela sua rectaguarda, ao empenharem a marcha sobre a Hungria atravez dos Carpathos.

De facto, os exercitos do Gran Duque Nicolau occupam, em abril, as desembocaduras da planicie hungara, desde a parte da cadeia chamada dos Beskides Orientaes até ao collo de Jawaraczi, onde passa a via ferrea de Lemberg a Buda-Pest; no collo d'Ujok, no de Laphow, n'uma frente superior a 200 kilometros, uma serie de combates violentos se tem seguido na ultima semana de março e no mez d'abril, e bem depressa se podia suppôr a cavallaria cossaca galopando até ás avançadas da capital da velha monarchia de Santo Estevam.

Os russos, nesta primeira parte da campanha, atrainham sobre si um terço do esforço allemão, destroçaram as tres quartas partes das forças austriacas e aguentaram no Caucaso o poderio turco, tendo-lhe derrotado um exercito. Redimiram assim brilhantemente o que soffre-

ram na guerra contra o Japão. A sua organização revelou-se á altura das necessidades da guerra, e o seu commando resolveu com resultado efficaz os difficeis problemas que lhe foram postos. Para o successo final das armas alliadas, não ha duvida de que a Russia cooperou no primeiro periodo da guerra, tão brilhante como efficazmente.

A politica dualista

No dia 4 d'agosto, era entregue oficialmente em Paris a declaração de neutralidade do Governo italiano; justificando essa attitude, escrevia o *Corriere della Serra*:

«Ha um primeiro ponto indiscutível: o tratado da Triplice Alliança é um tratado defensivo e não offensivo. A Italia obrigava-se a entrar em campanha quando a Allemanha e a Austria, ou ambas, fossem atacadas por uma ou mais potencias inimigas. Estamos nós hoje em presença d'uma aggressão contra a Austria e a Allemanha? Evidentemente, não.

Por ora basta recordar os factos. Foi a Austria que declarou guerra á Serbia; foi isso que determinou a Russia, para salvaguardar o equilibrio balcanico actual e a liberdade dos jugo-slavos, a proceder á sua mobilisação parcial, mobilisação que podia muito bem não determinar a guerra, se houvesse vontade de chegar a accordo. A Russia estava disposta para esse fim a entrar

em conversação com a Austria. *O facto é essencial*, como é essencial a attitude da Allemanha e da Austria, perante as propostas pacificas da Inglaterra e da Italia. Repellindo todas as tentativas de conciliação, mostrando-se inexoravel, a Austria revela só querer, sob o ponto de vista politico e economico, fazer da Serbia vassalla da monarchia dualista. Não quiz jamais a Italia auxiliar a Austria em semelhante empreza e hoje tem as mãos livres.»

O que explica a intransigencia austriaca? No caso considerado, a convicção, tanto d'ella como da Allemanha, de que a Russia não marcharia. Dizia-o o Marquez de San Giuliano ao Embaixador francez Barrère, affirmava-o von Jagow ao enviado italiano em Berlim, repetia-o nesta cidade o Embaixador da Austria ao seu collega inglez; talvez até a attitude da Russia na crise fizesse ainda julgar que essa potencia nem tinha vontade nem se achava em estado de fazer a guerra. De facto quando a seguir á declaração de guerra da Austria á Serbia, das medidas de mobilisação applicadas á maior parte do exercito austro-hungaro, e da recusa emfim de Berchtold de continuar a conversação entre Vienna e S. Petersburgo, a Russia decretára a mobilisação parcial, respeitante apenas aos districtos de Odessa, Kiew, Moscou e Kazan, não só o seu embaixador em Berlim era encarregado de declarar que taes precauções não eram de forma alguma dirigidas contra a Allemanha, mas nem envolviam qualquer ideia d'agressão contra a Austria, tanto que o representante russo em Vienna ficava no seu posto.

A 25 de julho, o Embaixador britânico em Roma, Sir Rennell Rodd, telegraphava a Sir Edward Grey que, segundo informações dignas de confiança, a Austria pensava em se apoderar da linha ferrea de Salonica. Vemos assim surgir logo no inicio da crise os objectivos essenciaes da politica dualista nos Balcans, e de que a annexação de Bosnia e Herzegovina representára o começo de realisação; a Austria encontrava na fraqueza antecipada da Russia a occasião azada de se desforrar dos efeitos da ultima guerra, e devêras vinham já de longe os objectivos da sua politica.

Quando Austerlitz fazia desabar o Sacro Romano Imperio e Francisco 2.^o assumia, depois da paz de Presburgo, o titulo de Imperador d'Austria, indicava uma nova orientação na politica tradicional dos Habsburgos, sacrificando, passando a menos os interesses dos *dominios hereditarios*, ao ideal do dominio europeu sob o Imperio Romano-Germanico. Mas foi preciso ainda Sadowa e a proclamação do Imperio allemão em Versailles para fazer abandonar de vez as ambições allemans da Casa d'Austria. Não largou ella porem o serviço dessas ambições: Francisco José parece ter dito uma vez que preferia ser a sentinella á tenda de campanha d'um Imperador allemão do que Imperador de um Imperio Slavo! Assim se explica a inaptidão do Imperio Austriaco em assimilar aquelles que constituem afinal a maioria de sua população (23 milhões de slavos contra 10 húngaros e 12 allemães), assim comprehendemos a tenacidade da resistencia da Bohemia á absorpção por um Imperio de politica allemã. Teria sido historicamente realisavel, cremol-o bem, formar com os dois reinos da Bohemia e da Hungria e com os Estados hereditarios, um Estado com-

pacto e solido, unido pelo laço federativo, mas tem sido impossivel reduzi-los ao nivel de Provincias Austriacas. É outra demonstração da incapacidade alleman em assimilar raças differentes, de que temos exemplos mais conhecidos na Alsacia Lorena e na Polonia Prussiana.

Mas com a Hungria o caso mudou de figura. A politica alleman austriaca baseou-se precisamente no antagonismo historico da raça magyar e da raça slava, e quando em 1867, em seguida a Sadowa, Francisco José consentia no pacto dualista, era assim um elemento formidavel de opposição ao slavismo que a Monarchia Austriaca apanhava na sua mão. E nessa opposição dos magyares aos slavos se orientou sempre a politica externa da monarchia, tendo em troca Francisco José, Imperador d'Austria e Rei apostolico de Hungria, o commando directo e pessoal das forças militares dos dois Estados. Ao reino da Hungria pertencem constitucionalmente a Croacia e a Esclavonia, reclama elle historicamente a Dalmacia que a Austria jamais tem querido ceder para evitar perder, com o porto de Fiume, todo o contróle do Adriatico alem Trieste, mas conseguiu que a Bosnia lhe fosse anexada. A Hungria era considerada assim a vanguarda alleman no caminho da sua politica balcanica: o Senhorio da Monarchia dos Habsburgos nos valles do Morava e do Vardar, descendo até Salonica, porta do Mar Egeu. O crescimento, o desenvolvimento, a força da Serbia eram pois obstaculo essencial a quebrar para alcançar esse fim.

Acontece ainda que a semelhança de raça e religião collocava os slavos dos Balcans numa especial dependencia da Russia que tinha naturalmente um interesse politico em lhes não negar o seu apoio. O ultimo

homem d'Estado da Monarchia Austro Hungara, Goluchowski, procurára, no chamado pacto de Muersteg, estabelecer com essa potencia um accordo em relação á politica futura: os dois estados procurariam em cada caso especial a solução a seguir. Era difficil de facto conciliar interesses que se apresentavam antagonicos, mas a formula achada teria talvez, quando applicada com lealdade, levado á conclusão — Os Balcans para os povos balcanicos — solução natural da questão do Oriente.

Não era isso conveniente á *oelt-politik*: e está na memoria de todos como o Kaiser liquidou Goluchowski, em seguida á conferencia d'Algeciras. O seu successor, d'Aerenthal, anti-britanico russophobo, aproveitava o enfraquecimento russo depois da guerra com o Japão e anexava a Bosnia e a Herzegovina no jubileu Imperial do Seu Amo e Senhor. A Gran Bretanha e a Russia respondiam com a entrevista de Revel, e a quebra do pacto de Muersteg, collocando em opposição nos Balcans a Austria e a Russia, tinha tambem em germen uma guerra inevitavel.

Note-se ainda que se a guerra niponica enfraqueceu a Russia militarmente, obrigava-a por outro lado a retomar a tradicional politica de protectora dos Estados balcanicos, e como isto acontecia precisamente quando a Austria recomeçava sem disfarce a marcha sobre Salonica, as duas politicas haviam por força de se chocar.

Entretanto a Revolução jovem-turca acabava, de vido ao celebre barão von Marschall, por uma victoria decisiva da diplomacia alleman: o Imperio ottomano passava a ser uma simples dependencia de Berlim, quanto á sua politica externa. E talvez seja essa a ra-

ção de nos fazer aceitar por verdadeira a afirmação de V. Bernhardi de que a declaração de guerra da Italia á Turquia e a invasão da Tripolitana, representava uma inequívoca combinação com a Gran Bretanha e a França, directamente opposta aos interesses da Triplice Alliança.

A guerra de facto e, especialmente, as operações navaes na costa da Albania levavam a Austria e a Italia á beira das hostilidades, e assim o golpe d'Estado europeu, pelo qual d'Aerenthal rasgou o tratado de Berlim, tinha a breve trecho o resultado de afastar a Italia, ao passo que magoava profundamente a Russia e provocava um resentimento violento entre as nacionalidades slavas. Delle acabava por nascer a Liga balcanica. Quer dizer, o acto do Ministro Austro-hungaro tivéra como consequencia unir contra a monarchia dualista os interesses que até então a politica de Goluchwoski tinha sabido manter antagonicos. Como diplomacia era déveras um cumulo de habilidade.

Talvez fosse a visão deste resultado que o matou: d'Aerenthal morria depois d'uma muito curta doença logo, em 1912, depois de concluida a Liga Balcanica. Ella realisava o que a politica Austriaca mais receava, a constituição de um solido blóco slavo nas suas fronteiras; representava uma victoria para a Russia, e uma ameaça directa ao Imperio jovem turco, pondo em cheque a diplomacia alleman em Constantinopla. Tudo isto conseguira a mestria previdente d'um dos grandes homens d'Estado da Europa Contemporanea, Venizelos, ao tempo Presidente do Conselho do Gabinete Grego.

A brilhantissima campanha que se seguia á formação da Liga levava os alliados ás linhas de Tchataldá

em fins de 1912: o Imperio Turco estava á sua mercê, e á Austria não ficava nos Balcans um só interesse illeso. Os Serbios e Montenegrinos tinham-se unido atravez o Sandjak de Novi Bazar, e emquanto os primeiros desciam até Durazzo, os segundos entravam em Scutári, e Salonica era prêsa do Exercito Grego. E assim o Pan Germanismo parecia ter soffrido, e em toda a linha, uma derrota decisiva.

É justo confessar que depressa levantou cabeça. Era o Kaiser que directamente intervinha para salvar Constantinopla, e a sua diplomacia, espêculando com os interesses italianos no Adriatico, coagia os Serbios a largar Durazzo e o Montenegro a evacuar Scutari. Entrára em linha de conta, como foi prosteriormente revelado, a ameaça do punho ferrado. Mas o Conde de Berchtold, que succedera a d'Aerental, podia julgar ter dado um golpe de morte. Eliminando a Serbia das margens do Adriatico, arrancando-lhe, já depois de a ter na mão, a posse desejada da tão necessaria sahida para o Mar, a diplomacia dualista deixava-lhe, como campo unico de compensações, a Macedonia, onde forçosamente se iria chocar com os interpretes da raça de um dos seus alliados a Bulgaria.

Para que este plano, deveras machiavellico, surtisse effeito, era preciso que a Bulgaria vencesse, e um mez de campanha, apenas, levava os alliados ás portas de Sofia, ao passo que os Turcos por seu lado recuperavam Andrinopla (julho 1913). Ao revez do que esperava Berchtold, era a Romania que surgia como Senhora da situação: o tratado de Bucarest reconhecia este facto, e a Macedonia, fonte do litigio, era partilhada á conveniencia da Serbia e da Grecia. A Bulgaria recebia

assim a paga de um dos mais desleaes ataques de que a historia faz menção.

O erro de Berchtold não fôra inferior ao d'Aerenthal. Porque do tratado de Bucarest saía a alliança entre dois Estados que não tinham entre si elemento algum de differença, antes apresentavam para a Austria um perigo especial, pela atenção que a ambos merecia a situação dos seus nacionaes submetidos ao jugo magyar. A união entre a Romania e a Serbia era muito mais ameaçadora, portanto, que a da Serbia e da Bulgaria. Tambem aqui a perfidia com que fôra instigado o ataque da Bulgaria, sem prevenção de especie alguma, aos seus alliados, recebia o condigno castigo.

Mas era evidente que tal castigo jamais seria aceite pelo governo Austro-hungaro. Não podia deixar de reconhecer que toda a politica seguida por d'Aerenthal e Berchtold, trouxéra uma situação tal, que não parecia poder ter solução diplomatica. Ao mesmo tempo que a *oelt-politik* ia tornando a guerra inevitavel, a politica dualista inspirada pelo Pan Germanismo levava a Austria á mesma conclusão. Como o escreveu Albert Sorel, ⁽¹⁾ da questão do Oriente surgia logo a questão da Austria, pela necessidade de resolver o problema Slavo. Parece que nos longos annos de aprendizagem que lhe ia dando a demorada vida de Francisco José, o archiducque Francisco Fernando pensára que a politica que mantinha a maioria da população do Imperio, em absoluta sujeição ás outras raças, era garantia pouco segura para

(1) Voilà un siècle que l'on travaille à résoudre la question d'Orient. Le jour ou l'on croira l'avoir résolue, l'Europe verra se poser inévitablement la question d'Autriche. (La question d'Orient au XVIII siècle).

o seu futuro. Por isso queria estabelecer o *Trialismo* como base da Monarchia dos Habsburgos. E assim crearia um estado Serbo-croata ao lado da Austria e da Hungria, dando aos jugo-slavos a completa egualdade politica com allemães e magyares. Procuraria, ainda, que este Estado viesse a ser o nucleo que atrahisse a si as restantes populações slavas dos Balcans, ainda independentes, por fórmula a unir toda a raça Serbo-slava sob um sceptro unico. Mas o dos Habsburgos e não o dos Karageorjevitches!

O exito do projecto Trialista do Arquiduque herdeiro é certo que poria em cheque as aspirações panservas; mas não o é menos que soaria a derradeira hora do dominio magyar no Imperio. O argumento — *is fecit cui prodest* não é pois sufficiente para attribuir á Serbia, como Estado e governo, a responsabilidade pelo crime de 18 de junho de 1914. O repente com que elle assumiu desde logo o valor de um *casus belli* universal mostra, cremo-lo bem, quanto tinha chegado o momento psychologico que toda a politica dualista, como a politica alleman, cuidadosamente anteviam,

Tanto era assim que o plano era immediatamente formado: o embaixador francez Dumaine expunha-o logo a 7 de julho. Escrevia elle nessa data: «O crime de Serajevo desperta os mais vivos rancores nos meios militares austriacos e em todos aquelles que se não resignam a deixar á Serbia a posição que ella adquiriu nos Balcans.

O inquerito sobre as origens do attentado que se queria exigir do governo de Belgrado, em condições intoleraveis para a sua dignidade, forneceria, em seguida á recusa, o gravame necessario para proceder a uma execução militar».

Pouco depois chamava a attenção para a attitude da Imprensa; a 15 de julho escrevia ainda: «Certos órgãos da Imprensa Viennense, discutindo a organização militar da Russia e da França, apresentam os dois paizes como em estado de nada poderem dizer n'uma questão europeia, o que daria á Monarchia dualista, apoiada pela Allemanha, apreciáveis facilidades para submeter a Serbia ao regimen que quizessem impor-lhe». E o plano geral era de novo exposto, n'uma nota do chanceler do Consulado, de 20 do mesmo mez: «vae-se exigir muito da Serbia, impondo-lhe a dissolução de varias sociedades de propaganda; será intimada a reprimir o nacionalismo, a vigiar a fronteira em collaboração com funcionarios austriacos, a fazer a policia das escolas, sob o ponto de vista anti-austriaco, e *é bem difficil que um governo aceite tornar-se assim o agente de policia de um Estado estranho.* Conta-se com as escapatorias por meio das quaes a Servia procurará sem duvida esquivar uma resposta clara e directa, e é por isso que lhe será naturalmente fixado um prazo muito curto para declarar se aceita ou não. O teor da nota e o seu tom imperativo garantem quasi com certeza que Belgrado recusará. E então proceder-se-ha militarmente.»

O plano desenrolava-se, de perfeito accordo com Berlim — «o Sub-Secretario d'Estado dos negocios estrangeiros (Mr. Zimmermann) disse-me hontem, escreve a 4 de julho o encarregado de negocios francez, e repetiu-o hoje ao Embaixador da Russia, que esperava que a Serbia daria satisfação aos pedidos que a Austria podia ter que lhe dirigir a proposito do inquerito e punição dos cumplices do attentado de Serajevo. Acrescentou que confiava que assim fosse, pois d'outra forma

a Serbia teria contra si a opinião do mundo civilizado.»

Quanto á fórma como esses pedidos deveriam ser feitos, para evitar que se criasse uma situação perigosa, os avisos da Triplice Entente não deixavam duvida; Sazonoff manifestava a sua opinião, logo, a 6 de julho, e sucessivamente Sir Edward Grey e a França procediam no mesmo sentido. Mas no Ballplatz um periodo de silencio absoluto precedia a entrega da Nota. O Ministro dos Estrangeiros, Berchtold, os sub-secretarios d'Estado Machio e Forgach, todos porfiavam em desvanecer quaesquer suspeitas, procurando fazer crer que esse documento não conteria nada que não podesse ser acceite sem hesitação por qualquer Estado cioso do seu amôr proprio.

A 24, a nota saía a publico nos jornaes: logo correu palavra para a classificar como *ultimatum*. Não se esperava nem se desejava que a Serbia a aceitasse na integra. Houve de facto um vivo pesar quando na tarde seguinte corria o boato da aceitação sem reservas. O erro era porem quasi logo rectificado e publicava-se que o barão Giegl rompera em Belgrado. Então foi o delirio. Vienna entregou-se a uma alegria louca; até uma hora adiantada da noite a multidão percorria as ruas em manifestações patrióticas: a 28, era a declaração de guerra; a 30, começava o bombardeamento de Belgrado; a 31, era decretada a mobilisação geral.

O estado das relações entre a Austria e a Serbia, a seguir ao atentado de Serajevo, era perfeitamente definido no despacho que, a 7 de julho, dirigia para Belgrado o ministro Serbio:

«A Austria Hungria terá a escolher entre duas soluções: a considerar o crime de Serajevo como uma desgraça nacional e como um acto criminoso, que disse ser julgado segundo as provas estabelecidas, pedindo á Serbia que lhe preste auxilio nessa tarefa para que os culpados se não possam subtrahir á mais severa punição; ou fazer desse attentado uma conspiração pan-serba, jugoslava, pan-slava, com todas as manifestações de odio contra o mesmo slavo, odio até aqui dissimulado. *Ha diversos signaes indicando que nos circulos competentes se impelle para esta segunda solução e é por isso que se deve estar prompto para a defeza.*

No caso de se adoptar a 1.^a solução, o que seria signal de grande prudencia, deviamos abraçá-la completamente.»

Logo a 30 de junho, o mesmo ministro telegraphava:

«A tendencia, cada vez mais evidente em Vienna, é dar á Europa a impressão de que o atentado cometido contra o arquiduque herdeiro da Austria-Hungria é o resultado d'uma conspiração organisada na Serbia. Tem-se tenção de aproveitar assim uma arma politica contra nós.»

A 15 de julho, escrevia:

«A politica anti-serba era animada pela Embaixada alleman exactamente durante a crise, ainda que parecesse que o Ministerio dos ne-

gocios Estrangeiros do Imperio a não approvava.»

Esta informação corrobora a de Sir Maurice de Bunsen, escrevendo a 30 de julho :

«O Embaixador allemão está, infelizmente, tão identificado com o sentimento anti-russo e ant-serbio, prevalecente em Vienna, que é pouco provavel que possa advogar a causa da paz com muita sinceridade.»

No mesmo despacho de 15 de julho, o ministro Joanovitch acrescentava que a Austria ia seguir a segunda solução e concluía assim :

«Penso que o Governo austro-hungaro redigirá uma memoria, ou antes um acto de accusação, contra a Serbia.

Nelle será exposto tudo quanto tem sido recolhido contra nós, desde abril de 1909 para cá. Este acto de accusação será transmitido aos gabinetes das Potencias europeias, acrescentando que os factos expostos dão direito a fazer em Belgrado *démarches* diplomaticas pedindo á Serbia que desempenhe para o futuro todos os deveres d'um visinho leal. Ao mesmo tempo, o Governo de Vienna entregar-nos-ha tambem uma nota, onde será consignado tudo quanto a monarchia dualista deseja que executemos, sem condições.» (Livro Serbo).

Foi o que aconteceu uma semana mais tarde.

A Austria não tinha pois, a nosso ver, menor res-

ponsabilidade do que a Allemanha na guerra actual: esta ultima precipitou o conflicto, mas a primeira tornou-o inevitavel. A differença está talvez em que a ambição alleman era simplesmente offensiva, ao passo que podemos classificar a da Austria como defensiva. Entendiá dever assim salvaguardar os interesses vitaes do Imperio: cremos ter mostrado como a sua diplomacia se illudiu quanto aos meios de o conseguir. Em vez de atrahir os slavos pela federação ou pelo trialismo, o Imperio pretendera impôr-lhes o jugo magyar. A politica balcanica era a politica magyar. E isto vae-se acentuar depois da demissão de Berchtold.

Este deixava a Ballplatz, quando a *punição* da Serbia fracassára por completo e quando o poder militar do Imperio parecia desabar perante a invasão russa. O seu successor, o barão de Burian, era o confidente e o braço direito do Primeiro Ministro Hungaro. Já anteriormente fôra subindo a influencia do Conde Tisza, ia elle em missão ao quartel general allemão conferenciar com o Kaiser: ora as relações externas da Monarchia dualista cabem exclusivamente ao representante do Imperador e Rei, isto é, ao Ministro da Casa Imperial e Real, logar que é sempre desempenhado pelo Ministro dos Negocios Estrangeiros. O facto causava a demissão de Berchtold e representava, pelo menos, uma singular evolução no accordo constitucional dualista de 1867. Vamos de facto ver o Primeiro Ministro Hungaro, exercer indirectamente o logar de Ministro dos Negocios Estrangeiros. Até agora a alliança alleman representára sobretudo uma garantia contra a Russia, valia como appoio á politica balcanica. O conceito de Tisza é bem differente. Para elle a alliança é

uma collaboração incondicional e em o objectivo declarado d'uma expansão territorial. Elle é o representante hungaro do celebre *Drang Nach Osten*. A sua politica não é senão alleman e assim elle irá ser deveras o *Statt-halter* da Allemanha na Austria-Hungria, como o classificava um correspondente hungaro do *Times*.

E tinha razão. Se alguma coisa tem sido nesta guerra para surprehender, é precisamente a verdadeira resurreição das forças militares Austriacas, desde que a Allemanha assumiu de facto a administração do Imperio e o commando das suas tropas. E vemos depois tambem, dominar a estrategia alleman o principio de defender a todo o transe o territorio dos povos dominadores da Alliança Central: A velha Prussia e a Hungria. O ataque formidavel contra a Russia não teve por objectivo conquistar a Galicia, mas livrar a Hungria: Dmitrieff batia então ás portas de Cracovia, caminho da Silesia, e todas as passagens dos Carpathos e o desembocar das montanhas estavam na posse dos exercitos do Gran Duque. Na campanha actual que, desde Maio, vem fazendo retroceder as massas russas, o centro de gravidade da Monarchia dualista passou de Vienna para Budapest. Para quem conhece o que Tisza entende pelo *Imperialismo Magiar*,¹ o facto merece registo pelas consequencias possiveis.

¹ Importa tambem registar que o Conde de Tisza é não só protestante, mas anti-catholico. É a primeira vez na historia que a politica do Imperio Austrico está assim nas mãos d'um protestante. Tambem é a primeira vez que vemos a Austria alliada á Turquia. Para uma Potencia que se chamava catholica e cujo Imperador se intitula — Rei apostolico da Hungria — é por demais significativo.

A Derradeira Cruzada

«Um paiz que soube crear a potencia... mas a não soube empregar...» Nunca esta phrase definitiva de Balfour a respeito da Allemanha teve mais estrondosa e formidavel justificação do que no momento em que o telegrapho nos annunciou, com o desembarque das forças alliadas no antigo Chersoneso Thracio, o ultimo drama que constituirá na historia — *A derradeira Cruzada* — com a queda do Imperio Turco. Porque nunca tambem a Allemanha tinha com tão longo preparo, com tão pertinaz teimosia, conseguido, açambarcando o movimento pan-islamico, um dos objectivos decisivos da sua politica mundial, transformando-o n'um dos vehiculos, e o mais poderoso, do pan-germanismo. A viagem do kaiser a Constantinopla, a ida a Jerusalem, as demoradas negociações que conseguiam collocar em mãos allemãs com a via ferrea de Bagdad o nosso antigo *Caminho por terra para a India*, revelavam que a Allemanha, em busca de sahida e de collocação para o seu excesso de população e de producção, escolhera a Asia Menor para theatro d'essa expansão pacifica e penetrante. Sob a apparencia de salvaguardar a integridade do Imperio ottomano, aproveitava a sua fraqueza para se lhe substituir, e em toda a parte onde penetra o Islão, nós viémos assistindo, no ultimo quartel de seculo, por toda a

volta do Mediterraneo e até ao golpho Persico, á tentativa de penetração economica e politica do germanismo. Ao terminar a guerra dos Balcans, a nomeação d'um general allemão, para commandar em Constantinopla, era mais que eloquente demonstração de como a potencia germanica soubera tirar partido das divergencias politicas, para affirmar um dominio que o resultado da campanha parecia devéras ter cerceado. E como mais tarde a ultima revolução joven-turca collocava definitivamente o imperio ottomano sob a acção directa da Allemanha, os orientalistas da Friederickstrasse podiam, ao fazer proclamar pelo Sultão a Guerra Santa, suppôr que o Islão inteiro, levantado á voz do Califa, assolaria tudo quanto a civilisação latina vem, de ha seculos, creando desde a orla do Mediterraneo aos plainos da Mesopotamia, das margens do Nilo aos contrafortes do Pamir!

Ora o sultão turco revindica a auctoridade religiosa sobre o mundo mussulmano, como herdeiro do poder espiritual dos antigos califas arabes; mas como é de raça turca, não só não pôde invocar o menor parentesco com a familia de Mafoma, mas ainda se lhe oppõe, ou é pelo menos adverso, todo o movimento nacionalista arabe.

Acontece, ainda, que o movimento joven-turco, tornando o califa um soberano constitucional, vibrou por seu lado um golpe mortal ao poder absoluto da acção religiosa. Quer dizer, a Allemanha pretendia resuscitar o que ella propria contribuíra para destruir. Não tardou que o mundo mussulmano britannico lhe desse o mais solemne e estrondoso desmentido mostrando como devéras o califado de Constantinopla era puramente nomi-

nal: o Aga-Khan, chefe da maior communitate mussulmana da India Britannica, a Liga Mussulmana do Bengal, o Nizam d'Hyderabad, soberano do maior estado indigena da India, todos á porfia proclamavam e attestavam a fidelidade dos subditos do Imperio britannico, como ao declarar-se a guerra o celebre *grand-old-man* hindu, Debadhai Naurajé, o chefe do movimento nacionalista da India, viera proclamar: «O povo da India não deve ter senão uma ideia: sustentar com toda a sua alma a nação britannica. Combater, como o faz a Inglaterra n'este momento, é defender a dignidade humana e os direitos da civilisação. O nosso dever é evidente: aguentar a Inglaterra com todas as nossas forças.»

Que curioso não é, na verdade, vêr um brahmane, representante hereditario da mais antiga cultura conhecida, revindicar a defeza da civilisação contra o ataque allemão? E ahí está a differença entre a acção britanica, que hoje conta e tem na lucta ao seu lado populações de raça e origem tão diversas, fazendo parte integrante, mas autónoma, do Imperio, e a doutrina alleman, prégada por von Bulow, ácerca da Polonia e da Alsacia, teimando em arrancar ás outras raças os seus caracteres naturaes, sob o pretexto de as germanisar, fazendo dos seus habitantes seres sem direito algum proprio, além do de aceitar, em toda a sua dureza, a cultura do vencedor. Não ha duvida: a raça alleman soube crear a potencia, mas não a soube empregar.¹

¹ A guerra santa proclamada em Constantinopla por ordem da Alemanha não conseguiu tambem abalar a fidelidade das numerosas populações mussulmanas que desde Marrocos a Tunís e do Sahava ao Senegal estão sob o dominio da bandeira da França. Senegalezes e *goumiers* argelinos tem-se batido tão bem e com tanta lealdade como os Gurkhos e os Sikhs,

A entrada do Imperio turco na contenda punha desde logo em questão a sua propria existencia: demonstrava-o a seguir a Inglaterra, annexando Chypre, assumindo o protectorado do Egypto, onde o Khediva Abbas-Hilmi era substituido por seu tio, Hussein-Khamil, que assumiu o velho titulo de Sultão do Egypto, coevo dos cruzados e ainda anterior na dynastia dos Fatimitas; lisongeando o orgulho egypcio, declarava-se *ipso facto* o paiz liberto do jugo odioso do turco. Cortava-se, desde logo, cerce um dos grandes objectivos da guerra Santa e a tentativa de invasão do Egypto vinha pouco depois esbarrar miseravelmente nas ribas do Canal de Suez.

Entretanto as tropas britannicas desembarcavam em Fao, na raiz do golpho Persico, occupavam Basorah e o Estandarte da Gran Bretanha fluctuava na antiga residencia de Sinbad, o marinheiro. D'ahi, subindo o Euphrates, iniciava-se a conquista da Mesopotamia.

É de crer que o Kaiser, ao lançar o Imperio turco na guerra, contasse com a impossibilidade de um entendimento sobre a sua partilha entre potencias como a Gran Bretanha e a Russia, cuja politica oriental fôra sempre radical e essencialmente opposta.

Como suppôr realizavel uma approximação, lembrando que em 1878 a Gran Bretanha tirára aos russos todo o fructo das suas victorias, fundeando a sua esquadra no mar de Marmara, para annular o tratado de San Stefano? Mas a Gran Bretanha, senhora do valle do Euphrates, já não receia o ataque Russo á India, e o accôrdo entre os alliados traduziu-se no ataque dos Dardanellos. O segredo da acção fôra bem guardado; o

mundo só o conheceu, quando as granadas do *Agamem-deon* começaram de estalar e rebentar nos campos onde foi Troya!

Qual a sorte futura de Byzancio? Desappareceriam as diferenças que podéram ter sido notadas entre os discursos de Sazonoff na Duma e de sir Edward Grey nos Communs? Constantinopla seria internacionalisada? Caberia á Grecia grande parte na partilha ottomana, e o povo grego realizaria as aspirações seculares mais profundas do hellenismo. Não o quiz por ora o seu Rei, e o conflicto aberto com a sahida de Venizelos do poder está ainda longe de ser sanado. Mas os alliados dispensáram a cooperação grega, e, com o desembarque das forças na Peninsula de Gallipoli, parecia entrar-se na ultima phase do grande drama historico, tantas vezes secular.

As etapes que marcáram a intervenção da Turquia na guerra fôram rápidas e características da politica germano-ottômana. A primeira foi a questão do *Goeben* e do *Breslau*.

Estes cruzadores tinham, logo após a declaração de guerra, bombardeado os portos argelinos de Bone e Philipeville. Depois sabia-se, quasi a fio, que tinham entrado o Estreito de Messina, escapando ao cruzeiro inglez, que com immenso aparato se tinham no porto de Catania preparado para morrer ao sahir do Estreito, e logo que estavam nos Dardanellos, 10 d'agosto, para, no dia immediato, se annunciar com pasmo geral que

tinham sido comprados pela Turquia. O gran-vizir explicava que fôra em compensação do *dreadnought Sultão Osman* que a Gran Bretanha comprára á firma Armstrong, em cujos estaleiros se estava construindo por conta da Turquia: esta não podia dispensar um navio para poder tratar com a Grecia da questão das Ilhas. A 15, o character da compra precisava-se: a missão naval britannica, commandada pelo Almirante Limpus, era demittida dos seus commandos, consentindo-se-lhe, se quizessem, continuar a servir nas repartições do Ministerio da Marinha.

Eram officiaes turcos que assumiam esses commandos, mas no *Goeben* e no *Breslau* ficavam *peritos* allemães, pois as tripulações turcas não eram sufficientemente treinadas para manobrar taes unidades. A 20, o ministro da marinha, Djemal Pachá, procurava Sir Louis Mallet, embaixador da Gran Bretanha e propunha as seguintes extraordinarias condições: a Gran Bretanha entregaria, immediatamente, os navios turcos adquiridos ao principiari a guerra: cessaria qualquer interferencia nos negocios internos da Turquia; a Thracia occidental voltaria para a posse do Imperio, se a Bulgaria se juntasse á Triplice Alliança; da mesma fórma as ilhas gregas voltariam de novo ao seu antigo dominio, e finalmente o regimen das Capitulações seria desde logo abolido!

Nem assim a longanimidade da Triplice Entente se dava por vencida. Mas, a 9 de Setembro, a Sublime Porta communicava n'uma nota ás potencias que o regimen das Capitulações terminaria, a partir de 1 d'outubro. Naturalmente como simples disfarce, a Alemanha e a Austria juntaram a sua assignatura ao protesto

collectivo, que contra tão estranha e provocadora decisão, apresentavam as potencias logo no dia immediato.

Entretanto toda a area dos Dardanellos, Constantinopla e o Bosphoro se iam rapidamente transformando em zona militar alleman. Em vez de serem repatriadas as tripulações do *Goeben* e do *Breslau*, em fins d'agosto, mais de seiscentos marinheiros allemães tinham chegado de reforço; seguiam-se os comboios nas linhas bulgaras carregados de reservistas e officiaes, que iam guarnecer os fortes dos Dardanellos. O almirante allemão a bordo do *Goeben* era o Senhor absoluto da situação e Sir Louis Mallet prevenia o seu governô da possibilidade imminente de um golpe de mão.

Em meiaados de Setembro havia já, só em Constantinopla, mais de 4 mil soldados e marinheiros allemães: a 26 desse mez, fechavam-se os Estreitos; um mez depois, 29 d'outubro, 2 mil beduinos invadiam a Península do Sinai e tres torpedeiros turcos bombardeavam Odessa e Theodosia. No dia seguinte, o governo turco cortava as communicações telegraphicas e os Embaixadores alliaados pediam os seus passaportes.

Em 3 de novembro, Sir Edward Grey enviava aos representantes da Gran Bretanha a circular seguinte:

«No começo da guerra o governo de S. M. Britanica deu as mais amplas garantias á Turquia de que a sua neutralidade faria respeitar a sua integridade e independencia, tanto durante as operações como depois da conclusão da paz. A França e a Russia consentiram neste compromisso. De então para cá, o governo britannico tem tido a maior paciencia para conseguir manter relações amistosas apezar das constantes infracções de neutralidade, cada vez mais frequentes da parte do

governo turco, especialmente pelo que respeita os navios allemães nos Dardanellos.

O governo britannico soube com o maior pezar, a 29 d'outubro, que alguns navios turcos tinham agredido cidades sem defeza, pertencentes a uma nação amiga no Mar Negro. Tal facto teve logar sem previa declaração de guerra e sem aviso como sem provocação d'especie alguma¹.

Desde o momento em que os cruzadores *Goeben* e *Breslau* se refugiaram em Constantinopla, a attitude do governo turco para com a Gran Bretanha despertou um sentimento de surpresa e desgosto. As promessas do governo turco, de repatriar os officiaes e as tripulações desses cruzadores, nunca foram cumpridas.

As sympathias do ministro da guerra (Enver Pachá) a favor da Allemanha eram bem conhecidas, nutria-se comtudo a esperança de que prevalecesse a opinião prudente dos seus collegas, que tinham sobejas provas da amizade sempre demonstrada da Gran Bretanha pela Turquia, abstendo-se o governo turco de se intrometer no conflicto com a Allemanha, o que repre-

¹ Pode dizer-se que, desde que entraram no Bosphoro os navios allemães, Constantinopla ficou sob a dictadura germanica. O Embaixador, von Wangenheim, tinha as mãos livres e soube aproveitar-se disso. Mas tão pouca era a vontade turca de ir para a guerra, que até ao fim d'outubro o partido da ventualidade parecia levar a melhor. D'ahi o bombardeamento d'Odessa.

Ao saber-se a noticia, tanto Ojema! Pachó, ministro da marinha, como Talaet bey, ministro do Interior, como o proprio Gran Vizir, declararam ignorar o que se passava. Só Enver Bey respondeu que acabava de o saber. (Sir Edward Pearce, *Forty Years in Constantinople* — 1873-1915.)

sentaria uma politica muito arriscada. Desde o principio da guerra, Constantinopla foi invadida por numerosos officiaes allemães, que usurpáram a autoridade do governo e souberam constranger os ministros do Sultão a uma politica d'agressão.

Estas circumstancias não podiam escapar á observação da Gran Bretanha ou da França ou da Russia. As tres potencias protestáram pacientemente contra uma longa série de actos, que não eram outra coisa senão uma directa violação da neutralidade. Avisáram o Governo do Sultão do perigo que corria o futuro do Imperio Ottomano.

Os elementos militares allemães, coadjuvados energeticamente pelos Embaixadores allemão e austriaco, exerciam porem em Constantinopla, sem o menor reboço, toda a sua influencia para levar a Turquia á guerra. O ministro da guerra turco com os seus conselheiros allemães preparava a força necessaria para a invasão do Egypto. Os corpos d'exercito de Mossul e Damasco, desde a mobilisação, estão mandando tropas para o Sul o que constitue uma ameaça d'invasão do Egypto e ataque ao Canal de Suez por Akaba e Gaza. Um forte partido de beduinos foi armado, para cooperar na operação; alguns atravessáram até já a Península do Sinai. Os meios de transporte estão promptos, as estradas preparadas até á fronteira. As minas que se devem collocar no porto de Akaba, já foram expedidas.

O celebre xeque Agiz Harvis publicou e espalhou, pela Syria e provavelmente pela India, um manifesto inflammado, prégando a guerra dos mussulmanos contra a Gran Bretanha. O Dr. Prueffer, que tanto se occupou

no Cairo em conspirar contra a occupação britannica, agora addido á Embaixada allemã em Constantinopla, trabalhou activamente na Syria para levantar o povo. O resultado da actividade de tanto official allemão, ao serviço do exercito turco, só podia ser uma acção aggressiva, visto estarem ás ordens do governo allemão. Assim se poudo forçar a mão aos conselheiros do Sultão.

Mas as intrigas allemãs não conseguirão desviar da sua lealdade os 70 milhões de mussulmanos da India, nem enfraquecer a sympathia daquelles que residem no Egypto. Elles só julgarão detestavel uma acção absurda que, provocada pela acção estrangeira, trará a ruina do Imperio turco.

O governo turco interrompeu, no dia 30, summariamente e sem aviso algum, todas as communicações telegraphicas entre Londres e a Embaixada britannica em Constantinopla. Este acto da Sublime Porta é sem duvida o preludio de outras aggressões contra os interesses inglezes, contra o territorio britannico e contra o Egypto.»

Os Dardanellos

Quando o telegrapho communicou ao mundo o desembarque dos alliados na Peninsula de Gallipoli, era licito suppor, que, como mais tarde o havia de dizer Winston Churchill, estes haviam tomado *um atalho para a victoria*. O forçar dos estreitos traria a queda de Constantinopla e a subsequente decisão da politica balcanica em pró dos vencedores. A bandeira do crescente arriada em Santa Sophia traria tambem a solução dos problemas com que se defrontavam as tropas russas operando na região do Caucaso e as britannicas que iam subindo o valle do Tigre e do Euphrates. Não havia por certo operação militar de mais largas consequencias e que mais alto falasse ás imaginações. Somos hoje levados a crer que a Imaginação e a Politica postergaram alli a razão militar com a consequencia, fatal em taes casos, do prejuizo total das vantagens politicas previstas e antecipadas.

Como é que uma operação de tão extraordinarias consequencias foi emprehendida em condições militares tão desvantajosas, é o que será por largo tempo um problema sem solução. Como é que se iniciou o ataque exclusivamente com as forças navaes, quando na melhor das hypotheses a presença das esquadras em frente da

Sublime Porta não representava a conquista de Constantinopla?

Para nós é este o ponto mais obscuro de toda esta questão: porque mesmo admittindo que um conceito exaggerado do poder do tiro da artilharia naval contra as defezas terrestres, levasse a contar com a força das esquadras como bastante para repetir o feito do almirante Duckworth, tambem a analogia da situação ensinava que elle tivera que retirar sem nada ter conseguido, nem mesmo a sahida do Sultão para a Costa da Asia. Aconteceu ainda que a repetição dos bombardeamentos e o intervallo entre o ataque do almirante Carden e o desembarque de sir Jan Hamilton, deram aos turco-allemaes o tempo necessario para organisarem defensivamente um terreno, cujas difficuldades topographicas eram já de si bem superiores ás que os alliados contavam encontrar.

Assim, a breve trecho do desembarque, a opinião militar vendo que alguma coisa de importancia falhára, deu-se pressa em procurar onde surgira a ideia e a quem cabia a responsabilidade d'um consumo de vidas humanas e d'um desperdicio de energias totalmente fora de proposito com os resultados. O desembarque em si, foi uma maravilha de audacia, um primôr de execução, uma verdadeira obra d'arte militar.

Mas como não se conseguiu nessa occasião occupar nenhuma das posições dominantes da península, falhára inicialmente como operação estrategica e o tempo desde então decorrido só tem feito perceber melhor a impossibilidade de alcançar qualquer vantagem dessa natureza nesse novo theatro d'operações.

As criticas soffridas por Winston Churchill como

Primeiro Lord do almirantado pelo infeliz exito do socorro a Antuerpia, repetiram-se com dobrada intensidade por occasião das operações nos Dardanellos. Mas a responsabilidade não lhe podia caber isolada sobretudo desde que se passava do golpe de mão de esquadra para o desembarque d'uma expedição. Soube-se depois que tanto French como Joffre se tinham opposto a que se empregassem tão longe as reservas de que careciam; o segundo não consentira que um só homem em França fosse para esse fim distrahido, organisando-se o corpo expedicionario francez com contingentes d'infantaria colonial, senegalezes e guarnições das cidades argelinas. Parece ainda que o Gabinete Britannico ignorava, collectivamente, a grave carencia de munições que os ataques de Neuve Chapelle iam revelar, se bem que Churchill dissesse no Discurso de Dundee (junho 915) que Lord Kitchner não consentira na expedição «sem cuidadosamente considerar o necessario em relação ás urgencias do serviço em geral, e do preciso para os Exercitos das Flandres.» De modo que se fica com a declaração de Sir George Buchanan, feita há pouco na imprensa russa (agosto 915):

«Quando a Turquia declarou a guerra, a Russia dirigiu-se á Gran-Bretanha para que esta organisasse uma diversão ao ataque turco no Caucaso. As operações nos Dardanellos foram comprehendidos com um duplo objectivo; alliviar a pressão dos Turcos no Caucaso e abrir os estreitos por forma a permitir a exportação dos trigos russos e a importação dos generos de que a Russia carecia.»

Apezar d'uma declaração analoga por parte do Governo Britannico não ter até agora apparecido, isto explicaria porque a diversão pedida escolheria o theatro d'operações nos Dardanellos em vez da Syria onde, se os effeitos eram de menor brilho, seriam as vantagens militares mais faceis e mais concentradas, não só pela cobertura adquirida assim para o Egypto mas ainda pela possível ligação com a marcha sobre Bagdad.

Como a offensiva turca no Caucaso se iniciou em Dezembro temos assim que a resolução de atacar os Dardanellos teria sido tomada em janeiro, e logo a 19 de fevereiro temos a primeira noticia do bombardeamento dos fortes da Europa e da Asia, na bocca do Estreito. Repetido a 25 callava o fogo de Sad-el-Bahr e do Cabo Helles; a 5 de março avançava a esquadra até á Goleta cujas fortificações eram batidas desde o Golfo de Xeros, por cima da Peninsula, pelo super-dreadnought *Queen Elizabeth*. A 18, finalmente, dava-se o ataque em regra: ás 11 horas d'uma manhan clara, com o mar calmo, os couraçados *Queen Elizabeth*, *Inflexible*, *Agamemnon*, *Lord Nelson*, *Swiftsure* e *Triumph* entravam e Estreito, seguidos ao meio dia e meia hora pela esquadra franceza do almirante Guepratte, com o *Suffren*, *Bowet*, *Gaulois* e *Charlemagne*.

Logo atraz singrava a segunda divisão da esquadra ingleza com o *Vengeance*, *Irresistible*, *Albion*, *Ocean* e *Majestic*. Ás 2,30 horas, o *Bowet* era afundado por uma mina fluctuante; ás 4 horas, da mesma forma ia ao fundo o *Irresistible*, ás 6 horas o *Ocean* mal ferido pela artilharia turca. Ao pôr do sol as esquadras alliadas retiravam com tres navios afundados e dois fora de combate. Era difficil perceber — como é que o communi-

cado do almirantado britannico dizia, tres dias mais tarde :

«O poder da esquadra para dominar as fortalezas pela superioridade do fogo, parece estabelecido.»

Quando a lição a tirar parecia ser exactamente a contraria, e tanto assim que o ataque não se tornou mais a repetir.

Sir Jan Hamilton chegara a Tenedos na vespera do ataque (17 Março). Estando já assente a cooperação das forças de terra, porque não se combinaram as operações? É outra pergunta sem resposta.

Seja como fôr, a situação em que Sir Jan Hamilton assumia o commando é daquellas que merece ser registada. Vejamos primeiro o lado politico.

Não ha duvida de que o Foreign Office entrara tão promptamente nas vistas da Chancelaria Russa, porque a acção militar lhe parecera de molde a determinar em favor da Entente a politica balcanica. Por isso a queda de Venizelos, 6 de Março, surprehendia a todos. Fôra sempre este eminente homem d'Estado de parecer que a Grecia devia concorrer efficazmente para a expulsão definitiva dos turcos para fora da Europa. Só assim poderia reivindicar a parte que caberia ao Helenismo na partilha do Imperio ottomano. Este programma fôra exposto na carta ao Rei Constantino, de 11 de Janeiro de 1915, na qual por outro lado previa as consequencias da invasão austro-alleman da Serbia, não só rebaixando moralmente a Grecia, mas ameaçando a sua propria existencia como nação.

Do que posteriormente tem vindo a lume conclue-se que no Rei Constantino imperaram razões de ordem militar para negar a cooperação militar que a continuação de Venizelos no poder traria como consequencia. Entendia o rei que o ataque não deveria nunca ser aos Dardanellos, mas sim effectuado na Tracia. Por outro lado a Gran-Bretanha e a França concedendo, ao que parece, á Russia a posse de Constantinopla tinham tornado a cooperação balcanica quasi impossivel pois nem a Romania nem muito menos a Grecia aceitavam de bom grado tal facto. O Hellenismo não só perdia de vez o seu ideal da restauração do Imperio Grego, mas via o proprio *statu quo* dos seus naturaes seriamente ameaçado. A Romania, que aceitaria a internacionalisação de Bizancio, tambem a não queria ver passar ás mãos da potencia que lhe premiára o auxilio prestado em Plewna apoderando-se da Beserabia. E assim a empreza dos Dardanellos, destinada principalmente a facilitar a resolução das questões balcanicas, vinha politicamente tornal-as irreductiveis. Por outro lado as demoras havidas na sua preparação desde Janeiro, tinham dado aos turcos, recordando tambem Plewna, azo a tornarem a Peninsula absolutamente inexpugnavel, como a poucos mezes se ia irrespondivelmente demonstrar.

O general escolhido para ir commandar nos Dardanellos tinha a reputação de ser daquelles que sahem victoriosos das mais difficeis situações. Os seus 40 annos de serviço passara-os quasi ininterruptamente em campanha.

Encontramos primeiro Sir Jan Hamilton como subalterno servindo sob as ordens de Roberts no Afghanistan; esteve depois naquella tragica madrugada de Ma-

juba em que Sir George Colley foi morto, e as tropas britannicas batidas pelos boers. Depois, a Expedição do Nilo com Wolseley, a Campanha de Birmania, o Chitral, Tirah. Na guerra sul africana, esta em Elands-laagte, depois em Ladysmith donde sahe major general. Kitchener escolhe-o para chefe do Estado Maior, e ao acabar a guerra é Quartel Mestre General em Londres. Segue a campanha russo-japoneza como representando o Exercito da India e deixa no seu relatorio uma viva narração revelando singulares qualidades de escriptor. Vem depois commandar em Aldershot durante quatro annos e succede em seguida a Kitchener primeiro como commandante em chefe no Mediterraneo e depois como Inspector Geral das Forças nos Dominios Ultramarinos. Recebida a ordem de serviço, deixa Londres a 13 de Março, atravessa a França em comboio especial, embarca a 14 em Marselha a bordo do *Phaeton*, um dos cruzadores modernos deitando 30 milhas á hora, que o larga em Tenedos na tarde de 17. Reune-se em conselho com os almirantes de Robeck e Guepratte, com o General d'Amade, e vê-se forçado a reconhecer que o desembarque era impossivel. De facto, o paiz com mais pratica de expedições ultramarinas tinha preparado as coisas por forma que os transportes tinham sido carregados a *troxe-moxe*. Havia gente, gado e munições a bordo, mas metido tudo a granel. Sir Jan resolve immediatamente fazer voltar tudo para o Egypto, descarregar a expedição e tornar a embarcal-a militarmente.

Era o primeiro grande senão que a Expedição dos Dardanellos ia encontrar no seu decorrer.

Não tinha nelle o seu commandante a menor sombra de responsabilidade. Partira a assumir-lhe o com-

mando, sem o seu proprio Estado Maior que só lhe apparecia no Egypto; ia executar um plano que não fôra seu, n'um theatro d'operações que desconhecia, com os meios que outros tinham julgado sufficientes. E havia mezes que os canhões da esquadra troavam annunciando bem alto uma operação cujo exito essencialmente dependia da surpresa. Sir Jan era talvez, no Exercito britannico, o official mais cãpaz d'andar para diante apezar de tão formidaveis *handicaps*. Não parece que tenha sequer pensado em propôr qualquer outro plano d'operações; não teve uma hesitação em cumprir a ordem quasi irrealisavel que recebera. Como Lord Cardigan executára a carga de Balaclava, tambem elle fez o maximo que humanamente era possivel: desembarcou um exercito inteiro na Peninsula de Gallipoli e aguentou-o sem possibilidade de ser atirado ao mar. Militarmente, executou a operação considerada mais difficil nas peiores condições topographicas e nas menos favoraveis estrategicamente fallando. Fez um verdadeiro prodigio, mas, desde que falhava a surpresa, era impossivel pelo lado de terra abrir o caminho da Goleta ás esquadras alliadas.

Assente pois o desembarque restava marcar-lhe o local.

Posta de parte a Bahia de Suvla por erradamente se julgar então muito exposta ao mau tempo, a topographia da Peninsula dava dois objectivos essenciaes para dominar a passagem do Estreito: a altura de Achi-Baba e o planalto de Kilid-Bahr. Assente ahi a artilharia, os fortes eram callados. Ás tropas desembarcadas aquem e alem do Cabo Helles cabia o avanço contra a aldeia de Krithia e d'ahi sobre Achi-Baba. Aos austra-

lianos desembarcados ao norte de Gaba Tepe, no local immortalizado por elles com o nome de *Anzac*,¹ cabia a rude tarefa de abrir caminho na direcção de Maidos, ligando-se pela direita com as forças do Cabo Helles. *Nenhum dos objectivos foi até hoje conseguido.* Isto dá ideia do conhecimento que havia dos recursos do inimigo, da sua força, e da natureza do terreno.

Aos australianos coube a honra de serem os primeiros a pôr pé em terra, sendo o primeiro turco baionetado, conforme o registava um correspondente especial, ás 5,5 horas da manhã de 25 d'abril; ás 5 horas os navios da esquadra tinham aberto fogo protegendo os desembarques nas diversas praias. Jámais na gloriosa historia escripta pelo Exercito britannico atravez do globo, houvera exemplo de posições sobremaneira difficeis levadas d'assalto em mais extraordinarias condições. Não admira que o Commando que vira bem succedida a operação do desembarque, confiasse depois de mais nas tropas capazes de tal façanha. Tinham rompido atravez redes de fio d'arame que vinham até dentro d'agua, e escalado escarpas, com mais de 45 % de rampa, sob uma saraivada de metralha que prostrava d'uma vez fileiras inteiras. Mas a propria operação do desembarque vinha ainda mostrar que esse esforço fora por demais disseminado. Nada menos de *seis* tinham sido as praias escolhidas, e o decorrer das operações leva-nos hoje a suppôr que se o impulso formidavel dos australianos tem sido utilizado n'uma das praias do Sul,

¹ Palavra formada com as iniciaes do nome do Corpo Expedicionario: *Australia and New Zealand Army Corps.*

o avanço sobre Krithia e Achi-Baba teria provavelmente sido possível e o destino das operações nos Dardanellos, totalmente diferente. Assim, o avanço ordenado por Sir Jan Hamilton a 27 e 28 d'abril, resultou apenas numa milha de terreno ganho sobre aquelle occupado logo ao dia immediato ao desembarque.

Depois, seguem-se as batalhas ou combates de Krithia: o ataque Turco a 1 e 2 de Maio, o contra-ataque alliado começado a 5, pertinazmente continuado até 10: resultado, 500 metros d'avanço!

No meio do mez, a 18, dão-se os combates d'Anzac: os Turcos atacam a fundo os Australianos e são repellidos mas estes tambem não ganham terreno. Em Junho repetem-se encarniçados recontros: os francezes tomam o reducto do *Feijão* (Haricot) e levam d'assalto as posições inimigas em Hereves Dere. Uma semana mais tarde, 28 de Junho, os inglezes estabelecem-se na Gully Ravine: ha em julho, a 12, a quarta batalha de Krithia: avanço, 200 a 400 metros. Em agosto, a 7, tenta-se uma operação decisiva: o desembarque em Suvla para alcançar Sali Bair: ha homens que chegam á crista militar e avistam aos pés os Dardanellos, mas o ataque falha e o general commandante é destituído. No fim de maio, a cifra das perdas britannicas subia a 38.636 homens fora de combate. ¹ É já superior em quasi meio milhar ao total das soffridas durante es *tres* annos da guerra sul-africana. (38.156). E pode afoitamente dizer-se que, depois de terem desembarcado, os alliados não tinham

¹ No fim d'agosto esta cifra excede já 75 mil combatentes, mortos, feridos e prisioneiros!

absolutamente conseguido mais nada. Sobretudo, depois do desastre do desembarque em Suvla é licito perguntar, o que se continua a fazer nos Dardanellos? Certamente que não se pode por forma alguma pensar fazer cahir por terra as defezas do Estreito abrindo caminho á esquadra. Porque se persiste n'uma operação que por forma alguma correspondeu ás vantagens esperadas?

É o enigma mais cruel d'esta guerra. ¹

¹ A Peninsula do Gallipoli foi evacuada de 6 a 9 de janeiro de 1916. Até esta data as perdas britannicas foram :

Mortos — officiaes, 1.745 ; soldados 26.455. *Feridos* — officiaes, 3.143 ; soldados, 74.952. *Prisioneiros* — officiaes, 353 ; soldados, 10.901. Total — 107.549 homens fora de combate.

(Declaração de Asquith na Camara dos Communs).

A Italia na Guerra

O escriptor norueguez Bjornson, filho do celebre dramaturgo e que tamanha propaganda pro-germanista faz na imprensa, publicou em setembro uma entrevista com o Principe de Bulow em que este apreciava assim a attitude da Italia:

«Creio que o povo italiano cometeria o maior erro da sua historia, se se deixasse induzir pela influencia do Triplice Accordo a tomar uma attitude hostil para com a Austria Hungria. Bem sei o que separa a Italia da Austria; conheço os laços que a prendem á França. Mas isso são considerações e sentimentos que, de fórma



Almirante Thaon di Revel

alguma, alteram a essencia da questão, que é esta: tanto a sorte da Austria como o futuro da Italia dependem da sorte das nossas armas.

Entre o desenvolvimento das condições de vida da Italia e da Allemanha ha verdadeira homogeneidade e não uma simples apparencia como em relação á França. Thiers bem sabia o que fazia quando combatia com tanto ardôr a unidade germanica e a unidade italiana. A situação da Italia como grande potencia, a sua independencia e a sua unidade estão integras, mas cahirão no mesmo instante que a Allemanha. O enfraquecimento desta terá na posição da Italia no Mediterraneo uma reacção profunda e inevitavel. O triumpho do panslavismo ameaça a civilisação e a nacionalidade italianas muito mais do que o mau genio ou a má vontade de qualquer funcionario austro hungaro no Trentino ou em Trieste. Uma acção da Italia contra a Austria, depois de dez annos de alliança, seria uma violação do direito das gentes como nunca se viu. Seria o caso de applicar a phrase de Talleyrand depois da execução do Duque d'Enghien: «É peor que um crime; é um erro.» O laço entre a Italia e a Germania ficaria quebrado, a situação mundial da Italia sacrificada d'animo leve a alguns insignificantes successos d'ocasião, a palavras, a mentirosas promessas.»

Numa resposta que mais tarde se disse ter sido telephonada da Consulta, o *Corriere della Sera* escrevia:

«A primeira affirmacão do Principe é que a independencia e a liberdade da Italia cairão com a Allemanha. Porque razão? O Principe não o diz nem o poderia dizer. A alliança da Italia com a Allemanha e a Austria percebeu-se quando da parte da França havia

a nosso respeito uma attitude ameaçadora. Estamos convencidos de que se existisse esse accordo com a Allemanha antes de 1881, a França não teria ido a Tunis e os interesses italianos não teriam soffrido. O general Cialdini, ao tempo embaixador em Paris, avisou Bento Cairoli, aconselhando-o a precaver-se em Berlim. Cairoli não entendeu assim, não fez nada, a França foi para Tunis sem atender aos protestos da Italia.

Por longos annos, emquanto se não desenhou a rivalidade entre a Gran Bretanha e a Allemanha, a Triplice Alliança, que não excluia o nosso accordo com a primeira, representou para nós a mais solida base da nossa politica, a mais forte garantia da nossa liberdade d'acção no mundo. *Foi o antagonismo anglo-allemao que diminuiu para nós o valor da Triplice Alliança.*

Não foi este porém o seu unico elemento de fraqueza: com o desenvolvimento da sua politica mundial, a Allemanha criou ciumes e inimizades que tiveram em Italia uma larga repercussão. Sempre que a nossa acção se encontrava com a da França ou da Inglaterra, ficavamos em desvantagem. Tivemos que chegar a accordos e transacções com as potencias não alliadas, para salvaguardar os nossos interesses e garantir a nossa livre acção no Mediterraneo. A Triplice Alliança não chegava, pois, para tudo. E este foi o segundo elemento da sua fraqueza.

O terceiro deriva da politica balcanica da Austria. Mantido o *statu quo*, durando o Imperio Ottomano, eramos preciosa a Triplice Alliança que obrigava a Austria a nada poder emprehender no Oriente sem prévio entendimento comnosco; vieram as guerras balcanicas, a Turquia foi expulsa do Sandjak, de Novi Bazar e da

Macedonia, e o problema oriental mudou por completo. A Austria encontrou-se em frente do problema inquietante dos Slavos do Sul; o problema Serbocroata deixou de sêr apenas externo, para se tornar negocio interno e interessando a propria existencia. E aqui se alterou outra vez radicalmente o antigo formulario da alliança. Os interesses da Monarchia danubiana levavam-na a resolver o problema, em opposição aos interesses italianos.

Eis os elementos que successivamente alteraram o valor da Triplice Alliança. Se Vienna e Berlim tivessem tomado mais sentido nos acontecimentos, e comprehendido melhor a nova situação, teriam podido dar um novo aspecto á alliança e tornar mais satisfatoria a nossa posição.

O Principe de Bulow, que é um politico de muita intelligencia, por certo ha de ter reparado nisto tudo, mas não o leva em conta quando afirma que os interesses da Italia só estão ligados á sorte da Allemanha e da Austria-Hungria.

Berlim e Vienna quizeram fechar os olhos á realidade nestes ultimos annos, e ainda agora os querem conservar cerrados. Vemos e comprehendemos perfeitamente as difficuldades mediterraneas que de outra parte se levantarão para o nosso país. Mas não podêmos convencer-nos da opinião do Principe quando diz que se a Allemanha cair, tambem a Italia deve cair. Transacções e accordos são possiveis de tantos modos!...»

—Depois d'esta magistral exposição da decadencia da Triplice Alliança, a ponto de a mostrar já fóra do seu tempo, concluindo com um aviso tão diplomatica-

mente italiano, o jornal milanez termina repellindo a ideia da violação do direito das gentes:

«Não precisamos mesmo ir buscar em nossa defeza a phrase do chanceler, Bethmann Hollweg — a necessidade faz a lei. — Não precisamos porque não faltámos a pacto algum: a alliança foi violada pela Austria, na essencia e na fórma; foi violada pela Allemanha que com ella se solidarisou.

Baseado numa hypothese, porque a guerra com a Austria é uma hypothese, o Principe adverte-nos com epithetos ameaçadores. Sem recorrer a hypotheses, recordamos factos actuaes: a neutralidade da Belgica garantida em 1832, o respeito pela neutralidade dos Estados, pactuado na Haya em 1907, não tiveram em Berlim valor algum. A neutralidade do Luxemburgo soffreu egual destino. O Primeiro Ministro inglez pôde pois dizer quando, nas vespersas da guerra, a Allemanha offerencia em Londres um acordo que sacrificava a França: — «Que teremos nós em troca deste mercado infame? A palavra de um povo, no proprio momento em que viola os seus juramentos, os tratados que firmou, a palavra que deu. — O Principe de Bulow esqueceu-se destes factos e destas palavras egualmente graves.»

Não se conclue com mais força; não se revindica melhor a politica d'um povo, em conformidade com a sua honra. E merecem singular registo estas declarações officiosas, nas vespersas da missão de Bulow a Roma.

A esta missão respondia o governo italiano praticando o seu primeiro acto anti-tripliciano: a occupação de Valona. Já anteriormente Giolitti revelava, perante

o Parlamento italiano e o mundo attonitos, que, em 1913



S. E. Antonio Salandra — Presidente do Conselho de Ministros

a Austria não atacara a Serbia, porque a Italia fizera disso um *casus-belli*. Era a demonstração irresponsível de que o assassinato do malogrado arquiduque herdeiro fôra um mero pretexto, o que aliás reconhecia a insuspeita *Gazeta de Voss*. E o celebre historiador Guglielmo Ferrero, ao escrever no *Messagero* commentando as declarações de Giolitti, contava que, já em Maio de 1913, quando o Montenegro estava em Scutari, a

Austria e a Allemanha tinham prevenido a Italia de que iam proceder contra o pequeno reino e que a intervenção russa não os faria recuar perante uma guerra europea. A guerra foi então evitada, porque o Rei do Montenegro cedeu aos conselhos da Italia, mas comprehende-se a emoção da Italia, ao ver agora confirmada a longa premeditação da conflagração europea, commentando com a eloquencia dos factos o despacho celebre de Cambon, dando como terminada a attitude pacifica do Kaiser.

Sobre o desembarque em Valona a agencia Havas publicava a seguinte nota officiosa (28 Dez.º):

— Correspondencias da Albania avisavam que a Austria fazia numerosas remessas d'armas e de munições, emquanto os agentes de Vienna distribuiam dinheiro em Constantinopla para fomentar o movimento musulmano contra a Serbia.

Esperava-se em Vienna que a offensiva do general Potiorek, annunciada com tamanho clamôr, fosse rapidamente decisiva. Emquanto os albanezes atacariam os serbios pelo Sudoeste, a Serbia, invadida e ameaçada por este novo inimigo, não teria, segundo se pensava, difficuldades em assignar a paz.

O desastre do exercito austriaco destruiu toda esta combinação...

Hontem, a *Zeit* de Vienna affirmava, numa correspondencia de Roma a proposito da Serbia, que a proclamação da guerra santa deveria produzir impressão em populações tão ignorantes e fanaticas. E o mesmo jornal concluia:—«Pode prever-se o movimento que levantará as colonias italianas d'Africa. Serão elementos pouco propicios para permitir á metropole iniciar da Europa a era das grandes iniciativas.

Se se aproximar esta confissão da tentativa recente contra Essad Pachá, percebe-se, como o nota a *Idea Nazionale*, o fio conductor do novo plano austro allemão. O jogo está pois perfeitamente claro: as insurreições que a proclamação da guerra santa levantou na Cyrenaica e no Fezzan e que já fizeram correr sangue italiano devem servir para paralyzar a Italia e impedir-a de intervir na grande guerra. A analogia com o caso da Albania é frisante, e assim se previa que a insur-

reição dos albaneses austrophilos e a anarchia d'ahi resultante immobilisariam a Italia, até ao fim da guerra europeia».

Emquanto a politica germanica ia assim criando difficuldades á acção da Italia, Bulow procurava manter a neutralidade desta, á custa da Austria, machinando ainda com os politicos que tinham como norma de conducta a salvaguarda dessa mesma neutralidade. Foi precisamente a intriga politica do Principe, a connivencia com elle dos elementos politicos, a ligação de alguns homens publicos, Giolitti á frente, com o estrangeiro, melindrando fortemente e no seu intimo o sentimento nacional, que mais do que qualquer outro factor transformou a ideia da guerra num sentimento nacional irresistivel e que desde logo unia a nação inteira em volta do Rei. ¹

Tem-se procurado muito, é certo, filiar este novo *risorgimento* italiano na acção da maçonaria e dos elementos revolucionarios. Está claro que é a nota que mais fere naturalmente a imprensa alleman. Tem sido um meio optimo de propaganda entre os neutros catholicos representar a victoria francêsa e agora, italiana

¹ Terrero escrevia então no *Secolo*: «O Principe de Bulow tentou derrubar um governo legal que lhe sabia inacessivel ás suas propostas. São processos usados pela diplomacia alleman em Constantinopla e Teheran, e em Marrocos antes do protectorado francez, o Embaixador que fizesse em qualquer capital europeia o que Bulow fez em Roma seria immediatamente retirado a pedido da Potencia junto da qual estivesse acreditado. Esta crise formidavel está destinada a mostrar se se pode confundir Roma com Byzancio.»

como um triumpho maçónico e a acção da maçonaria como preponderante na decisão desta ultima. A attitude dos catholicos e conservadores, as palavras do Conde della Torre, presidente da União catholica italiana, a cerimonia religiosa presidida em Roma pelo Cardeal Bigletti veem demonstrar a inanidade de taes asserções: um dos primeiros feridos na guerra foi um sobrinho do Cardeal Gasparri, secretario d'Estado, e os parentes do Santo Padre estão egualmente nas fileiras.

É que á Allemanha convem essencialmente desvirtuar o movimento que levou a Italia inteira á guerra. Jámais o houve na sua historia tão profundamente nacional. Uma vez ainda o grito — *Fóra com os barbaros!* — retumbou de um extremo ao outro da Peninsula. «Ninguém ameaçava a Italia, nem a Austria, nem a Allemanha. Sem derramar uma gotta de sangue, sem arriscar a vida de um só italiano, a Italia obteria a longa série de concessões de que eu acabo de dar conhecimento a esta casa: territorio no Tyrol e no Isonzo até onde o italiano é fallado; satisfação das aspirações nacionaes em Trieste; acção livre na Albania e o porto de Valona. Porque o não acceitaram?»

Isto dizia Bethmann Hollweg no Reichstag, naquella memoravel sessão em que mostrava o Rei d'Italia indo para a guerra, para evitar a revolução e os ministros *italianos* comprados pela Entente. Ora a característica essencial do movimento italiano foi precisamente o appello da nação ao Rei, logo que a intriga de Bulow foi do dominio publico. Em resposta a este apello se demitiu o governo para deixar o campo livre ao Rei. E quando este de novo investia da sua confiança o gabinete Salandra, com Sonnino nos negocios estran-

geiros, não restava duvida de qual seria a resposta á missão do antigo Chanceler do Imperio. A 4 de Maio, a Triplice Alliança era denunciada, a 24 a declaração de guerra á Austria era entregue em Vienna.

Na vespera, uma circular do Barão Sonnino aos representantes italianos no estrangeiro, resumia na seguinte phrase a razão essencial da guerra: «A constante politica da Austria tem por objecto, ha longos annos, a destruição da nacionalidade italiana e da sua civilisação ao longo do Adriatico». Não é pois um simples augmento de territorio, como indicava Bethmann Hollweg, é a restauração da nação nos territorios que, durante seculos, foram seus. Não é só o Trentino e Trieste, é a Istria, Fiume, a Dalmacia, o antigo territorio da republica de Veneza separado dos territorios Slavo-balcanicos pelas asperas serranias do Carso, do Velebit e dos Alpes Dinaricos. Ahi pozeram a natureza e a historia o limite da civilisação italiana. E, sem restaurar a sua posição na Dalmacia e na Istria, a Italia não recupera a sua unidade estrategica e não fica segura no Adriatico.

A resolução do problema do Adriatico representa pois a razão essencial da Italia na guerra. Que ella foi preparada diplomaticamente de antemão mostram-nos, Sazonoff, numa entrevista do *Deu*, onde, apreciando a entrada da Italia no conflicto, se refere ás excellentes relações italo-serbias e á satisfação do desejo desta de alcançar um accesso ao «Mar de Veneza», e depois o proprio primeiro ministro serbio, Patchich, declarando que a Serbia aceitaria o accordo russo-italiano acerca do Adriatico.

Quanto á honra da nação tão maltratada, com

aquella característica grosseria alleman, pelo Chanceler do Imperio, defendeu-a soberbamente Salandra no celebre discurso do Capitolio (3 de junho).

«Falando do Capitolio, e representando nesta hora solemne o povo e o governo d'Italia, eu, simples cidadão, sinto que estou

muito acima do chefe da casa dos Habsburgos!... O chanceler allemão disse não estar possuido de odio mas animado pela colera, e era exacto porque raciocinou mal, como succede em taes casos. Não poderia, ainda que quizesse, imitar a sua linguagem. *O regresso ao atavismo barbaro é-nos mais difficil, a nós, que temos na nossa historia mais vinte seculos do que elles!*



General Luiz Cardona — Chefe do Estado-Maior do Exercito Italiano

A these fundamentos dos estadistas da Europa Central resume-se nas palavras: traição e surpresa da Italia para com os seus fieis alliados. Seria facil perguntar se tem algum direito de falar em alianças e respeito pelos tratados, quem representando, com infinitamente menos genio

mas com igual indiferença moral, a tradição do grande Frederico e de Bismark, proclamou que a *necessidade não conhece lei*, consentindo ao seu país calcar aos pés, e sepultar nos abysmos do oceano as memorias e os usos da civilisação humana!»

Depois de mostrar, neste admiravel exordio, a antinomia essencial e irreductivel do germanismo com a nossa civilisação e a superioridade, tão olvidada infelizmente, o Presidente do Conselho, notando quão facil seria esse argumento, procede á demonstração de como a Austria, pelo seu procedimento para com a Serbia, fôra a primeira a sair da lettra e do espirito da alliança, como as offertas do territorio austriaco feitas pela Allemanha tinham por fim *comprar* a neutralidade italiana, o que impunha ao país o dever de as não aceitar, e referindo-se afinal aos erros cometidos por Bulow, accrescenta:

«Uma indignação immensa brotou por toda a Italia, não entre a populaça mas entre as mais elevadas e mais educadas classes, ao suspeitar-se que um Embaixador Estrangeiro pretendia interferir perante o Governo Italiano, o Parlamento e o País. No fogo, assim ateado, desapareceram as dissensões internas, e o país inteiro juntou-se numa união moral admiravel que ha de provar a nossa maior força na aspera luta que nos defronta, mas que nos ha de levar pelo nosso proprio esforço, e não por concessões alheias, ao cumprimento dos mais altos destinos da nação.

Entrando na grande crise, desde o Rei, calmo e sereno interprete do sentimento popular e das aspirações nacionaes, até aos ultimos operarios, ás mulheres e creanças, confiamos que por um supremo esforço dei-

xaremos ás gerações futuras uma Italia mais forte, mais completa, mais respeitada, tomando o seu lugar no concerto das nações, não como uma protegida nem uma subordinada, mas segura nos seus limites naturaes, levando a vanguarda, como sempre, em pró da liberdade e da justiça no mundo!

Desde que os destinos confiaram á nossa geração a tarefa sublime e terrível de realisar o ideal da grande Italia, que não foi dado contemplar aos heroes do Risorgimento, aceitemo-la com o seu animo intemerato, sacrificando á patria o que somos e o que temos. Levantemos a vista para o estandarte que fluctua junto á Pessoa Sagrada do Rei. Nesse signal venceremos. Viva a Italia! Viva o Rei!»

Singular condão da Allemanha, estranha e providencial incapacidade de comprehender os outros! E como por tal motivo está dando no mundo força aos principios que mais lhe são adversos! Julgou a Grã-Bretanha, minada pelo radicalismo, á beira de uma guerra civil, que ameaçava até a própria Corôa, e a declaração de guerra uniu o Imperio inteirô numa só vontade, num só proposito, em volta do Rei. Avaliou a França, envolvida nas vergonhas do processo Caillaux, pela craveira dos seus parlamentares, e a nação uniu-se na sua tradição, numa resolução aspera e forte: *Il faut en finir*, em volta, não do Rei que a sua politica lhe tirou, mas do Chefe do Exercito — Notre Joffre — o *Generalissimo* da Nação em armas!

Pretendeu peitar a Italia, aproveitando tambem como elemento, em seu auxilio, o parlamentarismo decadente. E a nação surgiu num formidavel appello ao Rei, para que a libertasse a um tempo do inimigo

interno e externo. E assim ella propria tem ido successivamente levantando e unindo contra si as forças que hão de vencer.

*

* *

Os primeiros mezes de campanha têm revelado da parte dos italianos uma cuidada preparação. Sob o ponto de vista strategico, representam a aquisição methodica do *terreno de manobra*, procurando apoderar-se das vantagens que o traçado da sua fronteira, depois de 1866, dera á Austria. Esta ficára com o baluarte do Trentino metido como um esporão pela Lombardia dentro, ameaçando de flanco qualquer manobra contra o Pusterthal. A Austria possui além disso toda a crista militar da fronteira Lombardo-Veneta, protegida ainda nesta ultima região pela forte barreira do Isonzo. Se ella podesse tomar a iniciativa das operações, nós teriamos naturalmente visto Cadorna fazer concentrar todas as forças italianas atraz do Adige.

A Italia possuia pelo contrario essa iniciativa, e temo-la visto avançar cuidadosa mas segura nos theatros classicos das operações do General Bonaparte. Entra-se ainda hoje no Trentino pelas tres aberturas naturaes que são o valle do Chiesa (Val Giudicaria), o valle do Adige, por onde sobe o caminho de ferro do Brenner, e o valle do Brenta (Val Sugana). Por ellas entraram os italianos: a columna principal que subia o Adige occupava, logo no principio de junho, as posições de Ala e Goni Zuque que dominam Rovereto. Em volta desta posição têm ido depois operando um movimento con-

centrico, estando já senhores do Massiço do Monte Magico. Ameaçam assim por dois lados o caminho de Trento.

Ligando este ataque com o da linha do Isonzo, deu-se o avanço pelos valles de Rienz e de Sexteu; o objectivo era evidentemente a linha ferrêa de Klagenfurth — Franzenfert, que é a principal linha de communição austriaca com o Trentino. A outra vae de Franzenfert a Insbruch. Os italianos estão actualmente no Val Cordevole, a 20 ou 30 kil. do Entroncamento de Franzenfert; procuram assim a segurança do seu flanco, e da sua rectaguarda quando se der o ataque directo á Austria, pela Carinthia e Carniola. Para garantir o seu flanco direito precisam egualmente da linha do Isonzo: ao sul de Gorizia o rio está já nas suas mãos, estão fortemente estabelecidos no planalto do Carso, cuja primeira linha de defeza caía em seu poder em fins de julho. Occuparam posteriormente Plava, mas as posições de Tolmino e Gorizia ainda não caíram.

A Guerra no mar, e a queda do Imperio Colonial Allemão

O programma naval allemão de 1900 devia ter a sua completa execução em 1920: na realidade, estava prompto em 1914 ¹. O relatorio que o antecede representa as ideias do organisador da marinha imperial, o almirante-mór von Tirpitz, não só sobre as razões que tornavam imprescindível a existencia do poder naval allemão, mas ainda o que se propunha e tencionava alcançar com essa força. Será o criterio allemão que nos servirá para ver como o poder naval britannico pôde e soube corresponder ás exigencias e responsabilidades da guerra actual.

O programma de 1900 começa naturalmente por criticar o anterior, de 1898; diz assim:

«O relatorio da Lei naval de 1898 não deixa duvida sobre a significação da frota de combate.

¹ A primeira lei naval do Imperio allemão é de 1898. Os seguintes relatorios têm as datas de 1900, 1906, 1908, 1912. As tripulações que em 1898 eram de 30.000 hs., estavam em 1912 em 107.000!

A frota de combate, lê-se nesse documento, só teria importancia contra as esquadras superiores, como frota de sortidas. Isto é, teria que abrigar-se nas bases, e d'ahi esperar occasião opportuna para effectuar a sortida. Ainda que tal sortida viesse a ser bem succedida, soffreria naturalmente grandes perdas, como tambem o inimigo. Mas este, mais forte, podia compensal-as; nós, não.

Na guerra com uma potencia de poder naval superior, a esquadra de combate da lei de 1898 tornaria um bloqueio mais difficil, mas nunca seria capaz de o prevenir. Vencê-la, ou depois de muito enfraquecida não a deixar fazer-se ao mar, seria apenas questão de tempo. E, logo que isto acontecesse, nenhum pais mais do que a Allemanha poderia ser cortado de qualquer communição com o mar, tanto com respeito aos seus navios como aos das potencias neutras.

Não seria preciso para isto vigiar uma longa extensão de costas, mas apenas bloquear os poucos grandes portos de mar.

Da mesma fórma que o trafego dos portos nacionaes, todo o trafego maritimo allemão, no globo, ficaria á mercê da potencia naval mais forte.

Os cruzadores inimigos nas vias commerciaes, no Skager Rack, no Canal d'Inglaterra, ao norte da Escocia, no Estreito de Gibraltar, na bocca do Canal de Suez, no Cabo da Boa Esperança, tornariam em breve impraticavel a navegação alleman».

A guerra de desgaste, incumbida assim a uma esquadra de sortidas, era condemnada por inefficaz pelo almirante-mór von Tirpitz. A sua ambição visava mais alto: uma esquadra de combate que podesse não já

esmagar, mas impossibilitar ou immobilisar a esquadra ingleza. Este programma não supprimia os esforços do anterior, alargava-o e completava-o. Accrescentava elle depois:

«Para proteger o commercio marítimo da Allemanha e as suas colonias, ha só um meio: possuir uma esquadra tão forte, que mesmo para a maior força naval do mundo involva riscos sérios o ataca-la ou combate-la.

Para isso não é absolutamente necessario que a Esquadra de batalha alleman seja tão forte como a do maior poder naval, porque uma grande potencia naval não poderá, em regra, concentrar todas as suas forças activas contra nós. Mas quando conseguisse encontrar-nos com uma grande superioridade de forças, a derrota d'uma forte esquadra alleman enfraqueceria por tal fórma o adversario, que apezar da victoria a sua situação no mundo não teria já a força moral adequada para se sustentar».

Com dois elementos essenciaes conta, como vemos, von Tirpitz: em primeiro lugar, não julga possivel a concentração da esquadra ingleza, digamos no mar britannico; em segundo lugar, calcula que a trenagem intensiva do seu pessoal e a incessante preparação da esquadra a tornem, apezar de numericamente inferior, um elemento de combate superior á sua adversaria, e tanto, que o ataca-la representasse já a perda da supremacia naval mesmo em caso de victoria. É o serviço imperecivel de Lord Fisher, quando Primeiro Lord do mar, não só o ter dado uma novà distribuição estrategica ás forças navaes inglezas, criando a Home fleet, e que acaba posteriormente por deixar os interesses britannicos no Mediterraneo á guarda das forças navaes fran-

cesas, mas ainda o de ter, pelas suas bem entendidas reformas na trenagem das tripulações, na efficacia do tiro e na rapidez da mobilisação, annullado esses elementos que von Tirpitz considerava indispensaveis ao bom exito do programma naval allemão.

«Para a Allemanha de hoje, lemos ainda no programma de 1900, a segurança do seu desenvolvimento economico e especialmente a do seu commercio mundial é *uma questão vital*. Para este fim o Imperio allemão precisa não só de paz na terra, mas tambem no mar; não comtudo uma paz por qualquer preço, mas uma paz honrosa que satisfaça as suas justas exigencias».

Ninguem, evidentemente em 1900, pensava ou falava em guerra á Allemanha, muito menos a Gran-Bretanha, então no periodo critico da guerra boer; mas prosigamos:

«Uma guerra naval determinada pelos interesses economicos, e mais ainda por interesses commerciaes, seria necessariamente longa, visto o objectivo a conseguir augmentar de valor com essa duração. A isto se deve accrescentar que uma guerra naval que, depois de destruir ou de engarrafar a esquadra de combate allemã, se limitasse a bloquear as costas e a aprisionar os navios mercantes, custaria pouco ao adversario; podia até amplamente cobrir as suas despezas com o melhoramento successivo do seu commercio.

Uma guerra naval mal succedida, ainda que durasse só um anno, destruiria o commercio maritimo allemão e teria como consequencia as mais desastrosas condições, primeiro na sua vida economica, e como consequencia immediata na sua vida social. E ainda á parte as consequencias das possiveis condições de paz, o

nosso commercio maritimo não poderia ser restabelecido dentro d'um periodo apreciavel, e viria assim accrescentar-se uma séria depressão economica a todos os sacrificios da guerra».

O programma naval de 1900 tornou a Allemanha, numa duzia de annos, a segunda potencia naval do mundo. E comtudo, apezar d'esse immenso poderio, nós vêmos no fim d'um anno de guerra que essa grande força naval nem sequer representou o papel de esquadra de sortidas, que von Tirpitz repudiava como não adequado e inutil: nem um só navio de batalha saiu ao mar. O Kaiser assumira o titulo de almirante do Atlantico, o Principe Henrique levára ao Extremo Oriente a ameaça do punho ferrado — e a sua esphera d'influencia desaparecia no Pacifico, sem que a livre navegação do Atlantico deixasse ainda de existir. Sem uma batalha naval, a Allemanha não só viu suprimido, litteralmente e por completo, todo o seu commercio maritimo, que representava grande parte da na-



Almirante John Jellicoe — Commandante em Chefe da Home Fleet

vegação mundial, mas tem visto successivamente cair nas mãos dos adversarios, e sem poder ou tentar sequer prestar-lhes o minimo auxilio, os florões da corôa do seu Imperio Colonial, o seu maior orgulho, e os pontos mais estrategicos do seu ambicionado imperio mundial. Como pôde a Gran-Bretanha alcançar, sem dar batalha, resultados que vão bem mais longe que os de Trafalgar?

Trafalgar, nesta guerra, venceu-se no dia 3 d'agosto, em que o Almirantado britannico annunciava singelamente:

— A mobilisação da Esquadra britannica estava completa, a todos os respeito, ás 4 horas da madrugada de hoje. D'ora avante a marinha inteira está no pé de guerra. —

Na assembleia geral da Companhia Marconi que ha pouco teve logar, disse-se ao publico que no dia 4 a telegraphia sem fios transmitira uma communicação allemã a todos os mares do globo, mandando entrar no porto mais proximo os seus navios de Commercio: a guerra, dizia-se, está declarada contra a Inglaterra. Acontece que só na noite de 4 para 5 foi de facto a guerra declarada, e pela Inglaterra. Somos pois levados a crêr que o almirantado allemão sentiria já a pressão do avanço da mobilisação do adversario, e tanto mais que mais tarde foi publicado que, por motivos ainda desconhecidos do publico, a esquadra allemã não estava nessa data prompta a fazer-se ao mar em pé de guerra.

Num artigo publicado no *New-York World*, commemorando um anno de guerra, o Conde de Reventlow escrevia que o facto culminante da historia naval d'esse periodo fôra a eliminção da esquadra britannica do mar do Norte. É evidente que tal affirmção carece absolutamente de fundamento. Se a ameaça do subma-

rino fosse sufficiente para impedir o cruzeiro da *Grand fleet*, as costas da Gran-Bretanha não teriam certamente sofrido apenas o raid de Scarborough ou as visitas aerias dos zeppelins.

Pelo contrario, a esquadra alleman não só não está senhora do mar do Norte como nem sequer tem podido effectuar a guerra de sortidas, emprehendendo a luta de desgaste a que se referia o Commandante do *Emden* num interview publicado quando da sua detenção em Malta. A superioridade de tiro e de manobra inglezas tem-se além d'isto affirmado, sempre que se tem defrontado com os seus adversarios; foi essa superioridade que deu a victoria a Sir David Beatty na bahia de Heligoland, nos dias 19 e 28 d'agosto; foi ella que permittiu, a 8 de dezembro, tirar na acção das ilhas Falkland a desforra do desastre succedido ao almirante Cradock na acção de Coronel. Despachando para o Pacifico o *Infexible* e o *Invincible*, cujas peças de 12 iam afundar a esquadra de von Spee, o Almirantado inglez reconhecia implicitamente o erro commetido deixando Sir Christopher Cradock sem elemento algum de victoria.

Um mez antes da victoria das Ilhas Falkland, a 9 de novembro, fôra ainda a superioridade de tiro e de velocidade que permitira ao *Sydney* pôr termo á carreira excepcionalmente brilhante do *Emden* como *raider* de Commercio. A acção do *Higffyer* contra o *Kaiser Wilhelm der Grosse* no Rio delOro (26 d'agosto), do *Carmania* contra o *Cap Trafalgar*, a 20 de Setembro no mar do Pacifico, o combate do *Karlsruhe* com o *Bristol* no mar das Bermudas fôram os episodios mais notaveis da guerra de Commercio da qual tanto esperava o almi-

ramentado allemão. Em successivas conferencias internacionaes o Imperio allemão tinha sempre reivindicado o direito de armar navios mercantes em guerra, apesar da opposição da Gran-Bretanha. Não dispondo no mundo de estações carvoeiras, que uma politica de seculos fôra successivamente fazendo adquirir á sua rival, a Allemanha contava remediar essa deficiencia armando em guerra um grande numero dos seus navios mercantes, que seriam abastecidos por uma verdadeira esquadra de carvoeiros. Esta guerra de curso seria naturalmente apoiada pelos cruzadores estacionados nas diversas bases navaes allemans. Que este genero de guerra inspirava sérios receios ao Commercio em geral, e merecia os mais atentos cuidados do almirantado britannico, é-nos demonstrado pelo communicado que a *Press-Bureau* publicava, logo a 12 d'agosto:

«A requerimento do Foreign Office, o almirantado tem considerado com a maior attenção a posição do Brasil, Uruguay, Argentina e Chili, no proposito de adaptar as suas disposições navaes á necessidade de manter o Commercio britannico com esses paizes. *E tem a maior confiança na possibilidade de o conseguir.*

Ainda que o governo allemão tenha procurado, e procure, atacar as vias da navegação e demorar a corrente do Commercio, o seu poder offensivo vae diminuindo com cada dia que passa. O almirantado já despachou um grande numero de cruzadores para as estações que commandam as vias da navegação, por fórma a quasi triplicar a força, já superior, ali existente.

Assim por exemplo, estão já no Atlantico 24 cruzadores britannicos, além dos francezes, em busca dos

cinco allemães que consta andaram nesse oceano. Os navios inimigos serão perseguidos sem cessar, e ainda que venha a demorar-se a sua captura, serão por tal forma perseguidos que poucos vagares terão para causar damno.

Um certo numero de navios mercantes de grande marcha, armados nos arsenaes britannicos, foram comissionados pelo almirantado para patulhar as vias da navegação, limpando-as dos *raiders* — de commercio allemães.

Tem-se empregado, com resultado, todos os esforços para facilitar o commercio em todas as direcções. Ainda que a maior difficuldade seja ao principio, os navios britannicos estão chegando aos portos com a maior regularidade. Em cada dia que passa, o dominio do mar, especialmente nas vias de navegação do Atlantico, vae sendo mais seguro.

O commercio de todas as nações póde pois continuar, com confiança, a enviar as suas cargas sem receios, em navios neutros ou britannicos, pois podem já percorrer os mares, quasi com tanta segurança como em tempo de paz.

Só no mar do Norte, onde os allemães espalharam minas a granel, e onde estão decorrendo formidaveis operações de guerra naval, não póde o Almirantado dar a mesma segurança».

Gostamos sempre de nos basear sobre os documentos officiaes, pois só elles nos podem dar ideia dos resultados obtidos. Vêmos agora no communicado britannico a affirmação, que os factos amplamente justificaram, da incontestada supremacia do poder naval. A oito dias da declaração de guerra, a Gran-Bretanha podia declarar

o mar livre ao commercio do mundo, com a restricção apenas da zona do mar do Norte. De facto, dois mezes depois, caía em seu poder o ultimo cruzador inimigo ainda no mar. E nesse mesmo tempo, o Imperio colonial allemão começava por seu lado a aluir, sob o embate formidavel d'esse mesmo poder naval.

Devéras, a victoria de 30 d'agosto tivêra muito mais alcance do que Trafalgar. É certo que o poder naval inglêz não se póde dizer que soffresse uma ameaça séria, nos annos seguintes a essa victoria decisiva. Mas sempre iam caindo, prêsa dos corsarios e das fragatas francezas, uns 500 navios mercantes cada anno. O receio da invasão tambem não desapareceu, e as immensas construcções navaes a que o Imperador procedia, desde Antuerpia á Spezia e a Veneza, tornavam sempre possivel o apparecimento no mar d'um formidavel adversario. Isto é, a Gran-Bretanha nunca teve, durante as guerras napoleonicas, o sentimento de perfeita e absoluta segurança que hoje experimenta. Nem o poder naval britannico pôde então conseguir contra as colonias francezas nada que se comparasse com o desabar d'um Imperio colonial inteiro, como vimos assistindo.

Começou a 8 d'agosto, quatro dias depois da declaração de guerra; nessa data, o Almirantado annunciava a capitulação de Some, na colonia de Togo e a entrega da mesma; a 29, o governo da Nova Zelandia annunciava egualmente que Samoa se entregára à força expedicionaria desse governo.

O estabelecimento da Allemanha no Pacifico fôra sempre considerado com mal disfarçado ciume pela energica *Commonwealth of Australia*, e foi certamente

uma politica habil a que lhe deu a missão de se libertar d'essa ameaça. Era interessar directamente na guerra esse poderoso e importante *Dominion*. A 12 de setembro o vice-almirante Sir George Patey, commandando a Armada Real Australiana, communicava a occupação da capital do archipelago de Bismark, a 26, a séde do governo allemão na Nova Guiné era occupada egualmente pelas forças australianas, e finalmente, a 7 de novembro, Tsing-Tau rendia-se ás forças japonezas.

A queda de Tsing-Tau provocou na Allemanha um sentimento largamente manifestado no Reichstag e em diversas mensagens endereçadas ao Kaiser. É porque esse ponto da China tinha para a expansão allemã uma significação muito especial. A occupação da Bahia de Kian-chan, em 1897, marcava o inicio da *velt-politik* e fôra assignalada pelos retumbantes e bem expressivos discursos do Kaiser e de seu irmão. Ao zarpar a esquadra sob o commando do Principe Henrique da Prussia, a primeira esquadra que o Imperio punha no mar, o Kaiser proclamava assim o seu programma: «*Poder imperial significa poder naval*, e se alguem se erguer a levantar obstaculos ao nosso bom direito, sus! a elle com punho de ferro, e cobri de loiros a vossa frente juvenil!» Com não inferior rhetorica, respondia o Principe Henrique: «Não sou levado pela van cubiça de gloria ou de laureis, mas sim para propagar o *Evangelho* de Vossa Magestade e prèga-lo a quem queira ou não ouvi-lo».

Ouviu bem o mundo o que taes affirmações representavam de ameaçador e está sentindo hoje o que a politica que assim se definia continha de irreductivelmente contrario a todas as outras organizações huma-

nas. Ella tinha qualquer coisa de mystico e de religioso como um evangelho, Evangelho terrivel de força, manifestando-se como um punho ferrado, caindo inexoravel sobre quem levantasse obstaculos ao *bom direito*, que era apenas a vontade Imperial. Jámais na historia do mundo um objectivo politico se declarára mais preñhe de perigos para as nacionalidades que não o quizessem receber como Evangelho. Seguro já da hegemonia europeia, o Imperio ia ahi basear, a pretexto de dois missionarios assassinados em Chantung no anno anterior, o estabelecimento em que assentasse no Pacifico o seu poder naval incipiente. Nesse mar, successivamente desde 1884, o archipelago Bismark, a Nova Guiné, terra do Imperador Guilherme, as Carolinas, as Ilhas Marchall, Samoa, marcavam aos olhos observadores dos Nipponicos as étapes successivas da methodica invasão commercial, precedendo a politica que essa base naval era agora destinada a proceder. Entrando por isso na guerra, o Japão não só obedecia ás clausulas do tratado anglo-japonez de 1905, mas libertava-se por seu lado de um perigo que directa e immediatamente o ameaçava.

Temos procurado até aqui mostrar como o poder naval britannico tem conseguido os seus diversos objectivos, sem que a Allemanha tenha podido oppôr obstaculo algum com resultado militar apreciavel. É certo que a lista das perdas navaes britannicas, no fim de um anno de guerra, é superior á do seu adversario, mas os submarinos não conseguiram evitar nem o bloqueio da sua esquadra, nem o apoio dado nas costas belgas ás operações em terra, nem o transporte de exercitos inteiros atravez dos mares, nem têm impedido a *Grand Fleet* de

manter inatacada a costa britannica. Qualquer que seja, pois, a efficacia da acção do submarino, é certo, e demonstra-o cabalmente a guerra actual, que em nada prejudica a acção do poder naval. Esta continua a ser, como no tempo em que Mahan escrevia, um factor decisivo de victoria.

Escusado será notar que a acção dos submarinos contra os navios de commercio, não representa em coisa nenhuma uma acção tactica. Um caso como o afundamento do «Lusitania» serve para deshonnar quem o pratica, mas não representa militarmente coisa nenhuma. E' o mesmo que largar bombas, de um Zeppelin ou de um Taube abaixo, sobre cidades abertas e populações inermes. São actos que têm caracterizado desgraçadamente a *guerra alleman*, mas que militarmente não alcançam resultado algum.

A guerra no sul d'África

A rebelião boer e a conquista do Sudoeste Allemão

Quando o Governo da União Sul Africana fazia occupar Luderitzbay (Angra Pequena), logo a 18 de Setembro, procurava sem duvida parar a ameaça que a Colonia Alleman constituia no seu flanco. Desde o estabelecimento dos allemães naquella região que a Gran Bretanha se preocupára com a possivel ligação dessa colonia com o Transvaal: a *penetração pacifica* dos commerciantes de Hamburgo foi bem depressa tão ameaçadora que a Gran Bretanha resolvia, já em 1884, a expedição de Sir Charles Warren e a consequente occupação da Bechuana.

Se nos lembrarmos do que foram os *avances* reciprocos de Kruger e do Kaiser, ahi por 1895 e 1896, durante a questão dos Uitlanders e sobretudo por occasião do raid do Jameson, poderemos bem calcular o que teria podido ser a guerra anglo-boer, se uma colonia alleman fosse então limitrophe do Orange ou do Transvaal.

Essa guerra determinou na Allemanha um senti-

mento anti-britannico, tanto maior quanto o pan-germanismo começava já a traduzir-se na politica mundial. Mommsen dizia então socegradamente que «a guerra acentuára o antagonismo mas não o causára». Mas esse sentimento foi muito habilmente explorado pelo Kaiser para alargar o seu programma naval: era de 1898, mas logo em 900, em plena guerra, era consideravelmente alargado e de então data a phrase conhecida — o Tridente deve passar para as nossas mãos! — Poderemos, de passagem, notar que a essa modificação da attitude alleman e a esse proposito de adquirir o poder naval, respondeu Eduardo VII com a Triplice Entente: a guerra boer marca, pois, na politica mundial o que os francezes chamam — un tournant de l'histoire —.

É evidente que a paz de Vereeniging não fez desistir a Allemanha dos seus propositos. Com a caracteristica tenacidade da raça, continuava a porfiar pelo senhorio da Africa Austral que o *Grenz boten* notava valer bastante mais que o Brasil. E pouco a pouco o sudoeste allemão se foi adaptando como base de operações contra a União: os caminhos de ferro iam-se estendendo para a fronteira com evidente superioridade das razões estrategicas sobre as commerciaes; munições, abastecimentos e soldados iam-se acumulando na colonia quando já a rebellião dos Herreros se achava debelada. A conhecida revista — «South Africa» — publicava em 1912 umas correspondencias do enviado especial do *Transvaal Chronicle*, onde se lia: «Ha dez mil soldados allemães na Africa occidental alleman. Armas, munições, abastecimentos, precisos para essa força durante seis annos estão actualmente chegando em quantidade. Cinco mil soldados, armados e equipados, estão concen-

trados, a 150 milhas da fronteira da União. A população indigena conta 8.000 do sexo masculino acima de 15 annos, mas os indigenas não possuem armamento e duas terças partes vivem em territorios reservados. Ha trinta mil indigenas adultos na região do norte, donde os allemães dizem receiar quaesquer movimentos: mas a sua força militar levaria 14 dias a alcançar essa região, ao passo que em 48 horas atravessaria a fronteira da União.»

Assim como Mommsen dizia que a guerra boer não criára o antagonismo anglo-allemão, se bem que o acentuára, nós poderemos analogamente escrever que a rebelião boer não foi determinada pela intriga alleman, se bem que esta a tornasse possivel logo ao rebentar a guerra. No fundo foi o ultimo acto da luta politica entre Hertzog e Botha, luta que encerra toda a historia sul africana, desde a paz de Vereeniging. Num paiz como a Africa do Sul, onde a vida era, até ha pouco, tão isolada como difficil, sempre em luta com a natureza, com as feras ou com os indigenas, onde a organização, hábitos e crenças, tudo era primitivo, desenvolviam-se naturalmente fortes individualidades, sendo tambem naturalmente elevado a *chefe* o mais forte dentre elles. Quando a nascente republica transvaaliana carecia de quem a amparasse e defendesse contra a absorpção pelos primeiros pioneiros do Rand, era Kruger o chefe natural do povo. Quando a Corôa britannica dava o governo responsavel á Colonia do Cabo, os boers erigiam em chefe da sua organização politica Jan Hofmeyr, e a politica da colonia foi muitos annos a delle; o Estado de Orange era o Presidente Steyn, como o Transvaal foi sempre o Kruger, e quando rebentava a

guerra com a Gran Bretanha; os chefes de guerra surgiam naturalmente d'entre os chefes dos *commandos*, aprendendo então o mundo os nomes de Luiz Botha e de Smuts, de Christiano de Wet, Beyers e De la Rey!

Como é que esses nomes, firmando a seguir o tratado de paz de 31 de Maio de 1902, nos apparecem em armas uns contra os outros, doze annos passados, e por occasião de uma crise decisiva para a sua patria? Porque uns mantiveram-se firmes no compromisso tomado, procurando deveras *unir* na Africa Austral raças e linguas; outros, vencidos mas não conquistados, recusaram-se primeiro no seu intimo, depois ás claras, a aceitar como consumado o facto da Soberania britannica com todas as suas consequencias. Os representantes destes dois tão diversos ideaes, os chefes dos grupos em que politicamente se scindiram os boers, quasi logo depois da paz, e que á divergencia de ideias juntavam um profundo antagonismo pessoal, foram Botha e Hertzog.

Depois da victoria britannica, a Africa Austral passou, nestes doze annos, por tres transformações politicas successivas. Em seguida á paz, as ex-republicas boers foram simplesmente administradas como Colonias da Corôa.

Depois, veiu o governo responsavel: em cada uma um parlamento eleito donde saía um ministerio; nelles vemos desde logo assumir a gerencia dos negocios publicos os chefes de guerra mais notados; vemos egualmente no Orange surgir a inimizade declarada entre inglezes e boers. Mas todos sentiam então que se vivia num periodo de transição. Havia na Africa Austral quatro colonias, sem limites naturaes definidos a separa-las, com uma só rede ferro-viaria, subordinadas, as

do interior economicamente aos portos da costa, com uma população em que as duas raças, no todo, quasi se equilibravam. A ideia da União andava pois no ar; sentia-se que alli estava o futuro, e como elle só era possivel com a perfeita harmonia das duas raças, cada qual esperava tambem por elle para a realisação dos seus ideaes.

O *Hertzogism*, como desde então se chamava, foi de facto apparecendo, durante o periodo de transição a que nos referimos. Tinha como divisa — a Africa Austral para os afrikanders — aceitava a soberania britanica, mas considerava os interesses imperialistas subordinados aos da nacionalidade boer, unica com direitos imprescindiveis ao solo sul africano. E apesar da insistencia com que Hertzog prègou e defendeu este programma, quando veiu a União a sua situação em Orange era tal que elle entrava no Primeiro Ministerio em que Botha assumia a Presidencia, a 31 de maio de 1910. Havia apenas oito annos que a paz fôra assinada.

Organisada a União, a scisão entre Hertzog e Botha foi-se acentuando, tendo como consequencia o entendimento mais proximo entre Botha e os Unionistas, nome com que se conhecem politicamente os Imperialistas obedecendo á chefia de Jameson, feito *Sir* no dia da União. A crise abria-se em dezembro de 1912: Botha declarava não poder continuar Hertzog a defender uma politica contraria á do gabinete de que fazia parte: sobre a recusa deste em sahir do ministerio, Botha dava a sua demissão e, encarregado novamente de constituir gabinete, organisava-o sem elle. Hertzog formava então um partido em opposição declarada ao Governo; De Wet entrava nelle repudiando estrondosamente,

num discurso em Pretoria, qualquer ligação com os estrangeiros. Os estrangeiros eram a população britânica, perante a qual Botha era acusado de capitular, sacrificando-lhes os direitos dos boers. Pode dizer-se que, desde então, estava em germen a rebelião.

É certo que Hertzog não a acompanhou pessoalmente, não era um homem de guerra: este foi encontrado no unico nome que durante a guerra pudera hombrar com o de Botha, Beyers, que o proprio Botha nomeava, em 1912, quando se dava a crise do Hertzogismo, Commandante-general das forças da União.

Quando, ao começar a guerra, Botha anunciava que o auxilio prestado pela União seria a conquista do Sudoeste allemão, Beyers protestava num manifesto que arrancava a Smuts uma soberba resposta: «Só a liberdade garantida pela Gran Bretanha á Africa do Sul pôde tornar possivel a publicação impune de uma declaração que, sob o regimen allemão, vos acarretaria certamente a maior penalidade militar... O povo da Africa do Sul terá por seguro um mais claro conceito do dever e da honra do que o que se pode concluir da vossa carta. Para a raça boer em especial, eu não posso comprehender nada mais fatal e humilhante do que uma politica de lealdade nos labios, durante a prosperidade, trocando-se numa neutralidade pro-germanista, quando chega a provação.»

Mas a replica decisiva ao manifesto de Beyers, deu-a Botha, assumindo immediatamente o commando em chefe das forças e das operações contra a colonia allemã.

Demais o sabia elle nessa data: o primeiro inimigo a debellar não seriam os allemães, mas os seus antigos

companheiros de armas. O que seria a luta travada no seu espirito perante essa formidavel e terrivel contingencia não o sabemos nós, mas é licito afirmar que, lançando o peso do seu nome na contenda, Botha ao passo que fazia ao seu dever para com o Imperio o maior sacrificio humanamente comprehensivel, prestava ao mesmo tempo á União um serviço decisivo. Trazia-lhe o factor essencial da victoria.

Foi o chefe boer Gert Maritz, que por escolha de Beyers tinha o commando da região fronteira á colonia alleman, quem levantou o brado da revolta. O que ella auxiliava os planos germanicos vemo-lo no tratado negociado por elle e que a Imprensa ao tempo publicou.

Art. 1.º — O general Maritz proclamou a independencia da Africa do Sul. A guerra contra a Inglaterra está começada.

Art. 2.º — O governador do sudoeste allemão reconhece como belligerantes todas as forças africanas, e estas sustentarão, segundo accordos posteriores, a guerra com a Gran Bretanha.

Art. 3.º — Se a Africa Austral ingleza fôr declarada independente, o governador compromete-se a fazer promptamente reconhecer o novo ou os novos estados pelo Imperio allemão e a faze-los incluir no tratado geral da paz.

Art. 4.º — Em consideração por esse apoio, o novo ou os novos Estados não levantarão opposição á occupação alleman de Walfish bay e das ilhas na costa da Colonia.

Art. 5.º — O valle do Rio Orange constituirá o limite entre a colonia alleman e a Provincia do Cabo.

Art. 6.º — O Imperio allemão não se opporá a que

os Estados se apoderem da Bahia de Lourenço Marques.

Art. 7.º — Se a insurreição não fôr bem succedida os insurrectos que entrarem no territorio allemão, serão considerados como subditos allemães e tratados como taes.

O *Leipziger Neuerte Nachrichten* acrescentava, em commentario, que a ideia fundamental do tratado era a fraternidade entre as raças boer e alleman, impondo a esta a obrigação de aguentar De Vet e Beyers. Por seu lado, os boers tinham concluido um pacto que ligava o seu destino ao da Germania.

Era precisamente isso que Botha não queria, e fôra isso que o pozera em campo, com a sua audacia e decisão características: tres dias depois de Beyers ter entrado em campanha, Botha derrotava-lhe completamente o *commando* em Commissie Drift (26 d'outubro); quinze dias depois, batia De Wet em Mushroom Valley (12 novembro); a 1 de dezembro, o chefe rebelde entregava-se a cem milhas de Mafeking, em Waterbury, ao coronel Brits, o mesmo que seis semanas antes recebera a rendição de Gert Maritz em Kakamas (26 outubro), depois d'uma derrota decisiva. A 7 de dezembro, Beyers, de novo vencido em Botha-ville procurava atravessar o Vaal; mas o rio muito cheio pelas chuvas dava um vau difficil, o cavallo que montava perdeu o pé, e o chefe rebelde afogava-se. Estava domada a rebelião. Não durára tres mezes, e nunca ameaçara seriamente a Soberania da Gran Bretanha. Esta era largamente recompensada da confiança que mostrára aos boers, quando lhes entregava o governo da União. A consequencia de taes principios de governo colonial é que a Allemanha

desconhece por completo. Ella contára com revoltas no mundo inteiro, em toda a immensa vastidão do Imperio britannico, julgando naturalmente a obra colonial ingleza pela sua propria, na Alsacia e na Polonia. Querendo germanisar á força, nunca soube radicar o seu dominio, muito menos criar uma adaptação nas outras raças. Pelo contrario a Gran Bretanha dando, oito annos depois d'uma guerra terrivel, a completa autonomia politica aos vencidos, estribára a sua soberania nos mais altos e elevados sentimentos humanos, que encontrára ao seu lado personificados em Botha, levando comsigo a quasi totalidade da sua raça, no dia da crise. Com a victoria sobre o radicalismo boer, sempre o inimigo do interior, a União ia desde logo alcançar a sua expansão natural. Foi a conquista da colonia alleman.

A Campanha da Russia

A offensiva alleman que, na segunda parte do anno corrente se tem vindo desenvolvendo contra a Russia, é por certo a mais formidavel operação militar de que a historia faz menção, se atendermos sobretudo aos effectivos empenhados e ás frentes de combate. Representa ainda a applicação, repetida, do principio querido da arte militar alleman — o *envolvimento strategico*. Nella se viu outra vez a prova das mais raras faculdades de organização; deveras parece que em tudo quanto pode ser previsto, calculado e preparado, se chegou a um maximo além do qual se não pode ir. Mas esta qualidade essencial da raça esbarrou com a característica da nação russa, a inabalavel firmeza das suas tropas, a irreductivel certeza da impossibilidade de conquistar o seu illimitado territorio. E assim vamos ainda ver, como já o dissemos quando da batalha da Marne, a offensiva alleman avançar temerosa mas sem ter obtido, até hoje, a decisão militar que naturalmente buscava, o esmagamento das forças adversas. Vemos a Allemanha occupar já a Polonia, ir entrando pela Littuania dentro, mas não vemos o Exercito russo supprimido como factor da resistencia nacional. Tanto basta para que da gravidade

da situação, que seria evidentemente inutil amesquinhar, nós não tiremos conclusões d'uma victoria alleman, a qual consideramos, bem ao contrario, cada vez mais afastada do resultado *decisivo*.

O principio do envolvimento pode dizer-se que constitue modernamente o alicerce da estrategia alleman. Tendo o espirito allemão criado, com o nome de *Kultur*, uma civilização sua, com uma lingua, uma arte, uma sciencia suas, e portanto superiores a seu ver, não era natural que na arte que levanta e destroe os Imperios e a cuja pratica a Prussia deve a sua rapida subida na escala do poderio mundial, ella se sujeitasse a seguir nomes alheios ou a aceitar principios estranhos, e muito menos aquelles que constituíam o corpo de doutrina conhecido sob o nome do terrivel Vencedor d'Iena! E assim vemos na Allemanha, á medida que o seu orgulho vae afirmando a superioridade de tudo quanto é allemão, por isso só que o é, ir surgindo a afirmação de que a estrategia de Moltke fosse superior á do Imperador, até se chegar a erigir em principio aquillo que o proprio Moltke considerou sempre como um caso excepcional.

Se se fizesse aqui um estudo exclusivamente militar, era curioso mostrar como se vae modificando, nos escriptores militares allemães do ultimo quartel do seculo XIX, a interpretação das doutrinas de Clausewitz, apparecer, nas *Cartas sobre a Estrategia* do Pr. de Hohenlohe-Ingelfingen, a afirmação da superioridade da Estrategia de 1866 e 1870 sobre a de 1806. Os homens da minha geração militar estarão por certo lembrados da magistral refutação de Hohenlohe, feita pelo celebre capitaine Gilbert, que então debutava na

Nouvelle Revue de M.^{me} Adam com o pseudonymo de G. G. Mas o homem que encarnou a nova Escola Alleman, e que passou a sua vida a combater Napoleão, por escripto, foi o feld-marechal von Schlieffen, chefe do Estado Maior General, á morte do Moltke, durante mais de quinze annos. O espirito de offensiva continua a ser dominante na estrategia alleman, e tanto mais decidida quanto mais a nação vae tomando consciencia da sua força e da missão historica que lhe pregam os seus mestres, o dever e a obrigação de a impôr ao mundo. Mas esta offensiva assume, digamos assim, uma forma rigida, e executa-se por um methodo unico, sempre repetido. Supprime a imaginação e baseia tudo na organisação. Toma como base, não a concentração *para* a batalha, mas a concentração *na* batalha, tendo portanto como fim o envolvimento. Considerado este como a obra prima da estrategia, é com esse objectivo que se dispõe o desinvolvimento estrategico, para iniciar desde logo a manobra *débordante* contra uma ala do adversario.

Assim, tal qual procedeu o Estado Maior allemão, invadindo a Belgica precisamente para poder desinvol-
ver esta manobra *débordante*. E quando von Kluck deixa Paris na sua direita e obliqua para a Marne, vae ainda, segundo julgamos, atraz desta mesma manobra. Que formidavel envolvimento, o que faria retroceder o exercito francês até o arrumar, costas com costas, contra a linha fortificada Verdun-Belfort! Era a manobra querida de von Schlieffen, a batalha de Cannes repetida a dois mil annos de intervallo, abrangendo um adversario com mais de um milhão de combatentes. Era deveras germanicamente *Kolossal!* Mas, e aqui está uma das falhas do systema, Sadowa e Sédan supõem adquirida

uma incontestada superioridade moral, supõem e exigem até um dos exercitos incapaz de manobrar. Assim estavam de facto Benedek e Mac-Mahon depois de successivos desastres. Mas o Exercito francês não tinha soffrido desastre, e Joffre respondeu com a *manobra* salvadora do Ourcq, apoiado na muralha d'aço que lhe formava na sua direita Castelnau, *manobrando* na zona fortificada da fronteira.

Quando um exercito não pode, pela manobra, romper o envolvimento, como foi o caso da Marne, pode, se tem o seu moral intacto, empregar a manobra para evitar a decisão. É o que veremos agora desinvolverse no theatro oriental d'operações.

O plano da offensiva alleman parece devido ao successor de Moltke, o general von Falkenhajm, antigo ministro da guerra. Pode dizer-se que começou a desenhar-se quando em fins do anno passado se foram soldando entre si as differentes frentes de combate desde a Galicia até Varsovia: em março, segue-se o raid sobre a Courlandia, e desde então a frente alleman prolonga-se do Baltico á Bucovina, e, o que muito facilita as manobras envolventes, desenha-se concava em relação á frente russa, e em especial ao saliente de Varsovia. Em fins d'abril, a linha alleman é formada pelos seguintes exercitos, a começar na esquerda: von Bulow, operando contra a frente Riga-Korona; von Eichkorn, ao Sul do Niemen, von Scholz, contra Oswo-wietz, von Gallwitz entre o Narew e o Vistula, von Voirsch, ao sul deste rio, depois archiduque José Fernando, ligando-se com as forças da Galicia e dos Carpathos, von Mackensen, Bohm-Ermolli, von Linsingen e Bochmer-Pflanzer.

A massa que constitue o ramo sul deste formidavel compasso obedece de facto ao general prussiano von Mackensen, e o grupo operando entre o Vistula e os Carpathos é que vae desingatilhar a offensiva. Ao sul, de Uzsock á Bucovina, operam as forças sob o commando de von Linsingen. São prussianos que têm assim o alto commando sobre austriacos e húngaros.

Desde o principio do anno que se estão despejando forças e munições na zona entre o Vistula e os Carpathos. Ahi, em fins d'abril, estão concentrados 19 corpos d'exercito contra os 8 russos de Ratko Dmitrieff¹. Vae entrar em scena o que os escriptores militares chamam a phalange de Mackensen.

Não corresponde, porém, este nome a uma formação tactica, analoga á *phalange macedonia*: é uma concentração intensiva de forças na zona do ataque principal. Assim a 1 de maio, entre Gromnik e Malestow, em volta de Gorlice, estão concentrados seis corpos numa frente de 30 kilometros, isto é, onde normalmente operariam dois. Depois quando a linha Dunajec-Biala é forçada nos 4 dias da batalha de Gorlice, a *phalange* é concentrada contra Tarnow, mas já com uma composição differente. Exige assim uma technica do officio perfeita, pois resume-se afinal no aproveitamento da rêde de viação levada ao seu maximo de rendimento. Á massa d'infantaria da phalange corresponde uma massa d'artilharia ainda mais desproporcionada. Está avaliado o

¹ As forças russas do Vistula e fronteira da Bucovina constituíam o commando do general Ivanoff; compunham-se, successivamente, do 3.º Exercito, Ratko Dmitrieff, 8.º Exercito, general Brussiloff, e 9.º Exercito.

numero de bocças de fogo que bombardearam os russos em Gorlice, como superior a 4 mil, mais de metade das quaes de calibre pesado. Os dois corpos russos que defenderam propriamente Gorlice, foram batidos em brecha por 1.500 bocças de fôgo que na manhan de 2 de Maio despejaram em duas horas 700 mil projecteis! Estas cifras dão uma remota ideia do que foi a preparação alleman, mas inspiram por outro lado a mais profunda admiração pelo exercito que se não dissolve perante um tal temporal de ferro. «Depois de morto, dizia Napoleão, é preciso ainda empurrar o soldado russo para o fazer cair!» Nunca justificaram com mais estoico heroísmo este dito do seu grande adversario!

D'aqui vem, fique implicitamente registado, o grande movimento para o fabrico de munições a que temos vindo assistido, em Inglaterra especialmente.

A linha Dunajec-Biala caía em 4 dias; mas só a 14 de maio alcançavam os atacantes o San, prolongamento natural da linha estrategica do Vistula: Mackensen vae operar contra Przemysl com uma phalange de 13 corpos d'exercito concentrados em 80 kilometros de frente; a 16 está em Jaroslaw, a 18 alcança a confluenca do San com o Wislok; entre 20 e 24 são lançadas 15 pontes entre Jaroslaw e Sieniava; a contra-offensiva russa, pela margem esquerda do Dniester, não influe nas operações contra Przemysl que é entrada pelos allemães na madrugada de 13 de junho. Para mostrar a quem cabiam os louros da victoria, um batalhão do 3.º regimento da Guarda Prussiana foi a guarda avançada das tropas d'occupação, A queda de Przemysl determinava a de Lemberg (Lwoff) vinte dias mais tarde.

Os russos tinham, porém, conseguido parar a ameaça

da estrategia adversa. «A maneira mais efficaç, nota-o a Historia da Guerra do *Times*, para esmagar os exercitos russos em retirada, seria um ataque de flanco pelo sul. Se o inimigo conseguisse atravessar o Dniester, as consequencias seriam desastrosas para os nossos alliados. Os seus exercitos teriam ficado flanqueados, algumas das suas linhas de retirada cortadas, e seria difficilmente evitada a desagregação d'uma grande parte das forças em retirada. Todas as tentativas, porém, dos austro-allemaes, para romper os exercitos russos guardando a linha do Dniester, falharam por completo. Os nossos alliados foram enrolando a sua linha de oeste para leste, guardando o compasso com a retirada dos seus exercitos frente a oeste. Nunca o inimigo conseguiu romper effectivamente a defeza do flanco sul.»

Reocupada a Galicia, Mackensen toma como frente d'ataque a linha Lublin-Cholm. Pode dizer-se que Varsovia e Brest-Litowsk estavam desde então condemnadas, sobretudo desde que os russos não estariam dispostos a sacrificar um ou mais dos seus exercitos na defeza do saliente. É olhar para o traçado das vias ferreas da região. Á offensiva de Mackensen succedem-se de sul a norte, a do Exercito de Woýrsch, depois a 6 de julho e a 12 os ataques de Gallwitz e Choltz sobre o Narew, finalmente a 14, von Below ao norte do Niemen.

Na ultima semana de julho, quasi a um tempo, Gallwitz passa o Narew e ameaça directamente a via ferrea Varsovia-Vilna; Mackensen corta a linha Lublin-Cholm; só a linha de Brest-Litowsk resta para evacuar Varsovia. Woyesen corta a linha Varsovia Lublin no começo d'agosto, e ataca de revés a defeza da cidade. A 5 d'Agosto, o Rei da Baviera, nomeado para a occa-

sião commandante das forças allemans, entra na antiga capital da Polonia: no mesmo dia Ivangorod era tambem evacuada. Depois, a 11, as forças allemans agrupam-se numa nova formação: von Hindenburg, commanda do Baltico ao Vistula; o Pr. Leopoldo da Baviera no Valle do Vistula; d'ahi ao Bug, comanda von Mackensen.

A entrada em Varsovia fecha o primeiro anno da guerra com um estrondoso successo allemão. Importa portanto definir-lhe o valor.

*
* *

Conta-se que nos dias que precederam a batalha da Marne, quando se descobriu o movimento de retirada francêsa para baixo do campo entrincheirado de Paris, houvera um conselho de guerra no quartel general allemão para decidir o caminho a seguir. O Kaiser optára pela marcha immediata sobre Paris; von Kluck e o Chefe do Estado Maior General defendiam a marcha contra o objectivo real da campanha, as forças inimigas. Um seculo antes, uma discussão analoga se travára no quartel general dos alliados, quando houve conhecimento da manobra de Napoleão sobre Saint Dizier. O conselho politico prevaleceu então e o Imperio caiu. Em qualquer dos casos, e sempre, o objectivo *militar* tem como razão o conseguir o fim politico, impôr a sua vontade ao vencido. Na actual offensiva allemã é, pois, evidente que o objectivo militar essencial era a destruição das forças russas. Não foi conseguido até agora. É certo, porém, por outro lado, que a retirada russa

não foi uma simples *manobra estratégica*, isto é, os russos não retiraram por seu livre alvedrio, e é absolutamente indiscutível que se tivessem podido aguentar-se no San não cederiam o territorio até ao Bug. Mas em abono do Commando Superior russo é justo dizer que, se não parece ter previsto o immenso ataque que o ameaçava, soube escapar á sua formidável pressão, arrancando sempre as tropas ao combate quando quiz e não sacrificando nunca a *força organica á posição estática*. Se isto é uma magnífica demonstração da efficiencia do Commando, não o é menos da soberba tenacidade das tropas. E até, sobretudo de principio, estas souberam atenuar o que teria havido de *deficiencia* nesse Commando. É deveras difficil explicar como os allemães puderam concentrar as suas massas e os seus aviadores reconhecer as linhas russas, por forma a marcarem mathematicamente os alcances dos tiros sem que do lado russo se correspondesse com uma preparação analoga. Mas a tenacissima attitude da tropa, sob o furacão de metralha deu tempo material á organização da retirada, e fez gastar a Mackensen 14 dias para alcançar o San. A extraordinaria e heroica impassibilidade do soldado russo debaixo de fôgo excitou até a furia dos jornalistas allemães que chegaram a attribui-la a *estupidez!*— Contra semelhante estupidez, em vão trovejam os deuses e os obuzes! —¹

Foi ella que deu tempo a organizar a retirada; desde então temo-la visto proseguir, recolhendo o Gran

¹ The Times history of the war — Cap. LXXXVIII.

Duque a sua frente, sem que um unico dos exercitos tenha sido cortado ou envolvido apezar da constante repetição da manobra envolvente. No fim de um mez de combates, os russos estavam atraz do Dniester, guardando as testas de ponte principaes, fazendo numerosos prisioneiros e deixando nas mãos dos adversarios um muito pequeno numero de boccas de fogo.

Depois, até á evacuação de Varsovia, conseguem limitar a retirada d'esse saliente: os flancos da sua linha tanto na esquerda, no alto Bug, na Zlota Lipa, no Dniester, como na direita entre o Niemen e Riga, resistem á pressão alleman. E quando é evacuada a linha do Vistula, Mackenzen é aguentado na frente Gubieszow-Cholm, e Schotz e Gallwitz no Narew baixo Bug. As praças fortes ou são evacuadas, como Ivangorod, ou resistem com pequenas guarnições para demorar o inimigo guardando mais tempo uma via ferrea, como Novo-Georgievosk.

Quer dizer, a offensiva alleman alcançou um grande successo, mas não obteve uma decisão.

Isto pelo lado militar. Pelo lado politico, é certo que conseguiu ter na sua mão penhores muito importantes no caso de negociações de paz. A offensiva alleman não visava apenas, naturalmente, a destruição das forças do adversario mas a desorganisação do Estado russo. Para isso contava não só com as difficuldades da questão polaca, mas ainda, e talvez principalmentê, com a infiltração alleman nos altos cargos do Estado. E a isto obedeceria a sua acção nas Provincias Balticas.

Esta tomou primeiro a fôrma d'um *raid* executado por cavallaria, apoiada por infantaria transportada em automoveis, forrageando regiões como a de Libau e

Riga, desde seculos celleiros da Europa Oriental. Imensas quantidades de trigo foram requisitados em Libau e os camponezes da Courlandia desapossados de quanto podia ter valor alimenticio, batatas especialmente. Nem esqueceu toda e qualquer obra metallica que podesse ser encontrada. Em meizados de maio, quando a offensiva alleman alcançava o San, as forças operando nesta região tinham occupado Libau e todo o territorio áquem Vindawa e Dubissa. O avanço por Shavli sobre Mittau e Riga tinha sido repellido pelos russos, mas a offensiva alleman vae dois mezes mais tarde repetir-se formidavel sobre Kovno e Riga.

A luta pelo senhorio das praias do Baltico desempenhou no Norte um papel analogo ao da luta pelo Mediterraneo no Sul da Europa; foi objectivo da Ordem Tentonica nas guerras com a Polonia, depois dos grandes conquistaderes suecos, Gustavo Adolpho e Carlos XII, até que Pedro o Grande as tornou definitivamente russas, marcando a sua annexação com a construcção da sua nova Capital, S. Petersburgo. Este nome, sob a sua fórmula alleman, revelava por outro lado a conquista do governo russo pelos seus novos subditos, que tendo estado mais perto dos centros da civilização europeia, e com uma educação politica mais adiantada, serviam melhor os intuitos de Pedro o Grande do que os antigos *bayards*: prestavam-se mais facilmente e eram mais adequados a serem servidores do *Estado* no conceito do Czar.

Este facto tem tido na historia da Russia uma influencia capital: os corpos do Estado constituiam na Russia, verdadeira provincia alleman, tanto no civil como no Exercito. É bem conhecida a anedota do czar Nico-

lau 1.º, assistindo durante horas a uma revista, e sahindo emfim do seu logar para pegar na mão d'um official general exclamando: «Até que emfim vejo um general russo!» Quando mais tarde, sob o czar Alexandre, os senhores allemães consentiam na abolição da servidão nas Provincias Balticas, a emancipação foi effectuada de maneira que a propriedade do solo ficou quasi integra na aristocracia alleman.

E' evidente que foi este dominio allemão no governo do Estado, que o Czar significava querer destruir quando ao começar a guerra mudava o nome de S. Petersburgo no de Petrogrado. Quasi na mesma data apparecia a celebre Proclamação aos Polacos:

«Polacos, dizia o Gran Duque Generalissimo, soou a hora de realisar o sonho sagrado de vossos paes e avós!

Ha seculo e meio que o corpo vivo da Polonia foi feito em pedaços, mas a sua alma não morreu.

Ella vivia na esperança de que soaria a hora da resurreição para o povo polaco e a sua reconciliação com a grande Russia.

As tropas russas levam-vos a nova solemne d'essa reconciliação: unifique-se o povo polaco sob o sceptro do czar russo. Sob elle renascerá a Polonia, livre na sua religião, na sua autonomia, na sua lingua.

A Russia não espera de vós senão o respeito dos direitos das nacionalidades, ás quaes a historia vos ligou. De coração aberto e mão fraternalmente tendida a grande Russia vem ao vosso encontro. A espada que feriu os inimigos, junto do Grunenwald, não está enferrujada. Das praias do Oceano Pacifico até aos mares do Norte marcham os exercitos russos! A aurora d'uma

nova vida desponha para vós: resplandeça nella o signal da Cruz, symbolo do soffrimento e ressurreição dos povos!»

Esta proclamação representava evidentemente a vontade suprema do Czar, e d'ahi a sua importancia; confirmava ainda esta attitude criando pouco depois o Exercito polaco. Mas no decorrer da guerra, aqui como na Galicia, a burocracia soube desvirtuar as generosas tenções de Nicolau 2.º: já anteriormente e no proprio Conselho do Imperio conseguia fazer regeitar propostas de maior liberdade que se attribuiam a insinuação directa do Czar.

As forçadas conversões á orthodoxia, as perseguições a catholicos e Uniatas não contribuíram decerto a criar nas populações da Galicia um sentimento muito favoravel á sua mudança de situação, tanto mais que a unidade religiosa levava a Austria a seguir uma politica mais suave para com os polacos, ao passo que lhe permitia servir-se dos Uniatas, Ruthenos ou slavos do rito grego unido, para fazer propaganda contra o Panslavismo. Mas a Monarchia Austriaca, que não é uma instituição de Estado baseada na nacionalidade, pôde, depois de 1870, por motivo de ordem interior e exterior, renunciar á germanisação da Galicia, conformando-se mais largamente aos desejos dos Polacos. A Prussia é o alicerce do Imperio Allemão, *ella é o Estado Nacional Allemão*, não pôde fazer semelhantes concessões sem ser infiel ao seu passado, ás suas tradições á sua missão na Allemanha... ¹

¹ Politique allemande pag. 308.

Com esta phrase de Bulow percebe-se a acção constante da burocracia alleman tendendo a acirrar a questão polaca na Russia: «é exactamente a questão da Polonia, diz elle ainda,¹ que reuniu tanta vez a Prussia e a Russia. Para os dois imperios ha no perigo polaco uma preocupação para se não desavirem, mas para considerarem a defesa commum contra as ambições dos Polacos, como uma ponte na qual Prussia e Russia se poderão sempre encontrar».

A todos os manejos, que portanto sômos levados a crêr existentes durante esta parte da guerra, sem falar nos actos positivos de traição como o do chefe do serviço de policia junto á propria pessoa do Czar,² quiz certamente este responder assumindo em pessoa o commando em chefe dos Exercitos. Representa a resolução inabalavel de expulsar a Allemanha para além das

¹ Op. cit. pag. 84.

² O coronel Miasswiedoff encarregado da segurança pessoal do Czar, tendo pelas suas funcções facil conhecimento dos negocios publicos atraçoava havia *des annos*, vendendo ao Estado Maior Allemão os segredos que lhe confiavam. Depois da guerra e junto ao Quartel General do Gran Duque Nicolau, fazia chegar ao inimigo as indicações precisas sobre os movimentos das forças russas ou demorava e alterava a expedição de ordens. Suspeitas antigas reforçaram-se com as communicações feitas pelo General Pau ácerca de correspondencias encontradas em officiaes allemães mortos na frente occidental. Suppôs-se então uma ordem de movimento falsa, communicada no maior segredo ao chefe do serviço de segurança junto ao Gran Duque; corresponderam, como se calculava, os precisos movimentos nas tropas allemans. Preso, Miasswiedoff confessou o seu crime e denunciou os seus cumplices. Um d'elles era o Director da Companhia de Navegação de *Liban!* Chamava-se Frèiberg, e era germano-baltico como Miasswiedoff era um dos germanisantes da alta administração russa, corrompido pelo serviço d'espionagem allemão. Foram todos executados.

fronteiras, representa ainda a libertação definitiva de toda a influencia germanica no interior. São as discussões na Duma que vão dar a nota exacta; ellas mostram como se deve comprehender a acção alleman: tudo quanto paralysa a Russia na guerra, tudo quanto a tem paralysado em tempo de paz: a penetração economica alleman, a ingerencia politica alleman, a espionagem alleman, os favores da côrte imperial ás familias de origem alleman. Assim se tem vindo ao conhecimento de que os bancos eram quasi todos allemães, allemans as casas de commercio, as explorações de minas; eram os allemães, pela Deutsche Bank, senhores do mercado da naphta na Russia; as colonias allemans, installadas ha seculo e meio pela Grande Catharina, não falam ainda hoje russo; como por acaso encontram-se sempre allemães estabelecidos nas zonas de servidão das praças fortes e nos pontos estrategicos das vias ferreas. Quer dizer, os oradores têm revelado na Russia uma acção analoga áquella denunciada em França por Daudet na *Avant-Guerre*. Fica-se devéras assombrado verificando assim até onde chegára a preparação alleman. E que pasmo que o Kaiser pudesse contar com ella para alcançar o senhorio do Mundo!

A magnitude da tarefa que incumbe aos alliados vae-se pois pouco a pouco desvendando aos olhos do mundo, e a sua grandeza é tal que talvez os ultimos successos allemães não dessem ainda a medida exacta. A guerra alleman foi precedida pela *ante-guerra* e é acompanhada pela *guerra d'apoio*. Para os alliados libertarem o seu solo têm que vencer ainda os effeitos da primeira e as consequencias da segunda: têm que se libertar de tudo quanto de qualquer fôrma paralysa a

acção nacional e vae demorando e affastando a victoria. Para a Russia, a Grã-Bretanha ou a França rechaçarem os allemães além fronteiras, têm que subjugar primeiro todas as influencias germanicas que lavram no seu seio. A Allemanha, organisando a *Nação em armas*, concentrou na lucta todo o esforço da raça sob uma direcção unica. Não existia na Allemanha organisação alguma estranha que lhe fosse senhora das finanças, das explorações commerciaes, ou que actuasse sobre a sua imprensa: os paises, hoje aliados, estavam corroidos até á medulla pela influencia do germanismo. Têm que se libertar d'ella, para poderem vencer. O acto do Czar, assumindo pessoalmente o commando em chefe do seu povo em armas, não tem outro sentido senão a proclamação, á face do mundo, da resolução inabalavel de proceder a essa libertação. É o que importa sobre tudo registrar, em face do successo militar da offensiva alleman.

A crise da Democracia

I—O NOVO GABINETE INGLÊS

Num dos numeros da sua Historia da Guerra o *Times* publicou um Planispherio com a combinação das Potencias, e nelle se salienta a formidavel disproporção entre os Imperios Germanicos alliados á Turquia, e as Potencias alliadas contra elles. Se juntarmos as areas e as populações da Gran-Bretanha, Russia, França, Belgica e os respectivos imperios coloniaes, com as da Serbia, Montenegro e ainda com a Italia, e Japão, temos as seguintes cifras, em numeros redondos:

Alliados— 70.355 mil kilometros quadrados com 755 milhões de habitantes

contra

5.957 mil kilometros quadrados com 153 milhões de habitantes.

Pois apezar de tão formidavel superioridade o telegrapho, trazendo-nos esta semana a noticia do abandono de Varsovia pelos russos, veiu mostrar-nos como ao cabo de um anno de guerra, os imperios germanicos, ou antes

a Allemanha está mais forte que no dia immediato ao da batalha do Marne! No theatro occidental a linha de trincheiras do mar aos Vosges é sensivelmente a mesma, e no oriente, em trez mezes os Russos retrocederam da crista dos Carpathos, não se sabendo ainda se resistirão na linha do Bug. Qual será pois a razão de um poderio militar tamanho?

É certo que ao começar a guerra, levando em linha de conta as forças militares germanicas e aquellas que a politica alleman cuida contra si, a superioridade indiscutivel do poder naval britannico, a riqueza conjunta da Gran-Bretanha e da França, a inexgotavel população da Russia, a maior força agricola e industrial da Entente, tudo parecia dever ser fatal á Allemanha. E comtudo, ao findar o 1.º anno de guerra nós vemos a Allemanha occupar quasi a Belgica inteira, 5 ou 6 departamentos francezes, aproveitando toda a producção industrial da primeira e 70 % da segunda, repellir a Russia da Galicia inteira e da Polonia e, o que é mais ainda, ter reorganizado as forças austriacas que pareciam esmigalhadas pelo avanço russo e os ataques dos serbios, ao passo que, assumindo o commando das forças turcas, transformavam o ataque dos Dardanellos que Churchill chamára imprudentemente um atalho para a victoria (*axbort-cut te victory*) num consumir prodigioso da força dos alliados. Quer dizer, a Allemanha não só se tem defendido a si propria, não tendo hoje um palmo de terra do Imperio occupado, mas governa, administra, commanda e defende a Austria Hungria e a Turquia que, certamente, sem tal auxilio, de ha muito teriam succumbido. Não ha duvida e seria triste disfarça-lo, a grandeza dos commettimentos militares alle-

mães, a sua prodigiosa força industrial e financeira, a habilidade e previsão dos seus governantes, a união e inquebrantável dedicação do seu povo excitam toda a nossa admiração e excedem certamente tudo quanto podiam calcular os mais bem informados a seu respeito.

O segredo da superioridade alleman pode resumir-se numa palavra — organização — e organização dirigida expressamente para alcançar pela força das armas a superioridade no mundo, o que a *veld-politik* chamava, alcançar o seu logar ao sol. Dizer como essa organiza-



Lord Kitchner

ção lhe vem de longe, e assenta nos solidos alicerces que o genio constructor do Grande Frederico firmou ao poderio da Prussia, como a sua efficiencia e efficacia foram desenvolvidas por Bismark e Moltke, e como as fontes do poder alleman estão nas ideias politicas, finan-

ceiras e militares dos grandes chefes da nação, seria fazer um curso de historia alleman. Mas se a força, a efficiencia, a riqueza do estado Prussiano, tem crescido de Frederico para cá, a ponto de absorver em si o Imperio Allemão, é porque tem sido constante a politica do governo da nação, como perenne tem sido a sua

fórma. Ninguem mais que Frederico esteve jamais convencido da absoluta e incontestada superioridade do governo monarchico sobre a democracia, ninguem mostrou mais absoluto desprezo quer pelos soberanos francos cujos paeses eram governados pela democracia, como a Inglaterra do seu tempo, quer pela forma republicana em si como na Hollanda e na Suecia suas contemporaneas. Nós hoje começamos a crêr em taes verdades; outra não tem sido em França por exemplo a campanha politica da *Action Française*. Mas a guerra actual offerece-nos, se jamais o houve, o exemplo retumbante da inferioridade das democracias na resolução das questões nacionaes, nos assumptos de politica externa e de guerra, como tanto o notava Frederico. Numa monarchia bem organizada, como a alleman, o Kaiser, emprega em tempo de guerra todos os recursos da nação, para o melhor dos interesses da mesma sem hesitação nem demoras, e o chefe d'uma democracia tem que a convencer de que ha perigo e das obrigações que impõe esse perigo nacional.

No fim de um anno de uma guerra que representa para a Gran-Bretanha a sua propria existencia e do seu Imperio Colonial, não ha ainda serviço nacional obrigatorio, e os operarios vivem em greves; são os do Pais de Galles que põem em risco o abastecimento nacional do carvão, são os operarios do cobre que se põem em greve, se os do chumbo são chamados a preencher as vagas ou a cobrir a falta do numero indispensavel á producção. E escusado será pensar que algum destes crimes contra a segurança da Patria atrahe o mínimo castigo: Lloyd George pensa algumas horas, cede ás intimações dos operarios, e ainda em cima affirma o

completo esquecimento do passado! Será isto governar?

— Mas é que os chefes d'uma democracia tendo que ser *oradores* e parlamentares, não só se habituam a resolver as questões, falando, como são incapazes de as tratar sem a preocupação eleitoral do voto. Os mineiros do País de Galles são os eleitores de Lloyd George, e Lloyd George é incapaz de governar *mandando*. O governo de uma democracia é o governo do *argumento*: os eleitores tem que ser *convencidos* porque todos temos os mesmos direitos. Creio que foi Bagehot que escreveu que o instinto natural da democracia ingleza era a resistencia á autoridade. Obedece porque quer e quando quer.

Ora numa crise nacional como a presente, a *organisação* só é efficiente se ha chefes que commandem e uma nação que obedeça. E devem estar seguros d'essa obediencia sem ter que a convencer em cada caso especial.

A Gran-Bretanha experimentou o governo de um só no tempo de Cromwell e, com o regimen parlamentar no tempo de Pitt. Então foi um só corpo, com uma só vontade. Mas a democracia que alluiu o poder dos Reis abalou tambem profundamente o poder dos ministros, subordinando-os ao Parlamento. E assim deixou o País sem Guia, a nau do Estado sem Piloto, antes governada pelos passageiros. Como por outro lado o parlamentar com a comichão de mexer em tudo tem o odio ao homem do officio, o governo do país é em regra exercido pelos mais incapazes da nação, e com tanto maior destaque quanto mais democratico é o regimen.

Por ter tido apesar da democracia uma oligarchia governativa na Camara dos Lords e ultimamente sob a influencia directa da Rainha Victoria e do Rei Eduardo poudes constituir-se o Imperio Britannico expandindo-se sobre metade da terra habitavel, e não ha duvida de que mal parada ficará a Allemanha logo que os recursos inexgotaveis do Imperio Britannico estejam organisados para a guerra. A Gran-Bretanha e o seu Imperio precisam, para salvar-se, achar um systema que organise as suas forças num só todo. E por mais que os Parlamentares sejam avessos a tirar a lição dos factos, não ha duvida de que alguma sentiu Asquith quando organisou o actual governo chamado da Coalição. Quiz constituir um governo onde tivessem representação os diversos partidos politicos em que se dividia o pais, e com excessão dos nacionalistas irlandezes por motivos de Redmond, alheios á nossa comprehensão, recompôs-se com conservadores e trabalhistas. (Maio, 915).

Acontece que pela primeira vez nos fastos parlamentares da Gran-Bretanha, o governo encontrára-se, desde a declaração de guerra sem opposição. Os chefes unionistas deixaram a Asquith plena e inteira liberdade d'acção. Não assistimos em Westminster a nenhuma das grandes pugnas parlamentares que caracterisaram a vida politica da Gran-Bretanha durante a guerra boer ou a guerra da Crimea, para não ir buscar os afastados exemplos dos ataques a Lord Vorth durante a guerra da independencia americana, ou os da opposição liberal nas guerras Napoleonicas. Nada disto; nem provocavam sequer debates cuja discussão podesse envolver qualquer critica aos actos do governo. A união parlamentar affirmava-se. E ao mesmo tempo concediam-se ao go-

verno poderes como nunca, na Gran-Bretanha, governo algum possuiu depois de Cromwell.

Por outro lado podia dizer-se que o governo se mostrára digno da confiança nelle depositada. A mobilisação da esquadra antes da declaração de guerra fôra um golpe de mestre, e desde então, o poder naval britannico mantivera o senhorio do mar, varrendo os mares dos navios inimigos, transportando milhões de soldados através todos os mares do globo sem perca de um só transporte, e levando inquestionavelmente a melhor nos recontros do mar. Em terra, a força expedicionaria mantivera os creditos da solida tropa britannica, e os soldados do Imperio batiam-se do Euphrates ao rio Oranje, do Nyassa ao canal de Suez, de Gallipoli ás Flandres. Nem se pode dizer que as finanças britannicas fraquejassem, pois o serviço de subsidios aos seus alliados continuava tambem como em passadas eras, ou que a diplomacia fosse esteril quando a Italia acabava de entrar em campanha ao lado dos Alliados (24 maio). E por isso quando Asquith declarava no Parlamento, quasi por essa data que não havia ideia alguma de um governo de *coalição*, poderia parlamentarmente parecer verdade, mas é certo que não surprehendeu ninguem o facto de um tal governo se achar constituido dez ou quinze dias depois.

Quaes teriam sido as falhas do governo para elle se sentir fraco ou que razões haveria, para, na phrase de Asquith lhe dar uma base mais larga, uma feição nacional?

Falhas, do dominio publico, eram muitas. Fora incomprehensivel meter em Antuerpia as brigadas navaes para perder a maior parte internadas na Hollanda

quando a lição de Liége ensinara o que eram os fortes ao alcance da artilharia de sitio alleman. Era mau serviço condemnar a afundar-se a esquadra do almirante Cradock deixando só em campo contra um adversario superior. Houvera inexplicavel demora em realisar o valor do submarino como arma d'ataque, e finalmente os Dardanellos, muito longe de serem um atalho para a victoria pareciam consumir forças mais necessarias nas Flandres. E aqui vinha ainda intervir outra falha, da diplomacia esta, que deixára embarcar uma tão momentosa expedição sem ter resolvido a questão balcanica, antes consentindo na expulsão do poder de Venizelos, e não resolvendo as concessões territoriaes que, alterando a paz de Bucharest, tornassem viavel a indispensavel nova Liga Balcanica. E assim Sir Jan Hamilton ao chegar aos Dardanellos e ao assumir o commando em chefe, era obrigado a voltar para o Egypto reorganisar a expedição pela falta absoluta da adequada base d'operações. Quasi ao mesmo tempo, num artigo que ficará celebre na Historia, o *Times* revelava o chamado escandalo das munições: no fim de dez mezes de guerra, a Inglaterra não tinha o fornecimento adequado ás immensas exigencias do fôgo de combate actual.

Como o governo tivera de facto o poder de fazer o que quizesse elle era o responsavel pelas faltas. Mas como fôra possivel comete-las?

O governo não soube imprimir á guerra o seu character nacional. Esse sentimento que os males da invasão despertam no continente não tem esse estimulo na Gran-Bretanha. O serviço militar continua voluntario. É certo que Lord Kitchener, organisando em dez mezes tres milhões de homens em força armada, realisou um

exemplo sem precedentes de organização militar. Mas tres milhões não representam de longe sequer o effectivo correspondente á população do Imperio Britannico e o governo não se resolveu a decretar o serviço militar obrigatorio. Por outro lado os operarios, ganhando em 4 dias o que costumavam haver no fim d'uma semana, não sentem a necessidade de trabalhar mais dois dias, e não septindo tambem os males da guerra continuam nas greves. Bem mal autorizado é por certo Lloyd George para proceder contra elles, quando toda a sua vida politica apellou para as suas paixões, os seus interesses e punca para os seus deveres.

O Problema do Trabalho, o Problema das Munições foram, sem duvida alguma a nosso ver, as determinantes politicas da decisão de Asquith em se recompôr. Representou para essa politica um acto de força, inegavelmente. Mas é tambem inegavel que um homem deveras forte, *a real strong man*, um Cecil Rhodes, por exemplo, não se veria jamais forçado a usar dessa força. Nenhuma das complicações que surgiram em volta de Asquith teriam nunca sahido do campo dos impossiveis. Logo que se convenceu da necessidade da recomposição, fe-lo depressa, com decisão e habilidade. Alijou dezaseis dos seus antigos collegas liberaes. Separou no ministerio da guerra a parte industrial da parte militar; mas repetimos, um verdadeiro homem d'acção não teria necessidade de o fazer.

Se a industrialisação do material de guerra está iniciada, se o *National Register Act* póde representar o primeiro passo para a organização da nação para a guerra, a essencia dos problemas não foi atacada e a Allemanha vae ainda registando victorias como a da

grève do País de Galles. Não é difficil, como vamos mostrar, seguir a acção alleman nos obstaculos levantados á acção dos governos alliados em relação á guerra. Ninguem melhor sabe especular com os *antagonismos normaes*, as divergencias de politicos, a opposição entre patrões e operarios, tão cuidadosamente acalentados e explorados por esses inimigos do interior que são sempre os *radicaes* numa nação. E a offensiva alleman em Inglaterra não tem enfraquecido; depois das campanhas d'imprensa do autor dramatico Bernard Shaw, a favor d'uma Allemanha virtuosa obrigada a defender os seus lares contra uma colligação d'interesses inconfessaveis, do romancista Normann Argell, o da *Grande Illusão* (que era a guerra), prégando a neutralisação do mar o que supprimiria desde logo todas as vantagens que a Gran-Bretanha possa tirar da sua força naval, da propaganda anti-nacional dos socialistas Keir Hardie, Ramsay Macdonald, surgiram as organizações da *Union of Democratic Control*, o *Stop the war Committee* e outros procuram por todas as formas aproveitar o feiticismo pela liberdade individual. É certo que uma nação é tanto mais fraca quanto mais os cidadãos são por indole e costume abandonados ao seu impulso pessoal. E em nome dessa liberdade individual surgem as intrigas politicas, vemos publicamente Lord Haldane, que tamanha responsabilidade tem na falta de preparação do seu país para a guerra, atacar Lloyd George e chamar um desmentido official ás suas declarações; vemos os chefes socialistas do Partido independente desviar os seus adeptos do recrutamento e apresentar-lhes uma Allemanha victima das intrigas de Sir Edward Grey; vemos uma propaganda de indifferentismo alastrar na Irlanda

arrastando comsigo uma corporação tão importante como o Conselho Municipal de Dublin (prova, entre tantas outras, que o *Home Rule* não resolvia o problema irlandez), e vemos finalmente todos estes elementos congregados determinarem a greve na região carbonífera do País de Galles, paralygando uma industria essencial da qual depende quasi que a totalidade do movimento mechanicó do país.

Em presença de taes factos, impunes, somos obrigados a concluir que as instituições que os consentem são fracas e não correspondem ás formidaveis exigencias da guerra actual. Esta impõe uma concentração absoluta da força nacional, as instituições democraticas só sabem dilui-la até a fazer desaparecer.

Quererá isto dizer que a victoria periclita do lado ingles? Certamente que não: a proverbial tenacidade do povo britannico é garantia segura della. Mas custar-lhe-á muito mais cara em dinheiro e homens e é indispensavel que ella desperte para as necessidades da hora presente. Que o saberá fazer dão-nos testemunho as vozes da imprensa. Ouçamos Austin Harrison, o Director da *English Review*:

«Quando censuramos o ministerio da guerra, é a nós mesmos que devemos censurar. Foi o publico que consentiu que os politicos transformassem o ministerio da guerra num museu. Foram os politicos que embalaram o país nos sonhos das utopias. Os erros do serviço das munições são na realidade erros nossos.

É o paradoxo d'uma Gran-Bretanha sem methodo, sem disciplina, sem organização que devemos afundar

no Tamisa. Precisamos d'uma direcção nacional methodica, organica, disciplinada.

A responsabilidade é uma coisa essencial. É preciso que haja responsabilidade, que o castigo siga logo a falta. São condições estranhas ao nosso modo de ver politico, mas indispensaveis se queremos *agir* e andar direito.»

No *Referee* de 11 de julho, lemos ainda:

«Os politicos exigiram e obtiveram a impunidade para incompetencias, hesitações e mentiras que na vida particular levaria aos tribunaes e seriam sujeitas a acção criminal.»

E finalmente o *Morning Post*:

«O resultado da vida que leva o mundo politico é recuar a gente até ao vácuo donde a vida commum se perde de vista. É certo que na Camara dos Communs a proporção dos que realisam o que cá fóra se pensa acerca delles é muito pequena. A maioria ficaria surprehendida se soubesse que a maioria da nação olha para elles com um desprezo que se vae transformando em colera. A nação está decidida a alcançar a victoria e custa-lhe aturar áquelles que officialmente a representam, não lhe pôr senão peias nesse caminho. Discussões inuteis, palavriado vão, questões perfidas são, na opinião do pais, soccorros prestados ao inimigo. A Camara dos Communs teria juizo se reparasse nisto antes que fosse tarde. Ha uma maré que cresce e que ella nem percebe.

... O governo governa como tendo medo da sua

sombra. Se os ministros continuam a fazer timidamente a sua clarissima obrigação, nada os poderá salvar. Ainda não se pensa no que os ha de substituir. Mas se uma vez o país accorda deveras não serão as formas de governo que o preoccuparão demais. O povo exigirá que se fechem as Camaras e que se crie uma dictadura. Mas primeiro que se fechem as Camaras.»

Isto escrevia um dos grandes orgãos do partido Conservador, já dois mezes passados sobre o novo governo da coalição. Está deveras muito abalada a Inglaterra radical, e tem mais uma vez cabimento o tão citado verso do *Hamlet*

There is something rotten in the Ringdome of Denwark!

II—A POLITICA EM FRANÇA

A guerra veio desnortear completamente a maçonaria. Não só o seu programma pacifista e humanitario era brutalmente roto mas um dos alicerces da sua politica, o entendimento ou a aproximação franco-alleman desabava desde logo. Com a persistencia porém que a caracteriza começou pouco depois, não só a manifestar receios de que a victoria dos alliados trouxesse o desmembramento allemão, mas a preconisar a ideia d'uma reconciliação com a Allemanha. A maçonaria não pode esquecer que na formação da monstruosa mentalidade alleman desabrochada em cruel cynismo durante a guerra teve a illustre collaboração do Grande Frederico, o alliado intellectual dos Encyclopedistas na guerra ao Catholicismo. E é tambem evidente que tudo quanto neste genero tem sido comettido de horrivel não

lhes desagrada absolutamente nada. Têm até tirado partido para a propaganda das ideias que lhe são caras, a ponto de concluir a favor do aborto das mulheres, o que em fran-maçonaria é um dos *direitos* essenciaes da mulher, em consequencia dos crimes de certa natureza prodigamente praticados pelas tropas allemans.

O Grande Oriente da França publicava em junho ultimo pela imprensa uma declaração de rompimento absoluto com as lojas de Berlim, e da posição nitidamente anti-alleman tomada em dezembro de 1914. Mas as relações maçonicas tinham-se mantido depois da guerra de 1870-71 e estavam-se apertando ultimamente. O conhecido Mesureur, actual director da Assistencia publica em França, era, como Gran-Mestre da Grande Loja de França, recebido em 1906 em Berlim pelo Principe Frederico de Hesse, primo e cunhado do kaiser, que pessoalmente intervieria para que as Grandes lojas de Berlim reconhecessem a sua congénere francêsa. E não deve passar sem reparo quanto o problema da Alsacia-Lorena se tornou depois incommodo á maçonaria francêsa, declarando Laferre, em 1908, que se a recordação do passado lhe era naturalmente sagrada, á maçonaria competia primordialmente preparar o futuro, parando as conflagrações entre povos, e conduzindo estes a resolver pacificamente os seus litigios. Talvez nesta orientação devamos ir buscar as origens do movimento preconizado na Imprensa revolucionaria, de não aceitar depois da guerra anexação sem ter sido precedida d'um plebiscito, ideia que tem sido recebida evidentemente com os maiores protestos por todos os alsacianos-lorenos. Em todo o caso seria curioso saber que missão iriam desempenhar a Berne recentemente, o Sr.

Gustave Hubbard e os seus companheiros e porque se encontravam ali com os seus confrades allemães discutindo com elles as condições em que a paz poderia ser tratada entre os belligerantes.

Na politica francêsa, a maçonaria tem continuado a intervir sempre mais activamente. Não podia deixar de causar surpresa, por exemplo, que o ministerio da defeza nacional não pudesse dar um logar sequer a um catholico quando se recompunha com socialistas revolucionarios e consentia o estranho procedimento de Sembat e Jules Guesde indo a Londres assistir ao Congresso Socialista onde tão energicamente era vilipendiada a nação alliada, a Russia. Outro dos delegados a este congresso, Albert Thomas, era pouco depois recompensado com o logar de sub-secretario das munições.

É evidente que se a *União Sagrada* se tem mantido, é porque a nação a quer, em prejuizo dos seus dirigentes, e porque são os radicaes que estão no poder. Se elles estivessem na opposição, a attitudo de Ferry, radiante com as derrotas do Imperio e toda a historia do Ministerio da Defeza Nacional, ahi está para nos ensinar que não está nas suas tradições sacrificar o seu programma politico ao interesse nacional. Se ha problema doloroso que o actual conflicto tenha causado é por certo o da sorte dos innumerados *Orphãos da guerra*. Pois está bem recente a tentativa de açambarcar a educação delles todos, tornando-a bem laica e anti-clerical, indo nella o governo de cumplice da conhecida judia Dick May. Foi na *Journée des Orphelins*, cuja organização foi alterada depois da intervenção de Barrès.

A guerra contra a religião continua de facto a ser a preocupação capital do regimen. Elle sente que, se

esta base lhe foge, não tem razão de ser. Logo no principio da guerra, aterrados pelas soberbas manifestações de fé catholica que a crise nacional provocava, o Senador Mascurand percorria as prefeituras recommendando precauções contra esse perigosissimo movimento.

Não tinha deveras ocorrido á maçonaria e aos seus politicos que a celebre lei dos *padres de mochila ás costas* (*les curès sac au dos*) ia dar ao ministerio sacerdotal um campo d'acção especial que a mobilisação d'uma nação inteira ia tornar praticamente illimitado e livre. Enfermeiro, maqueiro, simples soldado ou official, o padre exercia-o na sua plenitude, exaltando a coragem, justificando o sacrificio da vida. E encontrava já as classes mais recentes de recrutamento orientadas sob o ponto de vista religioso, possuidas d'um ideal patriotico e crente que tanto faltára ás antecedentes. A epocha da irreligião, á moda do internacionalismo pacifico, passára e estava completamente apagada entre a mocidade francêsa. Comprehendêra onde a levavam as theorias da morte, e querendo viver voltára á doutrina, guarda unica das nações, a tradição religiosa e patriotica. O movimento religioso era devido á acção do admiravel clero francês, cuja attitude depois da lei da Separação, sacrificando tudo para manter a união com a Santa Sé, tinha sabido impôr-se aos indifferentes, aproveitando depois com o mais esclarecido zelo a liberdade d'acção e palavra que lhe dava a abolição da Concordata. Ainda aqui a iniquidade se mentira a si propria.

Por outro lado o movimento patriotico, nacionalista e monarchico era devido á modelar propaganda da *Action Française*, pelo jornal e pela organização politica, combatendo o erro revolucionario em todos os campos,

com uma pertinacia, uma lucidez, uma vehemencia admiraveis. E assim se verificava a phrase de Maurice Vausard escrevendo ha pouco na *Revista d'Apologetica* (abril 915): « *A preparação psychologica da guerra de 1914, terá provado uma vez ainda, que uma élite actuante vale mais que a massa amorpha para produzir um resultado determinado* ». Em muitos, em quasi todos até, a fé patriótica tem levado depois á fé religiosa, fé que não se resume nelles em praticas mais ou menos exteriores mas que penetra até ao intimo do ser humano e determina a sua acção. A actual mocidade francêsa é deveras *integralmente* crente e patriota.

A guerra foi portanto a occasião formidavel que deu a este *facto* todo o seu valor, e veiu trazer ao movimento do renascimento francês um sentido muito mais profundo do que á primeira vista pode parecer. Porque tem uma applicação dupla: a afirmação positiva da fé, exaltando e levando ao maximo as potencias patrióticas da alma dos soldados e a reacção intensa contra tudo quanto ameaçava a existencia nacional, e em primeiro logar contra o *erro revolucionario*, e portanto toda a acção politica republicana que nelle unicamente se inspira.

Quer dizer, os elementos revolucionarios querendo e trabalhando para a defeza do territorio nacional negam-se a aceitar as consequencias logicas da victoria francêsa, e d'ahi as incertezas e hesitações do governo enleado pelo seu programma e prêso á sua doutrina e empenhado pela força das circumstancias numa luta decisiva para vencer a qual precisa exactamente de postergar e esquecer esses mesmos principios. A guerra vem por exemplo encontrar no poder aquelles que tinham sido os mais tenazes adversarios da lei Barthou,

a salvadora lei dos tres annos; acaba ha pouco de ser chamado ao logar de sub-secretario d'estado da guerra para o serviço de saude aquelle mesmo Justin Godard, deputado lyonnez cujo nome sahia da mais completa obscuridade por se recusar a fazer parte da 1.^a combinação Viviani, por este não ter no seu programma a revogação pura e simples da lei dos tres annos. E o espirito anti-militar constituia tanto a essencia do parlamentarismo radical que houve positivos manejos em pró da paz quando da marcha ameaçadora dos allemães sobre París. Talvez esse facto determinasse a declaração dos alliados, essa nova Santa Alliança redigida sob a inspiração da Gran-Bretanha e que se publicava a 7 de setembro, dizendo assim :

« Os Governos da Gran-Bretanha, França e Russia compromettem-se mutuamente a não concluir separadamente a paz no decorrer da presente guerra.

Os tres governos conveem em que ao discutir os termos da paz nenhuma das potencias alliadas poderá pôr condições sem previo acordo com cada um dos restantes » ¹.

Esta declaração era precedida pelo discurso de Asquith no Guildhall em que o Primeiro Ministro da Gran-Bretanha afirmava a inabalavel resolução do Imperio em levar a guerra até á completa libertação da Europa, ainda que durasse vinte annos. E as outras potencias alliadas vinham fazer boa esta declaração precisamente quando em França se ia dar o choque das massas que

¹ Posteriormente têm successivamente adherido a esta declaração as diversas potencias belligerantes contra a Allemanha.

ia marcar uma das datas decisivas da historia. Formava-se perante o perigo um bloco que nem a guerra nem a diplomacia conseguiriam desagregar e proclamavam-n'o á face do mundo, ao encetar a parte decisiva da campanha: a offensiva alleman tinha tido até então um exito esmagador, iria ella conseguir a victoria?

A evacuação de Paris pelo governo, recomposto já, pelo Parlamento causou deveras no meio politico um pronunciado *désarroi*: ouçamos o insuspeito *Journal des Débats*:

« Ninguem ignora que o plano de Wilhelmstrasse era arrancar em Paris a um governo em decomposição uma paz deshonrosa, aparentemente moderada. Queriam liquidar-nos compromettendo-nos de vez e para sempre com a Inglaterra e a Russia. Esperavam encontrar cumplices entre os politicos francêses.

Entramos aqui na politica interna. Este assumpto é triste, e até repugnante. Mas é preciso encara-lo. No meio do cataclysmo que faz estremecer a Europa e ameaça a existencia da Patria, ha em França politicos que pensam ainda nos seus interesses e nos seus rancores. Quando os exercitos se defrontam no meio da metralha elles pensam na maneira de reconquistar o poder, e de collocar as suas criaturas. Não desejam a derrota. Mas consideram a possibilidade de tratar como vencidos salvando a um tempo o que ficar da França com a sua influencia politica. Ha quinze dias que os seus clientes e amigos propagavam o panico. Tinham, nos corredores da Camara, conversas nauseabundas. Se por acaso consideram a hypothese da victoria é em vista do proveito que della podem tirar. Elles são o opprobio deste país cuja população vale tanto mais que elles. Não é esta a

ocasião de dizer os seus nomes. Far-se-á mais tarde se fôr preciso ».

Na mesma ordem d'ideias, commentando a sahida do Governo de Paris, o *New York Herald* escrevia :

« Paris fez sahir as boccas inuteis : mulheres, velhos, creanças e politicos ».

Emquanto estiveram em Bordeus não eram muito nocivos porque tendo o Governo por então addiado o Parlamento, não podiam falar. Mas logo os legalistas socorriam com a ideia de que era indispensavel a convocação do Parlamento para votação dos creditos necesarios. *Votem mas não falem*, exclamava Paul Bourget, e Maurice Donnay falava na *França Nova* que havia de sahir da guerra, e escrevia :

« Se não fosse assim, se devessemos voltar ao alcoolismo, á miseria, á luta dos partidos, ao chá-tango, ao *Kubismo* (com K como o caldo, porque não é artigo francês), aos chapéus de cincoenta luizes, aos espectaculos ignobeis, á intolerancia, á perseguição, ao *arri-visme*, aos processos que terminam com absolvições escandalosas, então os combatentes da Grande Guerra terão direito de falar, e em seu nome e no dos mortos clamar bem alto : *Não foi para isto que nos balemos* ».

Era um commentario eloquente á phrase admiravel do *Camelot du roi*, mortalmente ferido : *je meurs pour la France, et non pour la République*. E Capus, num dos seus resumos incisivos da politica do dia, referia-se assim no *Figaro* aos perigos da reabertura Parlamentar :

« Qual é o erro principal do Parlamentarismo actual? É que instituido expressamente para salvaguardar a liberdade d'opinião e os direitos de todos os cidadãos, applica-se, pelo contrario, como que por desafio, a in-

quieta-los todos, parecendo que não tem outra maneira de manifestar a sua existencia. A maioria não dá só o poder a um partido, permite-lhe exercer uma verdadeira tyrannia para com os vencidos. Bastava chama-los *reacionarios* para que immediatamente deixassem de ter direito algum, ou logar algum no seu país. As reformas e as leis não se fazem para o conjunto, mas contra a minoria no parlamento.

Estabeleceu-se por exemplo a laicidade para substituir um ensino ou uma moral por outra? Não ha tal: foi para tirar a liberdade aos catholicos. Instituiu-se o imposto de rendimento, por espirito de justiça e sem odio? Tambem não: foi para tirar o dinheiro á burguezia. E assim toda a reforma se transformava num acto d'hostilidade contra alguém ou alguma coisa.

É este systema que em França não se suportará mais!»!

Maurice Barrès, no *Echo de Paris*, buscava pela mesma data, 20 de Dezembro, outro argumento contra a reabertura Parlamentar. Referia-se ás tentativas persistentes e teimosas da Allemanha em pró da paz e accrescentava:

«Esta sapa indirecta e cautelosa da Allemanha faz comprehender o inconveniente de reabrir hoje a discussão parlamentar. Podia haver quem quizesse ter na tribuna uma opinião sobre o que só pode ser tratado em publico pelo Governo. É já bastante perigoso que haja corredores onde fermentam centenas de forças inocuadas. As melhores actividades, quando não têm direcção, girando sobre si proprias, incomodam, perturbam, agitam, e são nocivas. Não se sabe o que se ha de fazer aos dois pessoases parlamentares... Os melhores dizem

que em janeiro é preciso falar, que já se sacrificaram bastante, que é da sua dignidade reabrir a tribuna, e o que é peor é que é *Constitucional!*

A tribuna! O problema está em achar um assumpto de palestra. Se os homens distinctos que compõem a representação nacional podessem ainda deixar fóra das suas considerações o exercito, a diplomacia, a defeza nacional! Mas ha as ambições ministeriaes. É terrivel até onde levam! Ninguem venha nos corredores trazer-nos as suas ideias sobre a melhor direcção da guerra, nem sobre a paz mais rapida: ninguem nos traga o echo pacifista das mentirosas tentativas da Allemanha».

Barrès receiava portanto sobretudo que o Parlamento viesse a fazer o jogo da Allemanha. E isto por sua propria natureza: o character eminentemente nocivo do systema propheticamente indicado: nós não temos visto este anno na Camara francêsa senão succederem-se os ataques ao Ministro da Guerra Millerand.

Podem elles ter sido justificados? Em que estado encontrou Millerand a defeza nacional?

É uma eloquente resposta a publicação dos creditos votados nos ultimos 15 annos pelo Parlamento para os Serviços do Exercito com as reduções sobre as quantias pedidas pelo Estado Maior. Quando diariamente se está verificando o que era a preparação alleman, é significativa a incompetencia parlamentar e a inconsciencia com que ainda accusa quem é victima das suas reduções. A nota dos creditos é a seguinte:

Em 1900, para 1901, 95 milhões pedidos, 60 concedidos — Redução de 34 %. Era ministro André, o das fichas.

Para 1902, pedem-se 98, concedem-se 49. A redução de 50 % é aceite por André.

Em 1903, redução de 46 %, em 904 sobre 61 pedidos concedem-se 26. André aceita e ainda no anno seguinte a de 41 %: 44 milhões reclamados, 26 concedidos. Era o anno de Tanger!

Em 1906, 59 pedidos, 26 concedidos: 48 % de redução: começavam os extraordinarios augmentos nos armamentos allemães.

Vinha a revolução jovem-turca, a crise da Bosnia, crescia diariamente a ameaça allemã, e Clémenceau ia *sabotant* o exercito com a legislação daquelle Piquart que Déroulède chamava pittorescamente o *generalizado*. O Estado Maior reclamava em 1907, 133 milhões como indispensaveis á defeza nacional: apanhava 67; em 908, sobre 88 concedem 60. Em 909 reclamam-se 98, reduzem-se de 32 %.

Depois, vem a crise d'Agadir, o tratado que leva á França centenas de kilometros quadrados de superficie, as leis militares allemãs avolumam-se, os programmas navaes precipitam-se e o Parlamento reduz, sempre, intemeratamente. *Impavidum ferient ruinae!* Pedem-se 113 milhões, pois governem-se com 86; reclamam-se 98, contentem-se com 84. Pois se os que mais se destacam agora a atacar Millerand professavam:

«*Abaixo o militarismo que nos enerva!* Porque devora 1 milhar de milhões e meio cada anno para o *orçamento da morte*».

Pode-se defender a França sem a arruinar: *as milicias*. Um homem, uma espingarda; não custa caro e defende muito bem.

Alem disso, *a França não está ameaçada*; os ricos e

os fabricantes de canhões dizem o contrario nos seus jornaes mentirosos, para se enriquecerem á vossa custa, para que o Exercito os proteja contra o Socialismo crescente.»

O energumeno que publicava esta serie de inepcias aos seus eleitores, o socialista Brizon, fazia-o com o conhecimento de causa que lhe dava a situação politica em *maio de 1914*, a tres mezès da declaração de guerra. Tanto basta para mostrar o que são e donde partem os ataques. Traduzem-se, por exemplo, na lei Dalbiez, parto maniganciado da mania equalitaria, da uniformidade imbecil com que esses parlamentares pretendem organizar a victoria de Joffre. Concentram-se na pretensão do *contrôle*, recordando as tradições dos representantes civis, dos convencionaes em missão nos Exercitos da Revolução como se outra coisa não tivessem introduzido senão a desordem, revelado senão a incompetencia, causado senão damno, guilhotinando Honchard, destituindo Hoche e substituindo-o por Pichegru. E ouvimos esse perenne anarchista de Clémenceau, esse constante fautor da desordem, esse culpado em tão perigosas reduções como acima vimos, proclamar a doutrina monstruosa, de que sendo o Generalissimo nomeado pelo Ministro da Guerra, e este não existindo senão pela Confiança do Parlamento, elle era de facto o *delegado militar* do Parlamento nos Exercitos! Sobre esta theoria de morte é que no fundo se reclamava a sessão *secreta* para discutir perante 600 palradores os interesses da defeza nacional. Onde iria parar o que Napoleão chamava com tanta propriedade — *a unidade do pensamento militar?*

Perante a imminencia do perigo, o Governo aguen-

tou-se. Tão formidável era a pressão sujeita á discussão de 600 estratejas typo Brizon! da opinião publica que Viviani conseguiu a victoria e o Parlamento emmudeceu. Por quanto tempo e até quando?

Por agora o país venceu: os *principios* foram sacrificados ao interesse nacional. Mas foram-n'o de mau grado. O proprio governo o sente, e percebe que estas victorias lhe são politicamente fataes. Desde o momento que elle não pode manter a sua propria doutrina, e continua no poder é porque lhe incumbe um serviço d'ordem superior, o de defender a propria vida da França. Esta missão explica a singular anomalia de ser hoje a *Action Française* o mais governamental de quantos jornaes se publicam em Paris; nenhum tem mantido mais alto a união sagrada de todos os francezes frente ao inimigo. Como o dizia Maurice Pujo quando exprobadado por não cantarem os *Camelots* a Marselheza: canta-la-hemos frente ao inimigo. O exemplo dado pela attitude da *Action Française* é dos que merece registo pela singular nobreza de character que revela.

Maurras introduziu na politica um principio novo, a verdade. D'ahi a força irresistivel da sua propaganda. Tudo é preferivel hoje ao facto de ver cahir o Governo a quem as circumstancias impozeram a alta tarefa da Defeza nacional, perante os manejos e a intriga parlamentar. E assim o Governo tem como apoio essencial contra os inimigos internos, contra os elementos revolucionarios, os maiores adversarios do regimen e das doutrinas politicas que representa! Como se aguentará portanto o systema depois da victoria, em face da revolução que não desarma?

Tanto mais que a guerra não tem sido senão a con-

firmação das doutrinas politicas da *Action Française* e a demonstração irrespondivel da singular clari-videncia da obra já celebre de Daudet, — *L'avant-guerre*. Esse livro, que era um formidavel acto d'accusação contra a inconsciencia do regimen, foi recebido nos meios parlamentares com um silencio de morte. Parecia deveras que ouviam a sua propria condemnação. Em vão o General Maitrot, o antigo chefe do Estado Maior do 6.º corpo, confirmava no *Echo de Paris* a invasão alleman na zona fronteira e a occupação systematica dos pontos estrategicos da rede de viação ordinaria e ferrea por *fêrmes*, compradas por allemães. Não nos lembra que uma só pergunta a tal respeito sahisse das bancadas parlamentares. O silencio da imprensa, chamada de *grande circulação*, era egualmente significativo.

Vem a guerra, e logo no 1.º dia da mobilisação, a autoridade militar mandou arrancar, em toda a extensão do territorio francês, os reclames da Sopa Kub e do Leite Maggi; depois ia-se sabendo que as peças de sitio que faziam cahir logo a defeza de Maubeuge eram postas em bateria numa noite em plataformas de ante mão betonadas existentes em fabricas e officinas, propriedade da casa Krupp, que o terreno em que se travára a batalha do Marné fora estudado, á sombra das linhas *de autobus* Conlommiees-Meaux-Melun, dirigidas pelo espião allemão Zonckermann e subsidiadas pelo Governo da republica; que as pedreiras de Compiègne e Soissons onde os allemães faziam o fulcro da sua defeza do Aisne eram exploradas por uma companhia alleman e tinham sido estudadas no anno anterior pessoalmente pelo proprio von Kluck; que no hotel Astoria, dos Campos Elysius, além d'uma estação de telegraphia sem fios havia

um dos mais importantes centros da espionagem alleman; depois vem o sequestro por ordem do Governo das minas de Dieletta e das fundições de Caeu propriedades allemans onde se preparariam as munições a consumir no ataque de Paris, e Capus podia escrever no *Figaro* que a Bolsa de Paris, invadida pelos especuladores e financeiros allemães era o *quartel general* da invasão germanica.

Afinal ia-se despertando sob a pressão dos factos: é Luciano Baumann, o director da Moagem de Corbeil, allemão naturalizado, accusado de especular sobre as farinhas e os trigos, e isto já no Parlamento: é o processo e a condemnação de Maute em Marselha provando que tambem entre francezes, — alguns traidores houve algumas vezes — tudo isto confirmando as precisas accusações da *Avant-guerre*. Se o Governo representasse deveras uma concentração nacional, Daudet devia indiscutivelmente occupar o logar de ministro do interior. Não havia mais energica defeza da França contra a acção interna da Allemanha, sempre ameaçadora pois Baumann está ainda á frente da Moagem Corbeil como Ulmann á testa do Comptoir National d'Escompte.

Ninguem sente mais estes factos, nem lhes experimenta melhor as consequencias do que as tropas nas trincheiras. *Pourvu qu'ils tiennent!* dizia Forain num dos seus desenhos, *Qui ça? les civils!* Se o Governo, pudesse livrar a França da ameaça alleman interna emquanto o Exercito repelle o ataque externo, a situação depressa se esclarecia. Mas se alguma coisa tenta nesse sentido é forçado pela opinião: não assume directamente a acção. Prefere toma-la, está-lhe mais na tradição, contra as manifestações religiosas; o inimigo interno que receia é

a reacção. Mas a guerra vem demonstrar que a França da tradição, a França catholica e monarchica, estava muito longe de ter desaparecido perante a França laica, radical e anti-clerical. Pelo contrario está-se provando que para defender a Patria, a primeira é mais util. E ainda que é esta que diariamente está recrutando proseytytos entre as fileiras dos seus mais encarniçados inimigos. O contrario é manifestamente absurdo: não ha um só monarchico e catholico que depois da guerra se tornasse atheu ou radical. Tanto nos basta para mantermos a nossa fé na victoria da França da tradição sobre o inimigo externo como sobre o interno.

A significação da guerra

Na Introducção com que a Chancellaria do Imperio fez anteceder o Livro Branco allemão, lê-se :

«A Austria Hungria, não podia, pela sua dignidade e segurança, assistir inactiva a tudo quanto se tramava além da fronteira serbia. O governo Imperial e Real informou-nos da sua maneira de pensar e pediu a nossa opinião. De todo o coração podemos concordar com a maneira como a nossa alliada encarava a situação, affirmando-lhe approvar a acção julgada indispensavel para acabar com o movimento dirigido na Serbia contra a integridade da monarchia.

Estavamos perfeitamente consciuos de que uma acção militar da Austria-Hungria contra a Serbia poderia trazer a Russia a campo, e envolver-nos portanto numa guerra, conforme o nosso dever d'alliados. Mas estando em jogo os interesses vitaes da Austria-Hungria não podiamos aconselhar á nossa alliada uma resignação incompativel com a sua dignidade, nem recusar-lhe o nosso apoio em tão grave conjunctura. Podiamo-lo tanto menos,

quanto os nossos proprios interesses estavam igualmente ameaçados pelas constantes intrigas serbias. Se os serbios podessem, com o auxilio da Russia e da França, continuar a ameaçar a existencia da Austria-Hungria, o gradual decahir da Austria e a reunião dos slavos sob a hegemonia russa, seria a consequencia, *tornando insustentavel a posição da raça teutonica na Europa Central*. Uma Austria enfraquecida, moralmente pela pressão do panslavismo russo, não seria uma alliada com quem se podesse contar, e na qual houvesse que confiar, como tanto o precisamos em frente á ameaça sempre crescente dos nossos vizinhos do occidente e do oriente. Deixámos, pois, á Austria, a mão livre quanto á Serbia, sem participar na preparação».

A explicação da attitude do Kaiser está portanto registada oficialmente: não quiz nunca intervir junto da Austria para que esta accedesse a submissão da Servia, o que teria garantido a paz do mundo, porque perante uma Austria moralmente enfraquecida a situação da raça germanica ficava insustentavel na Europa Central.

Porque? Porque essa Austria *enfraquecida* não seria á vanguarda alleman necessaria para descer o valle do Vardar até Salonica, e alcançar assim o senhorio do mar Egeu, como Trieste, porto allemão, significaria o senhorio do Adriatico. E occupada a margem sul do Mediterraneo como consequencia da victoria sobre a França, e Bizerta alleman, não só o valor estrategico das bases britannicas ficava annullado, mas a Italia teria que se render ao jogo apertado entre o Adriatico e o Mediterraneo allemães. Tal era, neste theatro da lucta, o objectivo da politica seguida pela raça germanica, pretendendo impôr o seu dominio sobre todos os que a natureza collocára

no caminho dos seus interesses. Não podiam estes, por serem allemães, competir sequer com os de estranhos, mas domina-los e faze-los desaparecer. Desde que os intellectuaes allemães proclamaram que o militarismo provém da cultura germanica, importa sobremaneira vêr como essa *cultura* comprehendia a dos restantes povos para avaliar a que ponto d'escravidão obrigaría o mundo a victoria alleman.

— A vocação dos allemães é commandar os outros povos, escreve um dos signatarios do manifesto, o chimico Woolfang Ostwald; o povo allemão precede de cincoenta annos os outros, que estão ainda no estado do individualismo, quando o allemão já attingiu o que é definitivo na evolução humana. É assim o unico em que o estado politico está á altura do desenvolvimento economico e em harmonia com as leis do progresso industrial. Só a organização permite a acção por massas, o agrupamento e a utilização das forças segundo a natureza de cada um, em vista do seu melhor rendimento. Ora a Europa está destinada a tornar-se industrialmente, e portanto politicamente, um mercado unico. *As nacionalidades cederão o logar a simples especializações economicas.* Só a Allemanha está em estado de desempenhar a formidavel tarefa d'organisar uma tal Europa. Só ella sabe o que é organização: as suas duas componentes, força e disciplina, foram indelevelmente gravadas no seu espirito pelo militarismo prussiano. Esta vantagem não a possui nenhuma outra nação.

O Imperio allemão tem pois o direito de impôr o seu ideal ás outras nações. Na immensa officina europeia do futuro, todos os povos terão o direito de trabalhar, mas sob a direção alleman.

« Os pequenos povos têm na politica, escreve outro *sabio*, o papel das pequenas explorações na industria. *A sua eliminação é inevitavel*. A Europa deve ser mais cedo ou mais tarde transformada numa *Kultur bund*, ou confederação da cultura germanica, transposição do Grande Imperio allemão de hoje. Porque só a Allemanha tem, com a força, a noção do valor d'essa força para a organização e direcção dos agrupamentos humanos. »

Conhecer-se-ão mais monstruosas afirmações de materialismo brutal? Que retrocesso não representa na historia o ir parar todo o *progresso scientifico*, a uma tão colossal organização da força bruta? E como se comprehende que vejamos com horror surgir nesta guerra a *barbarie scientifica* e a *selvageria erudita*, da destruição de Louvain ou do bombardeamento de Reims? Que admira pois que Harden escrevesse :

« Sim ! esta guerra quizemo-la nós, e preparamo-la ! Sim ! Nós sabiamos o que faziamos ! E iremos até ao fim. Esmagarêmos o mundo sob o fio da espada alleman e imprimir-lhe-emos á força a marca do espirito e da cultura allemans.

Até agora, a distincção moral entre a *Justiça* e a *Força*, entre o *Direito* e o *Poder*, constituia entre os povos christãos um axioma irreductível da sua consciencia, base e alicerce das suas instituições. Estava guardado ao *escol* dos pensadores allemães proclamar á face do mundo a apologia do interesse sobre o direito ; apresentar audaciosamente a força bruta e a violencia como signaes d'eleição entre os homens ; professar descaradamente a negação dos direitos da personalidade humana perante a organização absoluta do Estado Omnipotente ; legitimando por ultimo a pretensão dos Grandes Im-

perios de arrancar aos pequenos estados a liberdade do seu proprio desenvolvimento nacional!

Jámais, por certo, foi o mundo testemunha de uma tão geral e tão formidavel aberração collectiva.

Perante a força alleman o direito universal desappareceu porque o povo allemão, como superior aos outros povos, cria elle mesmo o Direito. E elle tambem é a Verdade: e as affirmações, provadas, documentadas e attestadas pelos factos, sendo-lhe contrarias, não são nunca verdadeiras: *Es ist nicht wahr!*

E aqui está, cremos nós, a essencia, o character da guerra actual. Não é uma lucta pelo Imperialismo, não é uma guerra economica, não é uma guerra da ordem contra a revolução; a victoria alleman não representaria só a hegemonia do Imperio, significa alguma coisa mais: a vassallagem ao Germanismo, não só dos territorios e dos povos estranhos, mas de tudo quanto representa o patrimonio religioso, intellectual e moral da humanidade; é o ataque do materialismo levado pelo militarismo prussiano a um grau de poder jámais sonhado contra tudo quanto existe de forças moraes no mundo.

Ahi está, tambem, a razão moral da sua inevitavel derrota: jámais a *Kultur* alleman poderá vencer a civilização humana.

D'ahi resulta a situação tão especial da França nesta guerra. A opinião vulgar, por isso mesmo que é falsa, correspondendo a apparencias visiveis, é certo, mas illusorias, dá-nos a França, campeão da democracia universal, combatendo uma Allemanha, campeão da ordem e da autoridade, da reacção europeia. Ha aqui um erro duplo, proveniente em grande parte da facil comparação da guerra actual com as da Revolução. Mas

a França vem de mais longe e a sua missão historica é outra que não a de propagar pelo universo o credo dos Direitos do homem e do cidadão. Quando os allemães se viram forçados a retroceder perante o ataque francês, quando a batalha do Marne fez de novo soar o ruido d'uma victoria francesa, a *Gazeta de Francfort* notava que se estava em presença d'aquelle velho espirito militar francês — criação dos seculos!

Que soberba affirmação da força salvadora da tradição! Quando encontraram o regimen moderno, os allemães prepararam as maravilhas d'espionagem da *ante-guerra*, e as «faltas militares determinadas por causas politicas» deram a perda da batalha de Charleroi, a invasão do territorio, a retirada ainda além de Paris, e obrigaram Joffre a alterar todo o alto commando, reformando d'uma só vez mais de sessenta generaes, procurando e escolhendo quem tratasse e cuidasse da defeza nacional preterindo a defeza laica ou republicana, Foch, Castelnau, de Grandmaison, para só citar entre os mais celebres hostilizados pelo regimen. E estamos agora em França numa situação especialissima; o parlamento já não governa, o proprio governo subordinou-se. Quem governa e manda em chefe, é o generalissimo Joffre; quando entra na Alsacia, diz simplesmente — «Je suis la France» — e em nome da França, promette o respeito das tradicionaes liberdades religiosas. Enquanto governou o regimen republicano, o país teve a invasão: quando passou ás mãos d'um chefe, este organisou atraz das trincheiras, enquanto aguenta os furiosos embates do poderio germanico, todas as forças vivas da nação! É esse o verdadeiro prodigio da guerra actual.

Mas ha mais; ha ainda um factor essencial no estu-

do d'esta curiosa campanha. Fôra uma das maximas de guerra do radicalismo, pôr os padres de mochila ás costas. É evidente que essa lei sectaria visava muito mais a vexar a Egreja do que a realisar a *egualdade* perante o imposto do sangue. Chegou a mobilisação, e via-se com pasmo desaparecerem os preconceitos populares que uma propaganda iniqua *creára contra o clero*, multiplicar-se e exercer a influencia religiosa dos soldados padres; e que admiraveis *quadros* elles iam no sentido militar e educador da palavra, fornecer aos exercitos francêses! Não ha muito, em Paris, um dos mais eminentes prelados me affirmava que o renascimento religioso depois da guerra correspondia a trinta annos de prégão. Que lhe preoccupa a fundo o sectarismo radical, vê-se na attitude dubia do governo, nos clamores dos órgãos anti-clericaes da imprensa, e até no desejo manifesto de que a victoria não vá tão longe que dê á reacção um triumpho decisivo.

Mas accrescente-se a acção e a influencia d'aquella admiravel mocidade formada pela *Action Française* e pelos mestres da intelligencia francêsa, *nenhum dos quaes se conta entre os defensores das ideias revolucionarias*, lembrem os nomes de Péguy, de Psichari, de Cassagnac, de tantos outros mortos pela victoria da França da tradição, imagine-se como sentem os soldados nas trincheiras as consequencias dos êrros do regimen, e o que foram as «faltas militares determinadas por causas politicas» e conclua-se onde fica, depois da victoria, a Republica de Caillaux.

Germanismo e Catholicismo

Entre as estranhas anomalias da guerra actual, figura por certo, como mais paradoxal a situação religiosa por ella creada. Já aqui mesmo falámos na monstruosa afirmação de materialismo representada pelo germanismo; já dissemos como Bento XV condemnou «o bem material tornado objectivo unico da actividade humana»; resta-nos mostrar como o germanismo é o fructo natural do lutheranismo, identificando-se até nelle, como todo o allemão até ao *cerne*, *kerndentsch*, na phrase de von Hutten, seu intimo amigo.

Ao contrario dos mais celebres herejesinhos, cujos êrros residem em regra na intelligencia, é a psychologia de Luthero, é o transbordar da sua individualidade que constituem a essencia da sua doutrina, e que são a razão intima da sua prêza sobre o povo allemão, e da enorme influencia do autor da Reforma sobre a Allemanha contemporanea. Se, de facto, o odio ao *papismo* e o protestantismo foram tão rigorosos na Inglaterra e tamanha influencia ahí exerceram no dominio das ideias e no dominio religioso, não deram comtudo logar a institui-

ções e a uma civilização especificamente lutheriana, antagonico por si proprio a todo o espirito christão.

Nada ha na Allemanha contemporanea que se assemelhe ao formidavel e quasi irresistivel movimento para o catholicismo tão interessantemente estudado por Thureau Dangin na sua obra sobre o Renascimento catholico na Gran-Bretanha; mesmo nos paizes escandinavos o vivo e forte sentimento que os leva a approximar-se da Igreja não encontra repercussão, em territorio allemão; e o manifesto dos intellectuaes viria ainda demonstrar como o sentir allemão vem attenuar a crença catholica, se não conhecessemos as origens do *modernismo* na propria philosophia alleman.

O mal da Reforma, o Lutheranismo, é pois na essencia um mal germanico; mal sobretudo porque, repetimos, a essencia da doutrina foi erigir o proprio mal em lei geral, como coisa legitima e necessaria por si propria. Existia a desordem e a relaxação nos costumes monasticos, era geral a praga dos clericos concubina-cios? Pois *reforma-se* o mal, tornando-o regra geral, permitindo o casamento a esses clericos. Existe a cubiça das riquezas, pretende-se adquirir á força os bens ecclesiasticos? Pois *reforme-se* o mal, tornando licita a expolição, e o Grande Frederico podia mais tarde gabar-se, de que fôra para se enriquecerem com os despojos da Igreja que os seus antepassados se tinham tornado protestantes.

Da religião, passou naturalmente este methodo para a philosophia. Essa subordinação das leis moraes e religiosas ao eu, creava o egocentrismo, o individualismo, e Fichte vem mais tarde declarar o eu allemão o typo humano por excellencia, aquelle ao qual o mundo intei-

ro teve de se subordinar. D'ahi vem natural e immediatamente a doutrina da guerra de von Bernhardi. «Desperta em nós a guerra os impulsos barbaros, primitivos e selvagens? Pois nós erigimos a barbarie em regra e norma superior da guerra, tanto mais superior, tanto mais forte quanto mais barbara e cruel. E affirmamos pedante e cynicamente que a Guerra é a Guerra: *Krieg ist Krieg!*

O germanismo religioso, philosophico e militar representa, pois, uma criação artificial, violenta e desenfreada, suppondo um despotismo e um militarismo sem limites, antithese viva e opposição declarada a tudo quanto na realidade constitue a ordem e a auctoridade. Porque a auctoridade não tem como sanção apenas a força, nem a ordem representa a subordinação á tyrannia do Estado. E como por outro lado, a auctoridade e a ordem não teem no mundo mais elevado representante do que a Igreja Catholica, a Allemanha, historicamente um fóco de desordens contra a ordem europeia, tem no fundo mantido sempre uma lucta persistente e encarniçada contra Roma e contra o Papado.

Na sua obra sobre a Igreja Catholica, a Renascença e o Protestantismo, Monsenhor Baudrillart, o director do Instituto Catholico de Paris, faz notar como caracteristica do Lutheranismo, o odio ao espirito latino, contra a razão e a civilização humanas; ataca-se em nome do espirito germanico o Pontifice Romano como um inimigo da Patria. Por odio a Roma se prérgou a supremacia do poder civil e o laicismo do Estado, estas duas creações onde está em germen o espirito revolucionario; com a grande Revolução francêsa filha de Rousseau que não professou outra doutrina e que era individua-

lista, essas ideias representam a regra e o ideal do mundo moderno, estão no fundo dos Immortaes Principios. Isto é o que constituia o *mal* sob o ponto de vista christão, tornou-se a norma e a lei das sociedades contemporaneas. Não terá pois razão Bento XV em apontar como uma das causas da guerra actual o esquecimento «d'aquellas normas e praticas da Sabedoria Christan, unicas que pódem garantir a estabilidade e o socego das Instituições»?

A que ponto o odio contra o que é christão se tem manifestado na guerra actual, dizem-n'o factos sem conta. Escrevia a 24 de setembro o correspondente do *Morning Post*, na Belgica:

«É claro que os padres são objecto especial de odio e vingança. As igrejas são manchadas e destruidas, muitos são massacrados e torturados. Porquê? Não posso suggerir outra rasão senão que na consciencia collectiva alleman a guerra contra tudo quanto ha de humano na nossa civilisação comprehende o christianismo como o inimigo essencial a atacar nos seus ministros e nos seus templos. Porque outra rasão se poderá explicar esta perseguição especial contra os padres e a bestial profanação d'egrejas, santificadas pela oração dos seculos?»

Na sua tão celebre e admiravel Pastoral, escreve o arcebispo de Malines, o eminente cardeal Mercier:

«O que eu vi de ruinas e de cinzas ultrapassa tudo quanto, apezar das minhas tão vivas apprehensões, tinha podido imaginar... Igrejas, escolas, asylos, hospitaes, conventos, em numero consideravel, estão fóra d'uso ou em ruinas...

Naquella querida cidade Louvainita, d'onde não posso arrancar a minha saudade, a soberba collegial de

S. Pedro jámais recobrará o antigo esplendor; o antigo collegio de S. Ivo, a Escola de Bellas Artes, a Escola Commercial e Consular da Universidade, o mercado secular, a nossa rica bibliotheca com as suas collecções, os seus incunábulo, os manuscriptos ineditos, os archivos; a galeria das suas glorias desde os primeiros dias da sua fundação, retratos dos reitores, chancelleres, professores illustres, á vista dos quaes mestres e discipulos de hoje impregnavam de tradicional nobreza e se animavam no trabalho, toda essa accumulacão de riquezas intellectuaes, historicas, artisticas, fructo de cinco seculos de labor tudo está anniquillado.

...Centenas de innocentes foram fuzilados. Na minha diocese, 13 padres e religiosos foram assassinados. Trinta, na diocese de Namur... Não podemos contar os nossos mortos nem avaliar a extensão das ruinas.»

Por essa epocha, o conhecido jornal allemão *Vorwaerts*, explica que as cidades e regiões catholicas é que eram assim assoladas e destruidas, poupando-se as cidades socialistas. E no *Tag*, de Berlim, a proposito do odioso bombardeamento da cathedral de Reims, o general von Disfurth, escrevia:

«É abaixo da nossa dignidade defender as nossas tropas contra as accusações injustas do interior e do exterior. Nós e as nossas tropas não devemos explicações a ninguem e não temos nada que nos justificar... Nada temos com a opinião dos outros paizes. Marte é o senhor da hora presente, e não Apollo. O mais modesto tumulo que se eleva sobre o corpo d'um dos nossos guerreiros é mais veneravel do que todas as cathedraes, e todos os thesouros d'arte do mundo. Chamem-nos Barbaros, que nos importa? Far-nos-á rir...

Acabe-se pois com todo esse palavreado ôco, e que nos não falem mais na cathedral de Reims, e em quantas cathedraes e palacios partilharam da sua sorte. Não queremos saber nada d'isso. Que de Reims nos venha a noticia da victoria das nossas tropas, tudo o mais que nos importa?»

Por seu lado um poeta allemão, exaltava assim a destruição da velha basilica, symbolo augusto da realza em França: «Fechamos com uma chuva de chumbo, oh Reims, a tua casa de idolatria!»

Podêmos, cremos nós, em vista do exposto, affirmar e repetir que assistimos na guerra actual ao maior ataque soffrido pela civilisação e culturas christans representadas, e aqui está o grande paradoxo, por um estado maçon e atheu defendido por um Estado hereje e protestante e outro scismatico. Mas não é este paradoxo apenas apparente? Colloca-nos a guerra de repente em face das mais profundas realidades historicas, das mais fortes razões moraes, e são ellas que convém destrinçar, sabendo dar por exemplo a França tradicional, militar e christan, sob a capa de um governo que já deveras não governa. E não está a sobre-heroica e admiravel Belgica a representar tão dignamente o catholicismo? Não nos será licito afinal considerar o que sejam os povos nos designios da Providencia e esperar tudo da alliança d'elles contra o scisma aberto pela Allemanha na civilisação christan?

A Igreja na guerra actual

Póde afoitamente dizer-se que a primeira grande victima da guerra actual foi o Santo Padre Pio X. Com elle desaparecia da Cadeira de S. Pedro um dos grandes Pontifices da historia; recebendo, pouco tempo antes do seu fallecimento, os Mestres de Theologia da Ordem dos Prégadores, incitava-os ao estudo de Philosophia Thomistica como meio de defender a Religião Catholica — *vera, sana et integra*.

Creemos que estas expressões se pódem tomar como o symbolo da sua acção doutrinaria. Está na memoria de quantos viveram esse extraordinario pontificado como a lucta contra o *modernismo* se empenhou desde a sua aclamação e como se succederam as condemnações de Loisy, de Romolo Murri e de Marc Sangnier. Nem póde esquecer, como contra a opinião dos academicos francezes então chamados os *Cardeaes Verdes*, foram tambem condemnadas as cultuaes, com que os huguenotes auctores da lei franceza da Separação, Steeg e Buisson, queriam substituir a organização protestante á hierarchia

catholica. A maré do êrro, a paixão politica pareciam deveras então afogar as mais altas intelligencias, os espiritos mais elevados; os alicerces da verdade eram abalados pela duvida, como a organização secular da Igreja ameaçada pelo odio sectario; a democracia, cha-



S. S. Bento XV

mando-se christian, pretendia resolver por si só a questão social. Então desciam sobre os nossos espiritos hesitantes, obscurecidos pelo vago e ondeante pensamento humano, com a sua luz forte, clara e serena, as Encyclicas *Pascendi*, *Vehementes*, ou o Decreto *Lamentabili*! E perante a maravilhosa florescencia da Igreja Catholica em França, perante o facto do verdadeiro *ralliement* da *élite* intellectual d'essa grande nação, pensando no olvido do

desengano em que cahiram Loisy, Murri ou Sangnier, não se sentirá humanamente justificada a maravilhosa previsão politica d'esse Grande Papa?

Pio X morria a 20 d'agosto; o conclave reunia-se a 31 d'esse mez e a 3 de Setembro era sublimado ao *Solio Pontificio* um dos mais recentes Principes da Igreja

o Cardeal della Chiesa, Arcebispo de Bolonha, Assumia o titulo de Bento xv. O seu predecessor nelle fôra o Papa Lambertini, tambem arcebispo de Bolonha, o que concedeu aos Reis Portuguesês o titulo de Fidelissimo.

Por uma coincidencia estranha, o novo Papa entrava no Vaticano no mesmo dia em que a Salvação nacional, falando pela bocca de um Soldado, impunha para fóra de Paris, como um empecilho, esse governo radical que tinha como norma de conducta nas suas relações com a Igreja esta simples phrase: — Eu não conheço o Papa —, isto é, eu não quero saber d'um Facto Unico na Historia, o da Existencia perenne d'uma Autoridade que precedeu, acompanha e ha de seguir até ao fim dos tempos, o nascer, o desenvolver, o acabar das nacionalidades e dos Imperios. E isto na occasião em que a humanidade assollada por um formidavel flagello mais precisaria de um Guia e de um Pae. Desencadeára-se a guerra com uma hedionda série d'horrores jamais presenciados; iniciára-se com a violação brutal do que ha de mais sagrado no concurso dos homens; desprezára-se affrontosamente a fé dos tratados, apellidos de *farrapos de papel* sem valor perante a necessidade militar; calcava-se, numa palavra, aos pés tudo quanto constitue o patrimonio moral da humanidade. Sentia-se portanto, é certo, urgia, que houvesse Quem dissesse e ensinasse onde está o Direito, onde existe uma Autoridade superior á força material e bruta. Precisava-se, porque se tal palavra se não pronunciasse, a humanidade regressaria ao dominio material da força, ao estado de barbarie primitiva; e sentiu-se tanto, que os proprios governos como que á porfia facilitaram e apressaram a reunião d'uns sessenta velhos, vindos dos

confins do Orbe, a eleger d'entre si Um que havia de ser o Mais elevado representante da *Força Espiritual*; se ha tanto que a Cadeira de S. Pedro está privada do mais reduzido dominio temporal! Eloquente demonstração no meio do mais formidavel embate de força material que o mundo tem visto, de singular supremacia do *Poder Espiritual*.

Logo na primeira encyclica do seu Pontificado, no 1.º de novembro, Bento XV apontava a origem da guerra actual, «naquella outra furibunda guerra que corroe as entranhas da sociedade hodierna. Desde que deixaram de ser observadas na organização da sociedade as normas e praticas da Sabedoria christan, unicas que podem garantir a estabilidade e socego das instituições, os Estados começaram naturalmente a oscillar sobre os seus alicerces, e seguiram-se nas ideias e costumes taes alterações e mudanças, que se Deos lhe não provém de prompto, parece já imminente o esphacelo do convívio humano».

Aponta em seguida o Pontifice entre os factores determinantes da guerra actual, o desprezo da auctoridade, a injustiça das relações entre as diversas classes sociaes e o *bem material tornado objectivo unico da actividade humana*. Para pôr fim a uma tal desordem, se ha verdadeira vontade de restabelecer o advento da sociedade, diz ainda Bento XV, ha que revigorar os principios do christianismo.

Encontrando as nações empenhadas numa guerra atroz, o Papa procura desde logo o elemento superior, Universal, digamos assim, sobre o qual possa existir alguma communicação entre os adversarios. Não ha duvida de que esse elemento, por mais reduzido que hoje

esteja em comparação com a epocha em que as nações constituíam a Christandade, é o elemento religioso.

A obra de cohesão e coordenação das forças catholicas que representa o Pontificado de Pio X vem singularmente favorecer a maneira eminentemente habil e politica como desde o primeiro acto do Seu Pontificado Bento XV se collocou. E a razão, a nosso ver, do que tem sido por vezes acoimado de excesso de prudencia nessa attitude, está precisamente no character de *Universalidade* que o Chefe Supremo da Igreja Catholica tem querido sempre manter.

É seguir depois as suas diversas manifestações: as cartas aos arcebispos d'Antivari, e de Colonia, lamentando as ruínas da guerra, recommendando as victimas, os feridos e os prisioneiros; aos cardeaes de Reims e de Malines, sentindo com elles os desacatos ás suas Sés, afirmando que está com elles na perseguição, e protestando contra os limites postos á acção episcopal do ultimo; em seguida as ordens ao clero para se interessar pessoalmente pela sorte dos prisioneiros, assumindo até o encargo de os relacionar com as familias; a proposta para a troca, já em acção, dos prisioneiros invalidos, ou dos presos civis, as tentativas constantes para tornar menos damnosas aos povos as consequencias da guerra, são eloquente testemunho do animo solícito e caridoso do Pontifice. Quiz ainda Bento XV realizar pelo Natal uma tregua entre os combatentes, como mais ou menos se tem esforçado para que as ideias de paz façam caminho entre os chefes das nações em guerra. E se é preciso facto que demonstre a crescente importancia da acção diplomatica da Santa Sé, está na nomeação d'um Embaixador Extraordinario da Gran-Bretanha junto ao

Vaticano. A proxima partilha do Imperio Turco não é com certeza das causas que menos influiriam em tal nomeação, como por outro lado demonstra a incapacidade do regimen radical francez em subir á altura das exigencias da acção nacional. Como o governo da republica aqui de Lisboa, o governo francês continua a ignorar o Papa. Em presença do que se está passando no mundo é preciso confessar que é uma singular cegueira. Tanto peor porque é voluntaria.

Ninguem póde duvidar que a guerra actual deva modificar consideravelmente a carta politica não só da Europa mas do mundo todo, influindo por outro lado decisivamente na orientação da civilisação humana. Representa o systema politico d'onde surgiu a conflagração presente, o predominio dos factores materiaes sobre os d'ordem moral. Seria a victoria dos primeiros a nosso vêr a consequencia do triumpho do lutheranismo. Basta apontar um tal perigo para reconhecer qual a instituição ou a força social necessaria á reivindicação dos direitos da liberdade humana, e da justiça. É a Igreja Catholica, como depositaria da verdade do christianismo e pelo seu character de universalidade. Não nos parece utopia prever para Ella, no seculo actual, uma participação na ordem social, uma acção na vida dos povos que o Seculo XIX julgou um momento ter definitivamente acabado. Surgirá, do meio das competencias internacionaes, como suprema representação d'aquella idealidade superior, e do valor indestructivel d'aquellas instituições sem as quaes a civilisação, por mais scientifica e progressiva que se apresente, outra coisa não é senão o disfarce d'uma barbarie brutalmente material.

A intensidade da acção anti-clerical durante a guer-

ra, revela bem quanto é temida a victoria da Igreja. Desde a interview Latapie á missão pacifica do Cardeal Gibbons junto do Presidente Wilson nada tem faltado para desnortear o sentimento catholico, fazendo-lhe perder a confiança na attitude da Santa Sé. Mas como exactamente o notava o Cardeal Gasparri a proposito da primeira, são os documentos officiaes, os unicos competentes para servir aos fieis de guia e norma. Já as palavras pronunciadas no consistorio de 22 de janeiro eram de natureza a não deixar duvidas sobre a attitude da Santa Sé no conflicto formidavel que assolava o mundo. Dizia com effeito Bento XV:

«Se não nos é dado apressar o fim d'um flagello tão grave, possamos ao menos attenuar-lhe as dolorosas consequencias. Temo-nos empregado nisso tanto quanto está em nosso poder, vós o sabeis, e não deixaremos de continuar a faze-lo para o futuro emquanto a necessidade o exigir.

O nosso Munus Apostolico não nos permite hoje ir mais longe. *Quanto a proclamar que não é licito a ninguém, seja porque motivo fôr, lesar a justiça*, é encargo que no mais alto grau pertence ao Soberano Pontifice, como Aquelle constituido por Deus interprete Supremo e defensor da Lei Eterna. E proclamamo-lo sem rebuço, reprovando altamente toda a injustiça, de qualquer lado que tenha sido cometida. Mas não seria conveniente nem util envolver a Autoridade Pontifical nos litigios entre os belligerantes.

A qualquer espirito ponderado é por certo evidente que neste temivel conflicto, a Santa Sé, sem deixar de se preocupar com elle extremamente, é obrigada a guardar uma completa imparcialidade ».

Justifica o Santo Padre esta asserção, de si evidente, com as obrigações que incumbem ao Pontifice Romano, vigario de Jesus Christo, « morto por todos os homens e por cada um », e continua :

« Comtudo sem adherir a nenhum dos partidos, preocupamo-nos egualmente com um e com outro, e ao mesmo tempo seguimos com anciedade e angustia as terribes phases desta guerra tanto mais para receiar, que a *violencia do ataque ultrapassa por vezes toda a medida*. O nosso pensamento, comtudo, como é natural, volta-se mais depressa para onde encontra mais vivo o respeitoso acatamento ao Pae Commum dos fieis, e isto refere-se por exemplo, *ao bem amado povo belga*, como o testemunha a carta que em tempos dirigimos ao Cardeal Arcebispo de Malines.

E Nós fazemos aqui apêllo ao sentimento de humanidade d'aquelles *que atravessaram as fronteiras das nações adversas para os conjurar a não devastar as regiões invadidas* alem do que é estrictamente exigido pelas necessidades da occupação militar, e o *que importa mais ainda, a não ferir os habitantes no que têm de mais caro, os templos sagrados, os ministros de Deus, os direitos da Religião e da fé*; porque para aquelles que vêem a sua Patria occupada pelo inimigo, Nós comprehendemos muito bem quanto lhes deve ser duro acharem-se submettidos ao jugo do estrangeiro, mas não Quereríamos que o desejo ardente de recobrar a sua independencia os levasse especialmente a impedir a manutenção da ordem publica e a agravar portanto muito a sua posição. »

Não temos aqui da bocca do Summo Pontifice a confirmação da doutrina do Cardeal Mercier na sua admiravel pastoral do Natal de 1914:

«...Eu considero como uma obrigação do meu Munus Pastoral definir os vossos deveres de Consciencia em face do poder que invadiu o nosso solo e que, momentaneamente, occupa a maior parte d'elle.

Este poder não é uma autoridade legitima. E, portanto, no intimo da vossa alma, não lhes deveis estima, acatamento, ou obediencia.

O unico poder legitimo na Belgica é o que pertence ao nosso Rei, ao seu governo, aos representantes da nação. Elle só é para nós a autoridade. Elle só tem direito á afeição de nossos corações, á nossa submissão.

Os actos da administração publica do occupante não teriam vigor por si proprios, mas a autoridade legitima ratifica tacitamente os que são justificados pelo interesse geral, e dessa ratificação lhes vem o seu valor juridico.

Provincias occupadas não são provincias conquistadas. A Belgica não é Provincia alleman, como a Galicia não é Provincia russa.

Comtudo a parte occupada do país está numa situação de facto que deve lealmente suportar. A maior parte das cidades entregaram-se ao inimigo: devem respeitar lealmente as condições dessa rendição.

Desde o principio das operações militares, as autoridades civis do país recommendaram com instancia aos particulares que se abstivessem d'actos de hostilidade para com o exercito inimigo. Estas recommendações ficam em vigôr.»

Aqui temos a razão do odio persistente e pertinaz do anti-clericalismo: a energica reivindicção da justiça, que a *ninguem é licito* lesar seja por que motivo fôr; a proclamação em face da Força Triumphante, dos direi-

tos mantidos pela *Lei Eterna!* «Não! A patria não é um Deus Moloch sobre cujo altar todas as vidas possam ser legitimamente sacrificadas».

«A brutalidade dos costumes pagãos e o despotismo dos Cesares tinham levado a esta aberração — e o militarismo moderno tendia a fazê-la reviver — que o Estado é omnipotente, e que o seu poder discricionario cria o Direito».

Mas a doutrina da omnipotencia do Estado é ainda a doutrina maçonica por excellencia, por isso a maçonaria só exteriormente e para o vulgo está contra a Alemanha. De facto nunca teve melhor alliado que a philosophia que criou a pavorosa mentalidade contra cujas manifestações tão alto se levanta o protesto da Igreja. D'ahi a crescente intensidade dos ataques contra ella. Alluida a formidavel força do omnipotente Estado Alemão, está por terra a mais solida estructura da anti-religião.

Mas o Santo Padre apella para os *espíritos ponderados*, e a ponderação não faz parte do cabedal mental dos inimigos da Igreja. Ao completar-se o anno de guerra, dirigiu o Summo Pontifice um manifesto ou apêllo á paz:

«As palavras de paz e amôr foram as primeiras que dirigimos ás nações e aos seus chefes, como Pastor Supremo das almas.

O nosso conselho affectuoso e insistente, de Pae e d'Amigo, não foi ouvido. Isto augmenta a nossa dôr, mas não abala a nossa resolução. Continuamos a dirigir-nos confiadamente ao Omnipotente, que tem nas suas mãos os espiritos e os corações dos subditos e dos Reis, implorando o fim do immenso flagello...

Hoje neste triste anniversario do dia em que reben-

tou este terrivel conflito, sahe mais ardente do nosso coração o desejo de que a guerra termine depressa. Elevamos mais alto a voz para lançar o brado paterno da paz. Possa este brado, dominando o pavoroso ruido das almas chegar aos belligerantes e aos seus chefes, dispondo uns e outros atenções mais mansas e mais serenas...

Vós que tendes diante de Deus e diante dos homens a terrivel responsabilidade da paz e da guerra, escutae os nossos rogos; escutae a voz paterna do Vigario do Juiz Eterno e Supremo, a Quem deveis contas das vossas emprezas publicas como das vossas acções privadas. As riquezas abundantes que o Deus creador deu ás vossas terras permitem-vos continuar a luta. Porque preço, dizem-no os milhares de vidas moças diariamente ceifadas nos campos de batalha; porque preço, dizem-no as ruinas de tantas cidades e aldeias, de tantos monumentos devidos á piedade e ao genio dos antepassados, as lagrimas amargas derramadas no segredo do lar domestico e ao pé dos altares. Não repetem ellas tambem que o preço da prolongação da luta é caro e muito caro?

Porque não pesar desde já, com serena confiança, *os direitos e as justas aspirações dos povos?*...

Façamos votos pela reconciliação dos Estados.

Restabelecido uma vez o imperio do direito, decidam elles confiar d'oravante a solução dos seus conflitos, não ao fio da espada, mas ás razões de justiça e equidade, estudadas com a calma e ponderação necessarias. Será a mais bella e gloriosa conquista.»

Não nos parece que na Bulla d'excomunhão de Napoleão quando da invasão dos Estados Pontificios, o

Imperador fosse mais expressamente designado do que neste manifesto o é quem o Santo Padre afirma *ter diante de Deus e diante dos homens a terrível responsabilidade da paz e da guerra*: não havia ainda quinze dias que viera a publico a carta do Cardeal Gasparri ao ministro belga junto da Santa Sé, Van den Heuve, no qual se lia: ¹

«—Relativamente á neutralidade da Belgica eu devo confirmar a Vossa Excellencia da maneira mais categorica, que o Santo Padre não deu a Mr. Latapie a resposta que este ousou imaginar e relatar no seu artigo.

Eis a verdade sobre este assumpto:

O chanceler do Imperio allemão, Mr. de Bethmann Hollweg, declarou abertamente a 4 d'agosto de 1914, em pleno Parlamento que, invadindo o territorio belga, a Allemanha violava a neutralidade belga, em opposição ás leis internacionaes. D'ordinario, no conflicto actual, uma parte accusa, outra nega, e a Santa Sé não se podendo esclarecer por meio d'um inquerito acha-se na impossibilidade de se pronunciar. No caso presente, pelo contrario, o chanceler allemão reconheceu que a invasão da Belgica era uma violação da neutralidade contraria ás leis internacionaes ainda que a declarasse justificada pela necessidade militar. *A invasão da Belgica* acha-se *por tanto directamente comprehendida nas palavras da allocução consistorial de 12 de janeiro ultimo*, pelas quaes o Santo Padre reprova altamente qualquer injustiça de qualquer lado e por qualquer motivo que seja cometida. No intervallo é certo que a Allemanha publicou alguns documentos do Estado Maior belga donde ella se pro-

¹ A carta tem a data de 6 de julho.

poz tirar a prova de que a Belgica tinha faltado aos deveres da neutralidade e que por consequencia esta não existia já na occasião da invasão. Não pertence á Santa Sé dirimir este pleito historico e um tal juizo não é necessario ao seu fim. *Mesmo admittindo o ponto de vista allemão ficaria sendo sempre verdade, como o confessou o chanceler, que se entrou no territorio belga com a consciencia de lhe violar a neutralidade, e portanto, de commetter uma injustiça.* Isto basta que para tal acto fique comprehendido directamente nos termos da allocução pontifical ».

Neste documento, como acabamos de ler, a Santa Sé toma positivamente a defeza da Belgica, reprovando declaradamente a violação da neutralidade e o ataque á sua independencia. Quer dizer, Bento xv fez o que nenhum outro chefe d'Estado neutro, sem excluir o Presidente Wilson, ousou ainda fazer: protestou publicamente contra a violação do Direito, e fe-lo como *Interprete Supremo e Defensor da Lei Eterna.*

D'onde vem pois a maré d'improperios com que o apello á Paz foi recebido pelo anti-clericalismo? Não deve essa paz *pesar os direitos e as justas aspirações dos Povos?* Não se deverão reconciliar os Estados, restabelecido que seja o Imperio do Direito? Não representa pois o brado angustioso do Augusto Pontifice mais um protesto contra a Força? E não procedeu Elle uma vez ainda segundo o seu direito e o seu dever strictos?

Mas quem protesta é sobretudo a França anti-clerical. Ella tem conseguido ser a unica entre as nações belligerantes sem representação official junto da Santa Sé. Ella sente que a *França, tout court*, segundo a propria expressão de Bento xv só pode retomar o seu lugar ao lado do Papa. Sabe que da separação dos dois

resultou a força alleman. E atacando a Santa Sé, como verdadeiro inimigo interno, que é, elle, o anti-clericalismo, faz tambem ainda o jogo do estrangeiro.

Esta attitude é tanto mais para admirar que os chefes do anti-clericalismo, com Mr. Clémenceau á frente tem declarado repetidas vezes não conhecerem o Papa: « nós não sabemos quem é o Papa ». Singular é pois a força desse *desconhecido* que tanto se quer ter pelo seu lado. Mas a estranheza sobe de ponto ao reparar que de facto o governo francez é o unico com esse nome que ignora a Santa Sé oficialmente, como atraz dissemos. Reconhecendo a fraqueza, é o termo proprio, da situação em que propositadamente se collocava a Entente pela carencia de quem em Roma defenda os interesses francezes, a Gran-Bretanha nomeou ha muito como enviado seu, um catholico diplomata de carreira Sir Henry Howard; com a chegada d'elle a Roma não ha duvida que a situação exclusiva das representações dos Impérios do Centro, desappareceu. E a Santa Sé já não tem perante si apenas um dos litigantes da contenda actual.

Não é indifferente notar quanta opposição da parte da Austria foi necessaria vencer sob Pio X para poder ser assignada a concordata com a Serbia: era muito duro para a Monarchia dualista abandonar o padroado dos Catholicos nos Balcans, um dos mais efficazes meios d'acção da sua politica. Não ha duvida de que em futura situação balcanica esta situação ha-de ter influencia decisiva. Nem é para duvidar que os muitos problemas que levanta, sob o ponto de vista religioso, a desappareição do Imperio Turco, não tenham contribuido poderosamente para que a Gran-Bretanha tenha ha já 9 me-

zes a sua representação junto do Vaticano. Ainda aqui a França, herdeira do glorioso padroado catholico no Oriente, deserta oficialmente desse posto d'honra.

A Hollanda, nação neutral, e que não tem nem ao longe interesses analogos de que cuidar, tambem recentemente resolveu nomear representação sua junto da Santa Sé. Não julgamos pois que a declaração de não conhecer o Papa, a negação do facto historico mais importante na vida da humanidade, seja digna d'um homem d'Estado nem muito menos represente sob qualquer ponto de vista uma defeza dos interesses superiores da nação.

FIM

INDICE

	Pags.
Prefacio	1
A «Veld politik» e a crise	15
A Guerra Alleman	37
O Imperio britannico na guerra actual	59
A campanha de França	85
A Serbia heroica	115
Os Russos	123
A politica dualista	135
A Derradeira Cruzada	151
Os Dardanellos	161
A Italia na Guerra	173
A Guerra no mar, e a queda do Imperio Colonial Allemão	189
A guerra no sul d'Africa	203
A Campanha da Russia	213
A crise da Democracia	229
A significação da guerra.	257
Germanismo e Catholicismo	265
A Igreja na guerra actual	271

INDICE

274	A. 1.ª parte
273	A. 2.ª parte
272	A. 3.ª parte
271	A. 4.ª parte
270	A. 5.ª parte
269	A. 6.ª parte
268	A. 7.ª parte
267	A. 8.ª parte
266	A. 9.ª parte
265	A. 10.ª parte
264	A. 11.ª parte
263	A. 12.ª parte
262	A. 13.ª parte
261	A. 14.ª parte
260	A. 15.ª parte
259	A. 16.ª parte
258	A. 17.ª parte
257	A. 18.ª parte
256	A. 19.ª parte
255	A. 20.ª parte
254	A. 21.ª parte
253	A. 22.ª parte
252	A. 23.ª parte
251	A. 24.ª parte
250	A. 25.ª parte
249	A. 26.ª parte
248	A. 27.ª parte
247	A. 28.ª parte
246	A. 29.ª parte
245	A. 30.ª parte
244	A. 31.ª parte
243	A. 32.ª parte
242	A. 33.ª parte
241	A. 34.ª parte
240	A. 35.ª parte
239	A. 36.ª parte
238	A. 37.ª parte
237	A. 38.ª parte
236	A. 39.ª parte
235	A. 40.ª parte
234	A. 41.ª parte
233	A. 42.ª parte
232	A. 43.ª parte
231	A. 44.ª parte
230	A. 45.ª parte
229	A. 46.ª parte
228	A. 47.ª parte
227	A. 48.ª parte
226	A. 49.ª parte
225	A. 50.ª parte
224	A. 51.ª parte
223	A. 52.ª parte
222	A. 53.ª parte
221	A. 54.ª parte
220	A. 55.ª parte
219	A. 56.ª parte
218	A. 57.ª parte
217	A. 58.ª parte
216	A. 59.ª parte
215	A. 60.ª parte
214	A. 61.ª parte
213	A. 62.ª parte
212	A. 63.ª parte
211	A. 64.ª parte
210	A. 65.ª parte
209	A. 66.ª parte
208	A. 67.ª parte
207	A. 68.ª parte
206	A. 69.ª parte
205	A. 70.ª parte
204	A. 71.ª parte
203	A. 72.ª parte
202	A. 73.ª parte
201	A. 74.ª parte
200	A. 75.ª parte
199	A. 76.ª parte
198	A. 77.ª parte
197	A. 78.ª parte
196	A. 79.ª parte
195	A. 80.ª parte
194	A. 81.ª parte
193	A. 82.ª parte
192	A. 83.ª parte
191	A. 84.ª parte
190	A. 85.ª parte
189	A. 86.ª parte
188	A. 87.ª parte
187	A. 88.ª parte
186	A. 89.ª parte
185	A. 90.ª parte
184	A. 91.ª parte
183	A. 92.ª parte
182	A. 93.ª parte
181	A. 94.ª parte
180	A. 95.ª parte
179	A. 96.ª parte
178	A. 97.ª parte
177	A. 98.ª parte
176	A. 99.ª parte
175	A. 100.ª parte

Ps. Inc. argu

ULTIMAS EDIÇÕES

DA

LIVRARIA MAGALHÃES & MONIZ

11, Largo dos Loyos, 14

PORTO

A. Eça de Queiroz

NA FRONTEIRA — (As incursões monarchicas de 1911 e 1912).

Um bello volume . . . 800 rs.
Enc. em percalina . . . 1\$000 »

Antonio da Penha e Costa

SOL QUE NASCE . . . — (Scenas da vida politica).

Um vol. de 458 pag. . . . 700 rs.

Almada Lacerda

UNICO REY.

Um folheto 120 rs.

Joaquim Leitão

ANNAES POLITICOS DA REPUBLICA PORTUGUEZA, 1 vol. . . . 800 rs.

B. V. Moreira de Sá

GRAMMATICA INGLEZA THEORICA E PRATICA.

Um vol. cartonado. 1\$200 rs.

VOCABULARIO INGLEZ-PORTUGUEZ.

Um vol. enc. em percalina 500 rs.

Luiz de Magalhães

PORTUGAL E A GUERRA.

Um folheto 400 rs.

No Prelo:

O «BON-ODORI» em Tokushima, por Wenceslau de Moraes.

SYMPHONIA HEROICA, por T. de Queiroz — 2.^a edição.

NB

